

**LIÇÕES DE
TEXTO**

**APOSTILA
DE
EXERCÍCIOS**

EXERCÍCIO 1

O texto que segue é o capítulo LXVIII do livro **Memórias póstumas de Brás Cubas**, de Machado de Assis.

O VERGALHO

Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, por aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa. Interrompeu-mas um ajuntamento; era um preto que vergalhava outro na praça. O outro não se atrevia a fugir; gemia somente estas únicas palavras:

— “Não, perdão, meu senhor; meu senhor, perdão!” Mas o primeiro não fazia caso, e, a cada súplica, respondia com uma vergalhada nova.

— Toma, diabo! dizia ele; toma mais perdão, bêbado!

— Meu senhor! gemia o outro.

— Cala a boca, besta! replicava o vergalho.

Parei, olhei... Justos céus! Quem havia de ser o do vergalho? Nada menos que o meu moleque Prudêncio, — o que meu pai libertara alguns anos antes. Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me a bênção; perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele.

— É, sim, nhonhô.

— Fez-te alguma coisa?

— É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber.

— Está bom, perdoa-lhe, disse eu.

— Pois não, nhonhô. Nhonhô manda, não pede. Entra para casa, bêbado!

Saí do grupo, que me olhava espantado e cochichava as suas conjeturas. Segui caminho, a desfiar uma infinidade de reflexões, que sinto haver inteiramente perdido; aliás, seria matéria para um bom capítulo, e talvez alegre. Eu gosto dos capítulos alegres; é o meu fraco. Exteriormente, era torvo o episódio do Valongo; mas só exteriormente. Logo que meti mais dentro a faca do raciocínio achei-lhe um miolo gaiato, fino, e até profundo. Era um modo que o Prudêncio tinha de se desfazer das pancadas recebidas, - transmitindo-as a outro. Eu, em criança, montava-o, punha-lhe um freio na boca, e desancava-o sem compaixão; ele gemia e sofria. Agora, porém, que era livre, dispunha de si mesmo, dos braços, das pernas, podia trabalhar, folgar, dormir, desagrilhoado da antiga condição, agora é que ele se desbancava: comprou um escravo, e ia-lhe pagando, com alto juro, as quantias que de mim recebera. Vejam as sutilezas do maroto!

Machado de Assis. **Memórias póstumas de Brás Cubas** São Paulo, Ática, 1995. p. 100-1.

QUESTÃO 1

Os dois personagens centrais dessa narrativa vêm indicados por duas designações iniciais:

um preto ... outro (“era um preto que vergalhava outro na praça”. Como no interior de um texto, uma passagem explica outra, cada um desses personagens vem designado por outras palavras assim distribuídas ao longo do texto:

UM PRETO	OUTRO
meu senhor	o outro
o primeiro	Diabo
Ele	Bêbado
meu senhor	o outro
o vergalho	Besta

o do vergalho	aquele preto, escravo
o meu moleque Prudêncio	vadio, bêbado
o que meu pai libertara	Ele
Ele	Ele
Lhe	Lhe
Dele	Bêbado
Te	a outro
o Prudêncio	um escravo
o, lhe	Lhe
o, ele	
de si mesmo	
ele, se	
do maroto	

Como se pode notar, esses dois grupos de palavras servem para costurar entre si várias passagens do texto e também para o narrador ir construindo o perfil de cada uma das personagens. Na coluna 1, além dos pronomes (*ele, lhe, dele, te* etc.), que servem para evitar repetições enfadonhas e para indicar correlações entre passagens do texto, ocorrem palavras e expressões com que o narrador dá informações sobre Prudêncio e traduz o modo como este trata o outro preto.

- Que informações importantes o narrador nos dá sobre Prudêncio?
- Como define o modo de Prudêncio tratar o escravo que adquirira depois de libertado?

QUESTÃO 2

Na coluna 2, ao lado dos pronomes que se referem ao escravo que era açoitado, existem palavras que, de um lado, servem para confirmar o autoritarismo e a crueldade de Prudêncio, de outro, servem para indicar a imagem que Prudêncio fazia de seu escravo.

- Cite algumas dessas palavras.
- Qual é a imagem que criam do escravo segundo Prudêncio?

QUESTÃO 3

As palavras ou frases exclamativas servem para exprimir sentimentos de variados tipos: horror, espanto, desespero, raiva, medo, etc. No interior do texto ocorre a seguinte exclamação: *“Justos céus!”*

- De que personagem procede esse grito?
- Que tipo de sentimento exprime?
- Que tipo de ocorrência provocou tal sentimento no narrador?

QUESTÃO 4

- Quais são as palavras que o homem chicoteado usa para tratar o seu atual senhor?
- Quais as que Prudêncio usa para se dirigir ao narrador? Qual o seu significado?
- Considerando o grau de formalidade próprio de cada uma dessas expressões, quem é que demonstra menos intimidade no trato com o seu superior hierárquico?

QUESTÃO 5

Na sua opinião, o capítulo em questão mostra um narrador preocupado com a instituição escravagista ou apenas preocupado em revelar formas do comportamento humano?

QUESTÃO 6

O narrador diz que gosta dos capítulos alegres.

- O capítulo em questão é alegre?

b) Fundamente sua resposta.

QUESTÃO 7

No diálogo entre Nhonhô e Prudêncio, a linguagem do ex-escravo é marcada por desvios da norma culta da língua, em contraste com a do seu ex-senhor, absolutamente ajustada às prescrições gramaticais: a colocação pronominal e a coerência no uso das pessoas do pronome e do verbo são índices disso (“*Fez-te*”; “*perdoa-lhe*”).

a) Cite, na fala de Prudêncio, alguns desvios da língua culta escrita.

b) Considerando que, num texto, todas as ocorrências contribuem com o sentido global, tente interpretar a função desses desvios da língua culta para a caracterização da personagem Prudêncio.

QUESTÃO 8

Levando em conta o texto na sua totalidade, podemos dizer que nele:

a) o narrador ironiza, com certo amargor, o procedimento do seu ex-escravo.

b) Prudêncio, a julgar por esse espetáculo, é tão severo com o seu escravo quanto com o seu ex-senhor.

c) o narrador apresenta plenas justificativas para o mau comportamento do seu ex-escravo.

d) o narrador tenta explicar os motivos que levam um homem a odiar outro.

e) o narrador se mostra surpreso com a reação do homem chicoteado perante as vergalhadas de seu senhor.

QUESTÃO 9 (VUNESP)

A maior injustiça que eu ainda vi desenfreada e às soltas na face da terra foi a que prendeu os senhores Almeida e Manuel Caetano, a propósito de uma tentativa de roubo ao senhor Lobo da Reboleira.

Vinham aqueles inofensivos cidadãos pelo seu caminho, mansos e quietos, e desprendidos de cobiça. Passaram à porta do capitalista no momento em que o senhor Lobo escorregava nas escadas íngremes e oleosas de sua casa, gritando que andavam ratoneiros lá dentro. O senhor Almeida, quando tal ouviu, receou que o tomassem por um dos salteadores, e estugou o passo. O senhor Manuel Caetano, menos amedrontado das suspeitas, mas temeroso de ser chamado como testemunha, fugiu também. Os vizinhos do senhor Lobo, vendo fugirem dois homens, e ouvindo os gritos da criada do milionário, correram atrás deles, e, auxiliados pela guarda do Banco, apanharam-nos. São o queixoso e sua criada, convidados a reconhecer os ladrões, e não os conhecem. São chamados os vizinhos, que os perseguiram, e asseveraram a identidade das pessoas.

Aqui está a história contada pelos presos, únicos, a meu ver, que a podem contar como ela foi. Mas haverá de oito meses que estão esperando que os julguem. Tomou cargo de defesa Marcelino de Matos.

Se o júri provar a inocência destes dois homens, qual é o artigo da lei que impõe no ministério público o sacratíssimo dever de os indenizar?

Camilo Castelo Branco. **Memórias do cárcere**. Lisboa, A. M. Pereira, 1966. v. 2, p. 120-1.

No excerto que lhe apresentamos, há pelo menos duas palavras que não são comuns no português coloquial brasileiro: *ratoneiros*, *estugar*. O contexto, no entanto, permite entender o que significam. Releia o texto de Camilo, e a seguir indique:

a) o sentido das duas palavras;

b) os elementos contextuais que permitem entender tal sentido.

QUESTÃO 10 (FUVEST)

Aquela senhora tem um piano

Que é agradável mas não é o correr dos rios
Nem o murmúrio que as árvores fazem...

Por que é preciso ter um piano?
O melhor é ter ouvidos
E amar a natureza.

Alberto Caeiro (heterônimo de Fernando Pessoa).

Que simboliza o piano no poema?

EXERCÍCIO 2

Pequeno tratado do malcriado brasileiro¹

I. Marcos G., publicitário bem-sucedido, rico, 38 anos, deu uma mountain bike importada - preço por volta de seus R\$500,00 - para o filho Bruno G., 9 anos. Era um presente de aniversário. Marcos e família moram em Alphaville, um condomínio da alta classe média da região periférica de São Paulo, concebido dentro dos padrões dos melhores subúrbios americanos; aí, as bicicletas das crianças costumam corresponder em estilo, origem e preço aos carros dos pais. Passada uma semana do aniversário, Marcos notou que o filho brincava a pé. Perguntou pelo presente, e o menino desconversou. Confessou depois muito embaraçado que a bicicleta fora, ahn, expropriada por Pedro A. C., 10 anos, filho do bem-sucedido empresário da construção civil Carlos Alberto C., rico, por volta dos 40, 42 anos, morador daquela casa enorme na quadra de cima. Marcos bateu à casa de Carlos Alberto. O próprio Carlos Alberto atendeu. "Vim buscar a bicicleta do Bruno, que o Pedro tomou emprestada", disse Marcos. Carlos Alberto não gostou: "Me diz o preço dessa m... aí que eu pago". Marcos disse que a bicicleta não estava à venda, entrou para pegá-la, e voltou para casa.

II. Alphaville é apenas um dos enclaves sociais de elite que se disseminam pelas grandes cidades brasileiras, espécies de guetos às avessas, que variam nas características e concordam no propósito. No gueto chique do Morumbi, na Zona Sul de São Paulo, por exemplo, o afastamento é determinado por lombadas e cancelas — uma das formações defensivas mais comuns aos bairros nobres das capitais do país. Com um acintoso agravante: aí o espaço de defesa é tomado à cidade. Em dezenas de ruas públicas e centrais do bairro, lombadas a cada cem metros e cancelas às extremidades, operadas por guardas armados, lembram ao caminhante eventual — caso lhe dêem passagem - que trafega em propriedade alheia. As ruas foram expropriadas à comunidade, como a bicicleta do menino em Alphaville, para o erguimento da paliçada. O chamado fosso social nunca foi tão explícito.

III. O fenômeno chegou a ser observado além-fronteiras e nos Estados Unidos mereceu a tese de um scholar, Michael Lind, editor de influente publicação americana, o *The New Republic*. Aí ganhou caráter de perigosa tendência social e um nome: em seu livro *The Next American Nation*, ainda sem edição brasileira, Lind chama o processo de entrincheiramento das elites de brasilianização. Ele cunhou o termo para explicar "a crescente retirada das classes superiores para trás das barricadas de uma própria nação-dentro-da-nação, um mundo de bairros privados, escolas privadas, polícia privada, saúde privada e até mesmo ruas privadas, muradas contra a miséria ao redor".

Lind refere-se às evidências ainda escassas - que considera ameaçadoras - da tendência nos Estados Unidos, mas reconhece no Brasil sua origem e sua forma instituída.

IV. Sob a rubrica desse egoísmo terminal - que não apenas usa o outro, mas o elimina - é possível sistematizar e catalogar um rol de atitudes típicas, até então aparentemente desconectadas. O caso do lixo, por exemplo: na cabine do sempre limpíssimo carro - importado, nacional, velho ou novo, o carro é alma da célula brasilianizada - o lixo não fica; fora, pode ficar, já que o lado de fora, viu-se, é um lugar que não existe. Abre-se a porta do elevador e o malcriado, único desenvolvido no país, não espera que as pessoas saiam lá de dentro: ele caminha diretamente rumo ao fundo do elevador, como se entre almas. O sinal fecha, o motorista mais malcriado em todo o mundo interrompe o cruzamento do tráfego transversal; fora da sua própria cabine em movimento não há tráfego: esse indivíduo que não acredita em vida além da sua produz 50 mil mortes,

¹

Reportagem de Wagner Carelli, publicada pela revista *Carta Capital* (15: 12-25, out. 1995).

anualmente, quase a metade em atropelamentos.

QUESTÃO 1

No trecho I, há uma passagem que ilustra exemplarmente a expressão “Malcriado Brasileiro”, que consta do título da reportagem.

- a) Transcreva essa passagem.
- b) Que indicadores de má-criação estão presentes nessa passagem?
- c) Opondo-se a esse discurso do “brasileiro malcriado”, circula, dentro da nossa cultura, um outro discurso que serve para demonstrar que, por trás do ponto de vista defendido por um, existe um ponto de vista contrário, mesmo que não venha explícito. Qual é o discurso que afirma um ponto de vista oposto ao que vem explícito no trecho I?

QUESTÃO 2

Há uma concepção segundo a qual a riqueza é fruto da injustiça e, por isso, não deve ser motivo de exibicionismo mas de culpa por parte de quem a possui. É o que diz este pensamento de Montesquieu: “*As riquezas são uma injustiça que se deve reparar, e poder-se-ia dizer: ‘Desculpem-me, se sou rico’*”.

Meus pensamentos. *Apud RÓNAI, Paulo. Dicionário universal Nova Fronteira de citações. Rio de Janeiro, Nova Fronteira. 1985.p. 852.*

- a) Ainda no trecho I, há uma passagem que se opõe frontalmente a esse ponto de vista. Transcreva-a.
- b) Explique a sua resposta.

QUESTÃO 3

O trecho que vem a seguir, retirado da revista *Veja*, é exemplar para demonstrar a heterogeneidade de vozes (pontos de vista) presentes no discurso:

Patrões de um lado, empregados de outro. Os primeiros sobem e descem pelo elevador social. No de serviço, com sacos de lixo e carrinhos de compras, vão as empregadas domésticas, os motoristas e os entregadores de pizza. Essa divisão já é considerada contravenção em São Paulo. É o que garante o projeto de lei elaborado pela vereadora Aldaíza Sposati (PT) e sancionado pelo prefeito Paulo Maluf. A partir de agora, quem impedir a empregada de usar o elevador social ou obrigar a manicure a subir pelo de serviço poderá pagar uma multa de 1185 reais. (Revista *Veja*, :39, 24jan. 1996.)

Como se vê, numa sociedade complexa, uma questão posta em debate gera opiniões divergentes, variando de grupo para grupo. No texto de *Veja*, estão explícitos dois pontos de vista opostos sobre uma única questão:

- a) Quais são esses pontos de vista?
- b) Qual desses pontos de vista corresponde ao do “brasileiro malcriado”? Explique por quê.
- c) No trecho II, o autor da reportagem da revista *Carta* faz um relato sobre “O gueto chique do Morumbi”. O que vem relatado aí opõe-se a qual dos pontos de vista explícitos no trecho da revista *Veja*? Explique sua resposta e transcreva uma passagem que sirva para ilustrá-la.

QUESTÃO 4

Observe a citação que segue, um fragmento do livro *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda:

[...] daremos ao mundo o “homem cordial”. A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade [...] representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro...

Sérgio Buarque de Holanda. **Raízes do Brasil**. 5. ed., rev. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969. p. 106.

No trecho III, o termo *brasilianização* confirma ou nega o conteúdo da citação

acima? Por quê?

QUESTÃO 5

No discurso do homem que se chama de civilizado, a palavra *urbanidade* designa a qualidade própria da pessoa bem-educada, polida, que age com decência. O termo *rústico*, por oposição, indica qualidade de quem é grosseiro, rude, malcriado. Trata-se de palavras carregadas de preconceito social, já que, segundo a origem latina, *urbanidade* é a qualidade de quem vive na cidade [*urbs* em latim = cidade); *rústico* é próprio de quem vive no campo [*rus* em latim = campo, região agrária, espaço rural).

- a) Levando em conta esses dados, os relatos contidos no trecho IV se opõem ou se ajustam ao conceito de urbanidade do discurso do homem que se diz civilizado?
- b) Dentro do discurso do homem urbanizado, a boa educação se caracteriza por certas atitudes como: polidez (= delicadeza, cortesia); altruísmo (o oposto do egoísmo, consideração e respeito pelo outro); a compaixão (= sentimento humanitário, preocupação com o bem-estar do próximo, aflição com a dor alheia).

Transcreva, do trecho IV, atitudes que contrariam: a polidez; o altruísmo; a compaixão.

QUESTÃO 6

Da leitura dos quatro trechos, pode-se concluir que:

- a) o autor da reportagem dá mostras claras de que se opõe ao ponto de vista daqueles que defendem o discurso favorável ao fenômeno da “brasilianização”.
- b) o autor da reportagem se opõe ao ponto de vista de Michael Lind sobre o discurso da “brasilianização”, considerando que não se trata de um fenômeno exclusivo do Brasil e, por isso, o autor americano é injusto para com os brasileiros.
- c) entre o ponto de vista do autor da reportagem e o do intelectual americano Michael Lind não há nenhuma oposição já que ambos consideram a “brasilianização” como uma ameaça futura para o Brasil e para os Estados Unidos.
- d) o autor da reportagem faz questão de repetir muitas vezes o fato de que, ao lado do brasileiro malcriado, existe um outro tipo de brasileiro cordial, afável e generoso.
- e) o texto todo da reportagem adverte que nos Estados Unidos o fenômeno da “brasilianização” é mais disseminado do que no Brasil e, por isso, não há razão para designar tal conduta social com um nome que ofende o nosso sentimento de nacionalidade.

EXERCÍCIO - 03

Pra que mentir?

Vadico e Noel Rosa

Pra que mentir
Se tu ainda não tens
Esse dom de saber iludir
Pra quê? Pra que mentir,
Se não há necessidade de me trair?

Pra que mentir
Se tu ai ainda não tens
A malícia de toda mulher?
Pra que mentir, se eu sei
Que gostas de outro
Que te diz que não te quer?

Pra que mentir tanto assim
Se tu sabes que eu sei
Que tu não gostas de mim?
Se tu sabes que eu te quero
Apesar de ser traído
Pelo teu ódio sincero



Ou por teu amor fingido?

Dom de iludir

Caetano Veloso

Não me venha falar da malícia
de toda mulher,
Cada um sabe a dor e a delícia
de ser o que é.
Não me olhe como se a polícia
andasse atrás de mim.
Cale a boca, e não cale na boca
notícia ruim.

Você sabe explicar
Você sabe entender, tudo bem.
Você está, você é, você faz,
Você quer, você tem.
Você diz a verdade, e a verdade
é seu dom de iludir.
Como pode querer que a mulher
vá viver sem mentir.

Pelo conhecimento que se tem da vida de Noel Rosa, sabe-se que a composição “Pra que mentir?” foi motivada por uma de suas relações amorosas, talvez a mais marcante de toda a sua agitada vida passional. Ceci, que Noel conheceu no cabaré Apollo, Rio de Janeiro, numa festa de São João, e de quem nunca mais se desligou, é a fonte de inspiração dessa canção de parceria com Vadico.

Na ocasião em que Noel compôs a música, Ceci dividia seu coração com ele e Mário Lago, o famoso compositor de “Saudades da Amélia”. Apesar de Ceci não confessar para Noel o novo romance, ele já sabia de tudo, pois a conhecia pelo olhar, pelo tom de voz e lhe dizia com frequência: “Você ainda não aprendeu a mentir...”

Questão 1

No texto de Noel está presente uma outra voz com que ele dialoga e que afirma pontos de vista opostos ao dele.

- Há, disseminados pelo texto, pronomes que indicam o interlocutor ao qual se destina a canção “Pra que mentir?”. Transcreva-os.
- Além disso, há indicadores de que esse interlocutor é uma personagem feminina.

Transcreva dois desses indicadores.

Questão 2

- a) Em “Dom de iludir”, há também pronomes que indicam o interlocutor a quem o texto se dirige em resposta. Transcreva-os.
- b) Transcreva indicadores de que esse interlocutor é uma personagem masculina.

Questão 3

- a) “Pra que mentir?” é uma interrogação que contém em si uma negação, que pode ser introduzida assim: Tu não deves mentir, já que não tens motivo para isso.

Essa interrogação de caráter negativo pressupõe que a personagem feminina, de fato, procede contrariamente ao ponto de vista da personagem masculina. Em que consiste, pois, o ponto de vista da mulher amada?

- b) Na primeira estrofe há duas negações:
I - “... tu ainda não tens Esse dom de saber iludir”
II — “... não há necessidade De me trair?”

Na segunda estrofe, há as explicações correlatas a cada uma dessas duas negações. Transcreva as passagens que servem de argumento para essas negações.

Questão 4

Ao dizer: “tu ainda não tens /A malícia de toda mulher”, a personagem masculina deixa implícitos dois pontos de vista, um sugerido pelo advérbio ainda, outro pela negação.

- a) Quais são esses dois pressupostos?
- b) No texto de Caetano Veloso (“Dom de iludir”), a personagem feminina reage energicamente contra a afirmação da “malícia de todo mulher”.

Cite, da primeira estrofe, a frase que contém a reação mais vigorosa contra essa afirmação e procure explicar o motivo dessa irritação feminina.

Questão 5

A personagem feminina admite que, no território da relação amorosa, a mentira faz parte do comportamento feminino. Mas não exclui o homem desse jogo, ainda que ele o faça de forma dissimulada.

- a) Transcreva a frase do texto de Caetano que contém tal acusação.
- b) Como se pode traduzir de maneira mais clara essa contradição?

Questão 6

Todo texto, além de dialogar com diferentes vozes inscritas no seu interior por meio de vários mecanismos lingüísticos, dialoga também com a sociedade, na medida em que o leitor, ao depreender os sentidos contidos no texto, julga-os em função das crenças e dos valores assumidos como verdadeiros dentro da cultura em que o texto foi produzido.

Nos versos de Noel, a personagem masculina declara seu amor pela mulher, apesar de reconhecer-se traído: “... tu sabes que eu te quero / Apesar de ser traído”. Levando em conta

as crenças e valores de nossa cultura a propósito da infidelidade no amor, a tolerância do homem para com a traição da mulher pode ser interpretada de acordo com múltiplos pontos de vista, já que uma sociedade abriga agrupamentos humanos muito diversificados ideologicamente.

- a) Como seria interpretada essa tolerância por um representante médio da mentalidade masculina típica do nosso meio cultural?
- b) Há, na linguagem chula, palavras ou expressões que traduzem, com crueldade e deboche, o pensamento daqueles que acham inconcebível essa tolerância. Transcreva alguns exemplos.
- c) Como interpretaria a mesma atitude um representante do sexo masculino preocupado em libertar-se de preconceitos generalizadores e disposto a considerar cada caso em particular (como foi, aliás, o de Noel Rosa com Ceci)?
- d) Como essa atitude foi interpretada pela personagem feminina que fala na canção “Dom de iludir”?

Questão 7

Se considerarmos a designação “machismo” como atitude ou comportamento de quem se vê como superior, e não aceita a igualdade potencial e de direitos para o homem e a mulher, discuta, a partir de elementos textuais, o componente machista da personagem masculina

- a) tal como se revela, apesar de certa dissimulação, em “Pra que mentir?”;
- b) tal como é visto em “Dom de iludir”.

Em “Dom de iludir”, a personagem feminina desmascara o componente machista da personagem masculina de várias maneiras:

Questão 8

O confronto dos dois textos permite-nos afirmar que:

- a) a mulher desqualifica e contesta o que lhe diz o homem em “Pra que mentir?”.
- b) segundo a personagem masculina, a mulher não teria necessidade de mentir se de fato soubesse o que é amar.
- c) em “Dom de iludir”, a mulher responde ao homem que ele também mente sem necessidade de ocultar a infidelidade.
- d) não há verdade nem mentira quando se ama.
- e) em “Dom de iludir” a mulher não reconhece que ela também se ilude.

EXERCÍCIO - 04

Os poemas que seguem são três canções do exílio: a primeira é de Gonçalves Dias; a segunda, de Murilo Mendes; a terceira, de Carlos Drummond de Andrade:

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
Gonçalves Dias

Canção do Exílio

Minha terra tem macieiras da Califórnia
onde cantam gaturamos de Veneza.
Os poetas da minha terra
são pretos que vivem em torres de
ametista,
os sargentos do exército são monistas,
cubistas,
os filósofos são polacos vendendo a
prestações.
A gente não pode dormir
com os oradores e os pernilongos.
Os sururus em família têm por
[testemunha a Gioconda.

Eu morro sufocado
em terra estrangeira.
Nossas flores são mais bonitas
nossas frutas mais gostosas
mas custam cem mil réis a dúzia.
Ai quem me dera chupar uma
[carambola de verdade
e ouvir um sabiá com certidão
[de idade!

Murilo Mendes

Nova canção do exílio

Um sabiá
na palmeira, longe.
Estas aves cantam
um outro canto.

O céu cintila
sobre flores úmidas.
Vozes na mata
e o maior amor.

Só, na noite,
seria feliz:
um sabiá,
na palmeira, longe.

Onde é tudo belo

e fantástico,
só, na noite,
seria feliz.
(Um sabiá,
na palmeira, longe.)

Ainda um grito de vida e
voltar
para onde tudo é belo
e fantástico:
a palmeira, o sabiá,
o longe.
Drummond

O texto 1 é um poema escrito em 1843, quando Gonçalves Dias estudava em Coimbra, Portugal, e contava 20 anos de idade. O título, “Canção do exílio”, associado ao tema da saudade da pátria serviu de sugestão para outros poetas, como Murilo Mendes e Carlos Drummond de Andrade, que também escreveram a sua canção do exílio.

Questão 1

No texto 1, o eu-lírico opõe dois espaços, marcados cada um pelos advérbios aqui e lá. Qual dos dois espaços é mais valorizado sob o ponto de vista do eu-lírico?

Questão 2

No texto 2, de Murilo Mendes, há um paradoxo, ou seja, o espaço da terra natal (o aqui) coexiste com o da terra estrangeira (o lá). Cite dois trechos que confirmem esta afirmação.

Questão 3

Há passagens do poema de Murilo Mendes que lembram outras do poema de Gonçalves Dias. Comprove esta afirmação transcrevendo do texto de Murilo trechos similares aos de Gonçalves Dias.

Questão 4

No poema de Gonçalves Dias, ao lado da glorificação da pátria, existe também o reconhecimento de aspectos desfavoráveis dentro dela? No poema de Murilo Mendes ocorre o mesmo procedimento?

Questão 5

Pode-se dizer que o poema de Gonçalves Dias é nacionalista ao passo que o de Murilo Mendes é antinacionalista?

Questão 6

No poema de Gonçalves Dias a exaltação da pátria é baseada sobretudo em aspectos da natureza ou da cultura? Exemplifique.

Questão 7

No poema de Murilo Mendes há também exaltação da pátria como no poema de Gonçalves Dias?

Questão 8

Ambos os poemas terminam com uma manifestação solene do desejo de cada um dos enunciadores.

- a) Qual é esse desejo no poema de Gonçalves Dias?
- b) Qual é esse desejo em Murilo Mendes?

Questão 9

A “Nova canção do exílio” (texto 3), de Drummond aparece no livro A rosa do povo de 1945. O poema contém, como o de Gonçalves Dias, cinco estrofes. É possível afirmar que ambos são semelhantes sob o ponto de vista da metrificação?

Questão 10

Os dois versos de Gonçalves Dias “Minha terra tem palmeiras/Onde canta o Sabiá” vêm retomados por dois versos da “Nova canção do exílio”, os quais se repetem várias vezes no percurso do poema. De que versos se trata?

Questão 11

Os dois versos referidos na questão anterior contêm três noções que se repetem durante o poema. De que noções se tratam? Procure descrever o que significam no poema.

Questão 12

Os dois versos finais da primeira estrofe de Drummond dizem: “Estas aves cantam / um outro canto.”

O pronome estes indica algo próximo da pessoa que fala (tanto no espaço quanto no tempo). Referido a aves, indica as que estão próximas do eu-lírico. O pronome outro pressupõe, existência de ao menos um diferente dele.

- a) Ao dizer que estas aves cantam um outro canto, o enunciador pode estar querendo dizer que há uma oposição entre as aves a que se refere o poema de Gonçalves Dias e aquelas a que se refere esta “nova canção do exílio”?
- b) Pode-se dar a esse possível confronto uma conotação política e interpretá-lo como manifestação de que a realidade idílica descrita por Gonçalves Dias está longe de ser verdadeira para o momento em que a “nova canção do exílio” foi escrita?

Questão 13

Os dois versos: “Em cismar, sozinho, à noite / Mais prazer encontro eu lá” são recuperados por estes dois: “Só, na noite, /seria feliz”. Nos dois versos de Drummond há uma ambigüidade que parece intencional.

- a) Quais são os dois sentidos que podem ser atribuídos aos dois versos?
- b) Ambos os significados se encaixam com coerência no texto de Drummond?

Questão 14

Na quinta estrofe, o desejo manifestado pelo eu-lírico no poema de Drummond é similar ao de Gonçalves Dias?

Questão 15

Comenta-se que um dos traços mais marcantes do poema de Gonçalves Dias é a concisão, a densidade de sentido em poucas palavras. Pode-se dizer o mesmo do texto de Drummond?

Questão 16

A “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, enaltece o solo pátrio sob o ponto de vista de seus encantos naturais; a de Murilo Mendes é uma paródia e satiriza a descaracterização da pátria sob o ponto de vista cultural.

- a) A “Nova canção do exílio”, de Drummond, aproxima-se mais do poema de Gonçalves Dias ou da paródia de Murilo Mendes?
- b) Pode-se dizer que o poema de Drummond tem também intenção de subverter o sentido do poema de Gonçalves Dias?

Exercício 5

O texto que vem a seguir é um fragmento da peça **Auto da compadecida**, de Ariano Suassuna:

CHICÓ – Mas, padre, não vejo nada de mau em se benzer o bicho.

JOÃO GRILO – No dia em que chegou o motor novo do major Antônio Moraes o senhor não benzeu?

PADRE – Motor é diferente, é uma coisa que todo mundo benze. Cachorro é que eu nunca ouvi falar.

CHICO – Eu acho cachorro uma coisa muito melhor do que motor.

PADRE – É, mas quem vai ficar engraçado sou eu, benzendo o cachorro. Benzer motor é fácil, todo mundo faz isso, mas benzer cachorro?

JOÃO GRILO – É, Chicó, o padre tem razão. Quem vai ficar engraçado é ele e uma coisa é benzer motor do major Antônio Moraes e outra benzer o cachorro do major Antônio Moraes.

PADRE – (mão em concha no ouvido) Como?

JOÃO GRILO – Eu disse que uma coisa era o motor e outra o cachorro do major Antônio Moraes.

PADRE – E o dono do cachorro de quem vocês estão falando é Antônio Moraes?

JOÃO GRILO – É. Eu não queria vir, com medo de que o senhor se zangasse, mas o major é rico e poderoso e eu trabalho na mina dele. Com medo de perder meu emprego, fui forçado a obedecer, mas disse a Chicó: o padre vai se zangar.

PADRE – (desfazendo-se em sorrisos) Zangar nada, João! Quem é um ministro de Deus para ter direito de se zangar? Falei por falar, mas também vocês não tinham dito de quem era o cachorro!

JOÃO GRILO – (cortante) Quer dizer que benze, não é?

PADRE – (a Chicó) Você o que é que acha?

JOÃO GRILO - (a Chicó) Você o que é que acha?

CHICÓ – Eu não acho nada de mais.

PADRE – Nem eu. Não vejo mal nenhum em se abençoar as criaturas de Deus.

Ariano Suassuna. **Teatro moderno; Auto da compadecida**. 8. ed. Rio de Janeiro, Agir/INL, 1971. p. 32-4.

Questão 1

No início do texto, há uma discussão entre Chicó, João Grilo e o padre sobre a legitimidade de benzer um cachorro. Quem dos três debatedores é a autoridade mais credenciada para decidir sobre a questão posta em debate? Explique por quê.

Questão 2

Levando em conta as opiniões que circulam durante a discussão:

- a) qual é o parecer do padre sobre a validade de benzer o cachorro?
- b) qual é o parecer de Chicó e de João Grilo?

- c) qual é o argumento usado pelo padre para apoiar sua opinião?
- d) e o argumento de Chicó e João Grilo a favor de benzer o cachorro?

Questão 3

Neste início de conversa, João Grilo apela para uma relação de equivalência como argumento para persuadir o padre a benzer o cachorro.

- a) Como se poderia traduzir esse argumento de João Grilo?
- b) Como o padre se defende desse argumento para recusar-se a benzer o cachorro?
- c) Pode-se dizer que, insidiosamente, João Grilo já antecipa o argumento de autoridade que vai ser usado posteriormente para desmascarar a segurança do padre ao dialogar com ele. Em que consiste esse argumento?

Questão 4

Até esta altura do debate, o padre demonstra autonomia ou submissão ao expor seus pontos de vista?

Questão 5

Numa outra intervenção, João Grilo apela nesta altura de maneira explícita para um argumento de autoridade.

- a) Qual é esse argumento?
- b) O padre como reage diante do argumento?

Questão 6

Ao proceder assim, o padre reafirma ou nega a sua postura inicial de autonomia?

Questão 7

Na penúltima fala de João Grilo, ele revela que não queria vir mas veio por pura submissão ao major, pois sabia que o padre ia zangar-se.

- a) O padre se zangou, conforme previa João Grilo?
- b) Neste momento o padre afirma sua autonomia ou sua submissão? j
- c) “Não vejo mal nenhum em se abençoar as criaturas de Deus”. Ao proferir estas palavras, o padre confirma ou nega sua submissão ao major?

Questão 8

Como se vê, o texto, na sua estrutura fundamental, operou com dois conceitos opostos: autonomia X submissão. Qual dos dois polos é avaliado como negativo no texto?

Questão 9

Como se sabe, Ariano Suassuna é um escritor católico. Sobre sua religiosidade assim se manifesta o crítico Sábato Magaldi: “(sua religiosidade) pode espantar aos cultores de um catolicismo acomodaticio, mas responde às exigências daqueles que se conduzem por uma fé verdadeira”. Confrontando essa passagem do crítico com o texto

lido, podemos afirmar que:

- a) o comportamento do padre é apresentado como exemplo daqueles que se conduzem por uma fé verdadeira.
- b) os padres que se conduzem por uma fé verdadeira não procederiam como procedeu o padre neste fragmento de Ariano Suassuna.
- c) na verdade, o procedimento do padre neste fragmento é apresentado para ilustrar como os padres são vítimas da falta de autenticidade dos seus paroquianos.
- d) João Grilo e Chicó representam aqueles católicos que, por não procederem de acordo com a fé verdadeira, tentam envolver o padre em uma cilada.
- e) neste fragmento não está implícita nenhuma crítica aos padres mas à figura do coronel nordestino, às suas artimanhas.

EXERCÍCIO- 06

O CURURU

Tudo quieto, o primeiro cururu surgiu na margem, molhado, reluzente na semi-escuridão. Engoliu um mosquito; baixou a cabeçorra; tragou um cascudinho; mergulhou de novo, e bumbum! Soou uma nota soturna do concerto interrompido. Em poucos instantes, o barreiro ficou sonoro, como um convento de frades. Vozes roucas, foi não foi, tãs-tãs, bum-buns, choros, esgoelamentos finos de rãs, acompanhamentos profundos de sapos, respondiam-se.

Os bichos apareciam, mergulhavam, arrastavam-se nas margens, abriam grandes círculos na flor d'água. (...) Daí a pouco, da bruta escuridão, surgiram dois olhos luminosos, fosforescentes, como dois vaga-lumes. Um sapo cururu grelou-os e ficou deslumbrado, com os olhos esbugalhados, presos naquela boniteza luminosa. Os dois olhos fosforescentes se aproximavam mais e mais, como dois pequenos holofotes na cabeça triangular da serpente. O sapo não se movia, fascinado. Sem dúvida queria fugir; previa o perigo, porque emudecera; mas já não podia andar, imobilizado; os olhos feiíssimos, agarrados aos olhos luminosos e bonitos como um pecado. Num bote a cabeça triangular abocanhou a boca imunda do batráquio. Ele não podia fugir àquele beijo. A boca fina do réptil arreganhou-se desmesuradamente; envolveu o sapo até os olhos. Ele se baixava dócil entregando-se à morte tentadora, apenas agitando docemente as patas sem provocar nenhuma reação ao sacrifício. A barriga disforme e negra desapareceu na goela dilatada da cobra. E, num minuto, as perninhas do cururu lá se foram, ainda vivas, para as entranhas famélicas. O coro imenso continuava sem dar fé do que acontecia a um dos seus cantores.

Jorge de Lima. *Calunga; O anjo*. 3. ed. Rio de Janeiro, Agir, 1959. p. 160-1.

QUESTÃO 1

Numa primeira leitura percebemos que o texto trata de animais: o cururu (certo tipo de sapo), o cascudinho, o mosquito e a serpente. Mas, num segundo momento, sabe-se que tais animais são representações de seres humanos. Quais são os indicadores que, no texto, nos permitem interpretar esses bichos como seres humanos?

QUESTÃO 2

Entre os personagens do texto, há relações de dominação.

- a) Quem é o dominador? Quem é o dominado?
- b) Cite passagens do texto em que ocorram figuras concretas que simbolizam o tema da dominação.

QUESTÃO 3

O texto fala de diferentes formas de dominação: um tipo de dominação exercida unilateralmente, isto é, o dominador não conta com o consentimento do dominado; há outro tipo, bilateral, isto é, o dominador exerce o seu domínio com a aceitação do dominado.

- a) Qual é a forma de dominação unilateral?
- b) Qual é a forma de dominação bilateral?
- c) Qual é a estratégia usada pelo dominador para incutir no outro o desejo de ser dominado?
- d)

QUESTÃO 4

Como se pode interpretar, dentro do contexto, o significado da passagem: *“O coro imenso continuava sem dar fé do que acontecia a um dos seus cantores”*?

QUESTÃO 5

No texto, a noção de pecado vem associada a estados afetivos contraditórios, que levam a reações e impulsos contraditórios. Cite algumas dessas contradições.

QUESTÃO 6

Como se sabe, depreende-se o significado das figuras pelo contexto em que elas aparecem, pelas correlações estabelecidas entre as diferentes figuras espalhadas pelo texto. Levando em conta esse dado, assinale a alternativa em que é adequada a relação entre as figuras transcritas e o tema a que estão associadas.

- a) *“Tudo quieto, o primeiro cururu surgiu na margem, molhado, reluzente na*

semiescuridão.” O trecho pode ser considerado como a figurativização do tema da sedução.

b) *“Engoliu um mosquito; baixou a cabeçorra; tragou um cascudinho; mergulhou de novo, e bumbum!”* Trata-se da figurativização do tema da dominação primária, sem nenhuma estratégia de sedução.

c) *“Em poucos instantes, o barreiro ficou sonoro, como um convento de frades.”* É a figurativização do tema da alegria, do canto, da confraternização.

d) *“Os bichos apareciam, mergulhavam, arrastavam-se nas margens, abriam grandes círculos na flor d’água.”* Pode-se interpretar como a figurativização do tema da tentação pela ameaça.

e) *“Daí a pouco, da bruta escuridão, surgiram dois olhos luminosos, fosforescentes, como dois vaga-lumes.”* É a figurativização do tema da transparência, da verdade plena.

EXERCÍCIO- 07

As questões que vêm a seguir foram elaboradas com base nos dois textos abaixo transcritos. O primeiro é um fragmento extraído do romance *Diva*, de José de Alencar; o segundo, um trecho do romance *Casa de pensão*, de Aluísio Azevedo. Duas dessas questões foram extraídas de um dos vestibulares da Unesp; as demais foram elaboradas por nós.

TEXTO 1

Não é possível idear nada mais puro e harmonioso do que o perfil dessa estátua de moça.

Era alta e esbelta. Tinha um desses talhes flexíveis e lançados, que são hastes de lírio para o rosto gentil; porém na mesma delicadeza do porte esculpam-se os contornos mais graciosos com firme nitidez das linhas e uma deliciosa suavidade nos relevos.

Não era alva, também não era morena. Tinha sua tez a cor das pétalas da magnólia, quando vão desfalecendo ao beijo do sol. Mimosa cor de mulher, se a aveluda a pubescência juvenil, e a luz coa pelo fino tecido, e um sangue puro a escumilha de róseo matiz. A dela era assim.

Uma altivez de rainha cingia-lhe a fronte, como diadema cintilando na cabeça de um anjo. Havia em toda a sua pessoa um quer que fosse de sublime e excelso que a abstraía da terra. Contemplando-a naquele instante de enlevo, dir-se-ia que ela se preparava para a sua celeste ascensão.

José de Alencar. *Diva*. 5. ed. São Paulo, Ática, 1993. p. 18.

TEXTO 2

Era muito bem feita de quadris e de ombros. Espartilhada, como estava naquele momento, a volta enérgica da cintura e a suave protuberância dos seios produziam nos sentidos de quem a contemplava de perto uma deliciosa impressão artística.

Sentia-se-lhe dentro das mangas do vestido a trêmula carnadura dos braços; e os pulsos apareciam nus, muito brancos, chamalotados de veiazinhas sutis, que se prolongavam serpeando. Tinha as mãos finas e bem tratadas, os dedos longos e roliços, a palma cor-de-rosa e as unhas curvas como o bico de um papagaio.

Sem ser verdadeiramente bonita de rosto, era muito simpática e graciosa. Tez macia, de uma palidez fresca de camélia; olhos escuros, um pouco preguiçosos, bem guarnecidos e penetrantes; nariz curto, um nadinha arrebitado, beijos polpudos e viçosos, à maneira de uma fruta que provoca o apetite e dá vontade de morder. Usava o cabelo cofiado em franjas sobre a testa, e, quando queria ver ao longe, tinha de costume apertar as pálpebras e abrir ligeiramente a boca.

Aluísio Azevedo. *Casa de pensão*. 7. ed. São Paulo, Ática, 1992. p. 78.

QUESTÃO 1

Como se nota, os dois trechos possuem semelhanças e diferenças. Sob o ponto de vista da construção, trata-se de textos figurativos ou temáticos? Explique sua resposta.

QUESTÃO 2

Ambos os textos são também semelhantes sob o ponto de vista da imagem que constroem: ambos criam a imagem de mulher. Mas cada texto constrói um modelo diferente de feminilidade.

a) No texto 1, o percurso figurativo construído pelo narrador apresenta a mulher, vista sobretudo sob o ponto de vista de suas qualidades psíquicas. O corpo vem retratado como um todo: as partes anatômicas não são desenhadas em detalhe. Cite duas passagens que servem para confirmar o que acaba de ser dito.

b) No texto 2, o percurso figurativo descreve o corpo da mulher sob o ponto de vista de suas qualidades físicas. Partes da anatomia feminina são expostas com detalhes. Cite algumas passagens que servem para confirmar o que acaba de ser dito.

QUESTÃO 3

Ambas as figuras femininas são descritas como atraentes. Há, no entanto, uma diferença temática subjacente aos percursos figurativos organizados em cada texto. Essa diferença diz respeito ao que provoca atração em cada mulher descrita.

a) No texto 1, que tema é ressaltado na figura da mulher?

b) No texto 2, que tema é enfatizado?

QUESTÃO 4

No texto 2, ao falar do nariz, o narrador diz: “... *nariz curto, um nadinha arrebitado...*” Que

efeito de sentido provoca o diminutivo *nadinha*?

QUESTÃO 5

O confronto entre os dois textos permite-nos concluir que:

- a) o texto 1 focaliza a mulher como algo mais para ser admirado do que tocado.
- b) a personagem feminina delineada no texto 2 excita mais os sentimentos da alma do que os apetites do corpo.
- c) em ambos os textos a feminilidade vem figurativizada com objetividade e equidistância.
- d) ambos os textos focalizam a mulher sob o ponto de vista de um olhar feminino.
- e) em nenhum dos dois textos a mulher é focalizada como objeto de cobiça que excita os sentimentos carnis do homem.

QUESTÃO 6 (VUNESP)

Os dois trechos citados, que pertencem a romances de José de Alencar (1829-1877) e Aluísio Azevedo (1857-1913), têm em comum o fato de descreverem personagens femininas. Um confronto entre as duas descrições permite detectar diferenças não somente nos planos físico e psicológico das duas mulheres, mas também no modo como cada uma é concebida pelo respectivo narrador, segundo os princípios estéticos do romantismo e do naturalismo. O resultado final, em termos de leitura, é o surgimento de duas personagens completamente distintas, vale dizer, duas mulheres que causam impressões inconfundíveis no leitor. Levando em conta estas informações, procure relacionar a diferença essencial entre as duas personagens com os princípios estéticos do romantismo e do naturalismo.

QUESTÃO 7 (VUNESP)

Ao descrever a pele de sua personagem, diz Alencar: *“Tinha sua tez a cor das pétalas da magnólia, quando vão desfalecendo ao beijo do sol”*. Esta frase, como um todo, focaliza a pele da personagem sob o aspecto visual e representa uma tentativa de definição de cor. Aluísio Azevedo, em seu texto, também parte da imagem de uma flor para tentar definir a pele da personagem. Localize a passagem em que isso acontece e, a seguir, defina os aspectos sensoriais de que se utiliza o autor para caracterizar a pele da personagem.

EXERCÍCIO- 08

O texto que vem a seguir é a letra de uma das músicas de Adoniran Barbosa, o mesmo compositor de *Saudosa Maloca*, *O samba do Arnesto* e *Trem das onze*.

Domingo nós fumus
Num samba no Bexiga
Na rua Major
Na casa do Nicola
A “mezza notte o'clock”
Saiu uma baita duma briga
Era só pizza que avoava
Junto coas brajola
Nóis era estranho no lugar
E não quisemo se meter
Não fumo lá pra brigá
Nóis fumo lá pra comê
Na hora h se infiemo debaixo da mesa
Fiquemo ali de beleza
Vendo o Nicola brigá
Dali a pouco escuitemo a patrulha chegar
E o sargento Oliveira falar
Num tem portância
Vô chamando as ambulância.
Aí ele disse assim:
Carma, pessoal,
A situação aqui tá
Muito cínica:
Os mais pior vai pras Crínica.
Extraído de *Elis Regina no fino da bossa*. v. 3, faixa 7, 11.V030.V3.CD.

QUESTÃO 1

Como se sabe, é comum Adoniran usar em suas letras uma variante do português que mistura certos traços da linguagem caipira com a fala dos imigrantes italianos do Bexiga (conhecido bairro de São Paulo) para figurativizar personagens.

- a) Além de mesclar o italiano com a fala caipira, há no texto uma outra mistura linguística curiosa: transcreva a passagem em que o autor embaralha italiano com inglês.
- b) Que efeito de sentido produz essa mistura?

QUESTÃO 2

- a) Transcreva um trecho em que se usa uma forma verbal do italiano conjugada como um verbo português.
- b) Transcreva um exemplo em que, à maneira caipira, não se faz a concordância do verbo com o sujeito e um exemplo em que o substantivo não está concordando com o artigo.

QUESTÃO 3

Ao lado de *nóis fumo* (*Nóis fumo lá pra comê*), ouve-se na gravação *nós fumus* (*Domingo nós fumus*) com todos os ss. Tente elaborar uma hipótese para explicar essa incoerência, que pode ter sido intencional.

QUESTÃO 4

Saiu uma baita duma briga

Era só pizza que avoava

Junto coas brajola.

- a) O efeito de espontaneidade dessa passagem depende em grande parte da escolha de duas palavras da fala coloquial popular. Transcreva-as, substituindo-as pelas formas da língua culta escrita.
- b) No mesmo trecho há duas palavras próprias do léxico de um falante ítalo-brasileiro. Quais são elas?

QUESTÃO 5

Nóis era estranho no lugar E não quisemo se meter.

Além da discordância entre o verbo (*era*) e o sujeito, há nesse trecho um “erro” de concordância que é próprio da língua oral espontânea. Identifique-o.

QUESTÃO 6

Quem fala, no texto, é um sujeito coletivo representado por um *nós* (ou *nóis*) que está presente em todo o percurso do texto. Ao dizer que não quis se meter na briga (*não quisemo se meter*) esse sujeito coletivo (*nós*) apresenta dois argumentos para explicar essa recusa.

- a) Quais são os dois argumentos?
- b) O segundo argumento é para ser levado a sério ou para produzir efeito de humor?

QUESTÃO 7

O sargento Oliveira é citado em discurso direto nesta passagem:

Carma, pessoar,

A situação aqui tá

Muito cínica:

Os mais pior vai pras Crínica.

- a) Essa intervenção do sargento Oliveira faz parte do clima de humor que permeia o

texto?

b) Cite duas razões para justificar sua resposta.

QUESTÃO 8

A leitura global do texto permite afirmar que:

- a) a variante linguística usada no texto é inapropriada, pois se trata de um dialeto rural.
- b) o dialeto usado é urbano, sem nenhuma mistura com outro linguajar.
- c) o dialeto usado é formado de palavras estrangeiras misturadas com o dialeto urbano de São Paulo.
- d) o dialeto usado contém traços típicos da linguagem dos imigrantes italianos e do dialeto caipira de São Paulo.
- e) a linguagem usada no texto contém palavras e expressões típicas de um dialeto urbano misturado com palavras e expressões da língua culta escrita.

QUESTÃO 9

A variante linguística concorre, entre outros recursos, para criar a imagem social do seu usuário, sendo, por isso, considerada como um expediente de figurativização da personagem. Esta questão, extraída do vestibular da Unicamp, aborda esse tema. No diálogo transcrito a seguir, um dos interlocutores é falante de uma variedade de português que apresenta uma série de diferenças com relação ao português culto. Identifique, na fala desse

interlocutor, as marcas formais dessas diferenças e transcreva-as. Faça, a seguir, uma hipótese sobre quem poderia ser essa pessoa (sua classe social e grau de escolaridade).

INTERLOCUTOR 1: Por que o senhor acha que o pessoal não está mais querendo tocar?

INTERLOCUTOR 2: É... a rapaziada nova agora não são mais como era quando nós ia, não senhora. Quando nós saía com o Congo¹ nós levava aquele respeito com o mestre que saía com nós, né? Então nós ficava ali, se fosse tomar alguma bebida só tomava na hora que nós vinhesse embora.

QUESTÃO 10 (UNICAMP)

O trecho seguinte foi extraído do debate que se seguiu à palestra do poeta Paulo Leminski, *Poesia: a paixão da linguagem*, proferida durante o curso Os Sentidos da Paixão (Funarte, 1986). Observe que neste trecho é possível identificar palavras e construções características da linguagem coloquial oral. Reescreva-o de forma a adequá-lo à modalidade escrita culta.

“Estudei durante seis anos muito a vida de um paulista e fiz um filme sobre ele, que é o Mário de Andrade, um puta poeta muito pouco falado pelas ditas vanguardas modernistas (...) Hoje em dia, felizmente, já existem vários trabalhos, há muita gente reavaliando a poética do Mário, que ela é muito mais importante e profunda do que aparentemente pareceu nestes últimos anos. Estudando o Mário, eu descobri que o Mário foi um exemplo do cara que morreu de amor, mas de amor pelo seu povo, pelo seu país, pela sua cultura (...) Um outro cara que eu também fiz um filme é o Câmara Cascudo. Um cara como o Câmara Cascudo morre, os jornais dão uma notinha desse tamanhinho, escondidinho, um cara que deveria ter estátua em praça pública, devia ser lido, recitado.” *Os sentidos da paixão*, p. 301.

QUESTÃO 11 (UNIVERSIDADE DE VIÇOSA)

(...) Suponha um aluno, dirigindo-se ao colega de classe nestes termos: “Venho respeitosamente solicitar-lhe se digne emprestar-me o livro”. A atitude desse aluno se assemelha à atitude do indivíduo que:

- a) comparece ao baile de gala trajando *smoking*.
- b) vai à audiência com uma autoridade de *short* e camiseta.
- c) vai à praia de terno e gravata.
- d) põe terno e gravata para ir falar na Câmara dos Deputados.
- e) vai ao Maracanã de chinelo e bermuda.

QUESTÃO 12

Há certas transgressões gramaticais que, embora não prejudiquem a clareza do enunciado, afetam a imagem do enunciador e sua credibilidade. Trata-se de “erros” que prejudicam consideravelmente o poder argumentativo do texto. Não são raros os casos em que se faz uso das transgressões linguísticas para desqualificar o discurso alheio. No trecho que segue, um articulista da *Folha de S. Paulo*, no interior do seu artigo, ridiculariza o então presidente da República (Fernando Collor) pelo fato de enviar bilhetinhos ao seu porta-voz. Ressalta que se tratava de um hábito do ex-presidente Jânio Quadros, sem, entretanto, demonstrar a mesma competência. Eis uma passagem do artigo:

Se [Collor], ao menos, fosse original, ainda vá lá. Pelo menos, não seria uma caricatura de Jânio Quadros, que, aliás, terminou como terminou.

Nem cometeria o erro de concordância praticado no novo bilhetinho ao porta-voz, agora definitivamente transformado em porta-recados.

Clóvis Rossi. *Folha de S. Paulo*, 9 nov. 1991. p. 1-2.

O referido bilhete, alvo da crítica do articulista, foi publicado na íntegra pelo mesmo jornal, no mesmo dia, à p. 1-6:

“Chama-me a atenção os desdobramentos do resultado da votação pelo Senado, da antecipação do plebiscito”.

a) Transcreva a passagem onde ocorre o erro denunciado pelo jornalista.

b) Efetue a correção.

c) Tente explicar o motivo por que o ex-presidente cometeu o deslize.

QUESTÃO 13

O trecho que segue foi extraído da revista *Imprensa* (ano III, n. 34) e faz parte de uma extensa matéria sobre erros de português cometidos inclusive por jornalistas. De fato, de 30 anos para cá, o ensino da língua portuguesa nas escolas primárias e secundárias teve sua qualidade perigosamente comprometida pelo descaso governamental, pela incúria dos educadores e — pior — pela garantia, na mídia, das condições de reprodução dos equívocos sintáticos e derrapadas linguísticas. De tão repetidos, assumem foros de norma estabelecida. “Vem pra Caixa você também”, propõe, por exemplo, o anúncio de um banco oficial. “No meu governo”, indigna-se Luís Edgar de Andrade, 57 anos e 35 de profissão, diretor de redação da Rede Manchete, “o presidente da Caixa Econômica Federal seria condenado ao degredo perpétuo, para aprender como se conjuga o verbo vir no imperativo.”

a) Segundo o diretor de redação da Rede Manchete, o anúncio de um banco oficial contém um erro grave. De que erro se trata?

b) Qual seria a forma do mesmo anúncio se o transcrevêssemos de acordo com as normas da língua culta escrita?

c) Redigido de acordo com a norma culta, o anúncio produziria o mesmo efeito de sentido?

EXERCÍCIOS- Lição 9

A múltipla possibilidade de leitura do texto pode ser usada intencionalmente pelo enunciador para que o seu texto atinja o resultado que ele tem em mente. É o caso da passagem bíblica que segue, extraída do capítulo 12 do segundo livro de Samuel. Para situá-la, convém recuperar resumidamente o que diz o capítulo anterior, que, sob o título “Pecados de Davi”, relata um episódio pouco edificante para o grande rei de Israel.

Segundo o relato, certo dia, ao entardecer, Davi avistou, do terraço do palácio real, uma mulher que tomava banho e se encantou por ela. Era Betsabeia, mulher de Urias, um dos trinta soldados mais valorosos de Davi. Estando Urias ausente de Jerusalém, Davi dormiu com Betsabeia, engravidando-a. Não tendo conseguido empurrar a paternidade da criança para Urias, Davi ordenou que Joab, seu sobrinho e comandante das tropas em guerra, colocasse Urias bem na frente de batalha, na região de maior violência e risco, para que ele morresse. Executada a ordem do soberano, Urias morreu e Davi tomou Betsabeia como esposa.

Segue então o texto que será objeto de análise:

NATÃ ACUSA DAVI, QUE SE ARREPENDE

Por isso o Senhor mandou o profeta Natã a Davi. Natã foi ter com Davi e lhe disse:

“Numa cidade havia dois homens, um rico e outro pobre. O rico tinha ovelhas e bois em quantidade. O pobre só possuía mesmo uma ovelhinha pequena que tinha comprado e criado. Ela cresceu com ele e junto com os filhos, comendo do seu bocado e bebendo da sua taça, dormindo no seu regaço, em uma palavra: tinha-a na conta de filha.

Chegou ao homem rico uma visita. Ele teve pena de tomar uma rês das suas ovelhas ou bois, a fim de preparar para a visita. Tomou a ovelhinha do homem pobre e a preparou para o visitante”.

Davi ficou furioso com este homem e disse a Natã: “Pela vida do senhor! O homem que fez isto merece a morte. Ele pagará quatro vezes a ovelha por ter feito uma coisa destas, sem ter pena”.

Então Natã replicou a Davi: “Este homem és tu...!”

Bíblia sagrada. 13. ed. Petrópolis, Vozes, 1990. p. 345. Cena de batalha do exército de Davi, em gravura de Gustave Doré.

QUESTÃO 1

Numa primeira leitura, a narração do profeta Natã nos fala de dois homens, um rico e um pobre. Como o narrador caracteriza:

- a) a pobreza de um?
- b) a riqueza do outro?

QUESTÃO 2

Ainda numa primeira leitura, as ovelhas e bois de que fala o narrador podem ser interpretados no seu sentido literal, isto é, como animais propriamente ditos, como bens materiais de seus donos. Pelo relato do narrador depreende-se, no entanto, que há uma diferença entre o significado que a ovelhinha tem para o homem pobre e o que as ovelhas e os bois têm para o homem rico.

- a) Tente definir o que a ovelhinha tem de especial para o homem pobre.
- b) As ovelhas eram tão especiais para o homem rico quanto a ovelha para o pobre?

QUESTÃO 3

Essa diferença com que o narrador descreve a relação entre os dois homens e seus animais interfere decisivamente na direção argumentativa que ele quer dar ao seu texto. Pode-se dizer que, graças a tal diferença, o roubo e o sacrifício da ovelhinha pelo homem rico provoca mais antipatia e revolta? Explique sua resposta.

QUESTÃO 4

O homem rico é definido inicialmente como uma pessoa desconhecida do interlocutor: o narrador o trata por *ele* e a única outra indicação é que morava numa cidade. Por meio dessa estratégia narrativa, Natã consegue obter de Davi toda a atenção sobre os episódios narrados e uma veemente e furiosa condenação do crime desse “estranho”.

- a) Qual é o julgamento que Davi faz desse homem?
- b) Qual é a penalidade que o soberano decretou para o crime cometido?

QUESTÃO 5

Tendo arrancado de Davi a condenação do procedimento do homem rico e provocado sua ira contra a perversidade cometida, Natã, num lance surpreendente e fulminante, diz que o homem rico é Davi: deixa de ser designado por *ele* e passa a ser designado por *tu*. A troca de *ele* por *tu* no final da narração remete o texto a um outro plano de significado, provocando outra versão para os acontecimentos. Levando em conta o fato que levou Natã a procurar Davi para censurá-lo, que sentido passamos a adquirir no texto:

- a) o homem pobre?
- b) a ovelhinha do homem pobre?

- c) o ato de tomar a ovelhinha do homem pobre?
- d) a condenação do homem rico?

QUESTÃO 6

Não se constrói um texto com duplo sentido sem um propósito, mas com a intenção de obter um determinado resultado.

- a) Qual a intenção de Natã ao construir essa narração?
- b) Esse propósito de Natã foi atingido?
- c) Se o profeta não adotasse a estratégia do duplo sentido para o texto, teria conseguido o mesmo efeito?

QUESTÃO 7

Os textos de humor fazem largo uso da dupla possibilidade de leitura. É o que acontece nesta piadinha rápida:

DIÁLOGO DESENCONTRADO

Um garoto pergunta para o outro:

- Você nasceu em Pelotas?
- Não, eu nasci inteiro.

- a) Qual o duplo sentido desse texto?
- b) Qual é o dado linguístico que explica o duplo sentido?

QUESTÃO 8

DIÁLOGO DESCONTRAÍDO

Duas turistas em Paris trocam ideias sobre generalidades da viagem:

- Você acredita que estou há três dias em Paris e ainda não consegui ir ao Louvre?
- Pois eu também. Deve ser a comida.

Dois pequenos goles de vinho
e um calçado certo
deixam qualquer mulher
irresistivelmente alta.

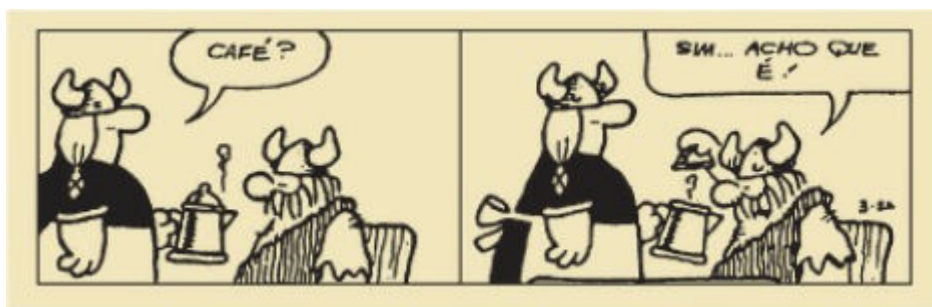
TWIN SET
PERCHET
DUMOND
CONFORT
PAQUETA
COLEÇÃO PRIMAVERA/VERÃO

No anúncio acima, o efeito de sentido produzido é criado sobretudo pela dupla possibilidade de leitura.

- a) Qual é a dupla interpretação possível para esse texto?
- b) Qual é a palavra cujo duplo sentido desencadeia essa dupla interpretação?

QUESTÃO 10

A questão que segue, extraída de vestibular da Unicamp, explora a dupla possibilidade de leitura como recurso humorístico:



Para entender a tira abaixo, é necessário dar-se conta de que a pergunta de Helga pode ter duas interpretações.

- a) No contexto, como deve ser interpretada a fala de Helga?
- b) Como Hagar interpretou a fala de Helga?
- c) Explique por que o comportamento linguístico de Hagar não corresponde ao de um falante comum.

QUESTÃO 11

Muitas vezes, a dupla possibilidade de leitura de um texto não é o resultado de um programa ou de uma estratégia intencional do autor, mas de um descuido, um cochilo que, se fosse percebido, seria corrigido. Nesses casos, diferentemente dos anteriores, não se trata de um recurso de construção textual, mas de defeito a ser evitado pelo seu caráter perturbador. Observe o texto que segue, publicado na *Folha Sudeste*, de 6 de junho de 1992, e utilizado num vestibular da Unicamp.

As videolocadoras de São Carlos estão escondendo suas fitas de sexo explícito. A decisão atende a uma portaria de dezembro de 91, do Juizado de Menores, que proíbe que as casas de vídeo aluguem, exponham e vendam fitas pornográficas a menores de 18 anos. A portaria proíbe ainda os menores de 18 anos de irem a motéis e rodeios sem a companhia ou autorização dos pais. *Folha Sudeste*, 6 jun. 1992.

- a) Transcreva a passagem que produz efeito de humor.

b) Qual a situação engraçada que essa passagem permite imaginar?

c) Reescreva o trecho de forma a impedir tal interpretação

EXERCÍCIO- 10

O texto que segue foi escrito por Machado de Assis:

UM APÓLOGO

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

— Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?

— Deixe-me, senhora.

— Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

— Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

— Mas você é orgulhosa.

— Decerto que sou.

— Mas por quê?

— É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

— Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?

— Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

— Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás obedecendo ao que eu faço e mando...

— Também os batedores vão adiante do imperador.

— Você é imperador?

— Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto... Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana — para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

— Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima... A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o *plic-plic-plic-plic* da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile. Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

— Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos,

diga- lá. Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

— Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça:

—Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

Machado de Assis. *Contos*. 18. ed. São Paulo, Ática, 1994. p. 89.

QUESTÃO 1

Nos apólogos e fábulas, como em todo processo metafórico, estabelece-se uma relação entre dois planos de significado: o significado de base ou usual e o significado acrescentado ou figurado.

a) Qual é o significado usual de agulha e linha?

b) Cite algumas pistas do diálogo inicial que nos obrigam a conceber a agulha e a linha como seres humanos.

c) Assim como há pistas que nos levam a conceber a linha e a agulha como seres humanos, há também outras que nos levam a concebê-las no seu sentido próprio.

É esse argumento de dois planos de sentido que confere ao texto o seu caráter metafórico e nos faz classificá-lo como um apólogo ou fábula. Transcreva algumas passagens em que agulha e linha ocorrem no seu sentido próprio.

QUESTÃO 2

No caso do texto acima, a agulha e a linha são tratadas como seres humanos mas conservam também a dimensão de significado própria de agulha e linha. Se, em vez de agulha e linha, o narrador usasse dois personagens humanos, o texto não teria a mesma expressividade. Qual é então a expressividade que se obtém usando agulha e linha em sentido metafórico?

QUESTÃO 3

No último parágrafo, ocorre a seguinte passagem: *Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária*.

a) A quem essa frase é atribuída?

b) Que traços comuns existem entre a agulha e o professor de melancolia?

c) Nessa mesma citação, a linha é uma metáfora que remete a que tipo de pessoa?

QUESTÃO 4

As relações entre a agulha e a linha, no contexto, são apropriadas também à costureira e à baronesa. Nessa relação quais são os dois pares correlatos?

QUESTÃO 5

A relação que se estabelece entre os batedores e o imperador é do mesmo tipo que a que se estabelece entre a agulha e a linha; entre a costureira e a baronesa. Explique por quê.

QUESTÃO 6

No texto, há uma passagem que diz: *Uma e outra iam andando orgulhosas (...) entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana — para dar a isto uma cor poética*. Considerando que *galgo* é uma raça de cães, famosos pela rapidez e velocidade, e que *Diana* é uma deusa entre os antigos romanos, procure responder:

a) que traços o narrador associa aos dedos da costureira ao compará-los com os galgos de Diana?

b) esse recurso envolve o mecanismo próprio da metáfora?

c) do ponto de vista da construção formal, trata-se de uma metáfora propriamente dita?

QUESTÃO 7

A leitura global do texto permite afirmar que:

- a) o narrador, no percurso do texto, trata com mais simpatia a linha do que a agulha.
- b) segundo o texto, é falsa a rivalidade entre a linha e a agulha.
- c) linha e agulha, segundo o texto, desempenham funções igualmente importantes.
- d) a linha e a agulha são figuras que representam o mesmo tipo de pessoas: aquelas que não gostam do que fazem.
- e) o apólogo figurativiza o tema da falta de equidade na distribuição das recompensas.

QUESTÃO 8

O *Jornal da Tarde* de São Paulo, no dia 9 de dezembro de 1994, por ocasião da morte de Tom Jobim saiu com a seguinte manchete na primeira página:

BRASIL PERDE O TOM

Quais os dois sentidos que se podem atribuir a essa frase?

QUESTÃO 9 (FUVEST — ADAPTADA)

Sentaram-se todos em redor da merenda, metendo a mão no cesto, à vez, sem outro resguardar de conveniências que não atropelar os dedos dos outros, agora o cego que é a mão de Baltazar, cascosa como um tronco de oliveira, depois a mão eclesiástica e macia do padre Bartolomeu Lourenço, a mão exata de Scarlatti, enfim Blimunda, mão discreta e maltratada, com as unhas sujas de quem veio da horta e andou a sachar antes de apanhar as cerejas.

José Saramago, *Memorial do Convento*.

Qual é a figura de linguagem que o narrador utiliza para marcar as diferenças de nível e grupo social das personagens?

TEXTO PARA AS QUESTÕES 10 E 11

O texto que segue, extraído de *Cadernos de João*, de Aníbal Machado, e utilizado num Vestibular da Fuvest, contém um belo exemplo de alteração do sentido da palavra.

Na última laje de cimento armado, os trabalhadores cantavam a nostalgia da terra ressecada.

De um lado era a cidade grande: de outro, o mar sem jangadas.

O mensageiro subiu e gritou:

– Verdejou, pessoal!

Num átimo, os trabalhadores largaram-se das redes, desceram em debandada, acertaram as contas e partiram. Parada a obra. Ao dia seguinte, o vigia solitário recolocou a tabuleta: “Precisa-se de operários”, enquanto o construtor, de braços cruzados, amaldiçoava a chuva que devia estar caindo no Nordeste.

Aníbal Machado, *Cadernos de João*.

QUESTÃO 10

- a) Qual é o sentido usual de *verdejou*?
- b) Dentro do contexto dessa narrativa, que fala de trabalhadores da construção civil numa cidade grande, saudosos da terra natal, que tiveram de abandonar por falta de chuva (*terra ressecada*), que sentido assume a palavra *verdejou*?
- c) Qual a relação de sentido entre *verdejou*, no seu sentido usual, e no sentido em que está usado no texto? Esse tipo de relação caracteriza que tipo de figura?

QUESTÃO 11

A notícia de que *verdejou* provoca uma mudança imediata no percurso da narrativa.

a) Qual é essa mudança?

b) Essa atitude diante da notícia indica o tipo de trabalho que esses trabalhadores desenvolviam no Nordeste. Que trabalho é esse?

QUESTÃO 12

Tanto a metáfora quanto a metonímia são recursos largamente usados na linguagem do cotidiano, como, por exemplo, na publicidade e no jornalismo. É o que pode ser ilustrado nos textos publicitários que seguem (questões 12, 13 e 14). O texto ao lado comemora o dia da Imprensa (10 de setembro). Ao designar a imprensa como o “*air-bag*” 17 da sociedade, o texto transfere para a imprensa o traço de sentido dominante desse termo da linguagem automobilística.

a) Como se chama esse tipo de mudança de significado?

b) O texto verbal esclarece a semelhança entre um *air-bag* e a imprensa. Qual é essa semelhança?

TEXTO PARA AS QUESTÕES 13 E 14



PARA O SAFRA, TRADIÇÃO SECULAR DE SEGURANÇA É TAMBÉM INVESTIR NA NATUREZA HUMANA.

O paisagista Roberto Burle Marx viveu em função do Homem e da natureza. Multiplicou e preservou a vida em mais de 2000 projetos realizados no Brasil e no exterior. Pensando como Burle Marx, o Banco Safra



sempre investiu em seu talento através de jardins, painéis e pinturas para suas agências, e de sua concepção arquitetônica.



Painel de Burle Marx em São Paulo, 1947

Valorizando a natureza humana, o Banco Safra investiu na qualidade de vida de seus Clientes e funcionários, construindo uma tradição de investimentos seguros. “Nós não vivemos isoladamente e sim em função da vida dos outros” – esta frase de Burle Marx reflete claramente nossa filosofia operacional: prestação de serviços eficiente

e informatizada, baseada na capacidade construtiva do Homem e na criação das melhores condições para sua vida e seus negócios.



Banco Safra
Tradição Secular de Segurança

Revista Imprensa, 94 :5, jul. 1995.

A foto acima mostra um espaço ajardinado, construído pela mão do homem. Na legenda, em letras grandes, faz-se referência à preocupação de uma instituição financeira em investir na natureza humana. O texto publicitário joga com mais de um mecanismo de alteração do sentido das palavras.

QUESTÃO 13

Em primeiro lugar, identifica-se, no alto da foto, o paisagista Burle Marx como autor do projeto que vem fotografado embaixo. A seguir, na legenda abaixo da foto fala-se em investir na *natureza humana*.

- a) Que tipo de associação nos permite designar um indivíduo (Burle Marx) por uma coletividade toda (natureza humana)?
- b) Como se chama a figura que se constrói com base nesse tipo de associação?

QUESTÃO 14

Em segundo lugar, na verdade o texto mostra o investimento do banco na construção de uma paisagem, e fala em investimento na natureza humana, isto é, no homem que a constrói.

- a) Que tipo de associação permite dizer que o investimento na construção de uma paisagem é um investimento na natureza humana?
- b) Como se chama a figura que se constrói na base de uma relação desse tipo?
- c) Como se sabe, faz parte da natureza do texto publicitário uma intenção de supervalorizar o objeto da propaganda. No caso desse texto, considerado no seu todo, pode-se dizer que esse jogo de associações de sentido entre palavras tem um exagero. Investir num *paisagista famoso*, a rigor, permite afirmar que se investe na *natureza humana*?

EXERCÍCIO- 11

O texto que segue foi escrito por Machado de Assis:

UM APÓLOGO

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

— Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?

— Deixe-me, senhora.

— Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

— Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

— Mas você é orgulhosa.

— Decerto que sou.

— Mas por quê?

— É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

— Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?

— Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

— Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás

obedecendo ao que eu faço e mando...

— Também os batedores vão adiante do imperador.

— Você é imperador?

— Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto... Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela.

Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana — para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

— Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas.

A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o *plic-plic-plic-plic* da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile. Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

— Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga- lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha: — Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: — Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

Machado de Assis. *Contos*. 18. ed. São Paulo, Ática, 1994. p. 89

Q UESTÃO 1

Nos apólogos e fábulas, como em todo processo metafórico, estabelece-se uma relação entre dois planos de significado: o significado de base ou usual e o significado acrescentado ou figurado.

- a) Qual é o significado usual de agulha e linha?
- b) Cite algumas pistas do diálogo inicial que nos obrigam a conceber a agulha e a linha como seres humanos.
- c) Assim como há pistas que nos levam a conceber a linha e a agulha como seres humanos, há também outras que nos levam a concebê-las no seu sentido próprio.

É esse argumento de dois planos de sentido que confere ao texto o seu caráter metafórico e nos faz classificá-lo como um apólogo ou fábula. Transcreva algumas passagens em que agulha e linha ocorrem no seu sentido próprio.

Q UESTÃO 2

No caso do texto acima, a agulha e a linha são tratadas como seres humanos mas conservam também a dimensão de significado própria de agulha e linha.

Se, em vez de agulha e linha, o narrador usasse dois personagens humanos, o texto não teria a mesma expressividade.

Qual é então a expressividade que se obtém usando agulha e linha em sentido metafórico?

Q UESTÃO 3

No último parágrafo, ocorre a seguinte passagem: *Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária.*

- a) A quem essa frase é atribuída?
- b) Que traços comuns existem entre a agulha e o professor de melancolia?
- c) Nessa mesma citação, a linha é uma metáfora que remete a que tipo de pessoa?

Q UESTÃO 4

As relações entre a agulha e a linha, no contexto, são apropriadas também à costureira e à baronesa. Nessa relação quais são os dois pares correlatos?

Q UESTÃO 5

A relação que se estabelece entre os batedores e o imperador é do mesmo tipo que a que se estabelece entre a agulha e a linha; entre a costureira e a baronesa. Explique por quê.

Q UESTÃO 6

No texto, há uma passagem que diz: *Uma e outra iam andando orgulhosas (...) entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana — para dar a isto uma cor poética.*

Considerando que *galgo* é uma raça de cães, famosos pela rapidez e velocidade, e que *Diana* é uma deusa entre os antigos romanos, procure responder:

- a) que traços o narrador associa aos dedos da costureira ao compará-los com os galgos de Diana?
- b) esse recurso envolve o mecanismo próprio da metáfora?
- c) do ponto de vista da construção formal, trata-se de uma metáfora propriamente dita?

Q UESTÃO 7

A leitura global do texto permite afirmar que:

- a) o narrador, no percurso do texto, trata com mais simpatia a linha do que a agulha.
- b) segundo o texto, é falsa a rivalidade entre a linha e a agulha.
- c) linha e agulha, segundo o texto, desempenham funções igualmente importantes.
- d) a linha e a agulha são figuras que representam o mesmo tipo de pessoas: aquelas que não gostam do que fazem.
- e) o apólogo figurativiza o tema da falta de equidade na distribuição das recompensas.

Q UESTÃO 8

O *Jornal da Tarde* de São Paulo, no dia 9 de dezembro de 1994, por ocasião da morte de Tom Jobim saiu com a seguinte manchete na primeira página:

BRASIL PERDE O TOM

Quais os dois sentidos que se podem atribuir a essa frase?

Q UESTÃO 9 (FUVEST — ADAPTADA)

Sentaram-se todos em redor da merenda, metendo a mão no cesto, à vez, sem outro resguardar de conveniências que não atropelar os dedos dos outros, agora o cego que é a mão de Baltazar, cascosa como um tronco de oliveira, depois a mão eclesiástica e macia do padre Bartolomeu Lourenço, a mão exata de Scarlatti, enfim Blimunda, mão discreta e maltratada, com as unhas sujas de quem veio da horta e andou a sachar antes de apanhar as cerejas.

José Saramago, *Memorial do Convento*.

Qual é a figura de linguagem que o narrador utiliza para marcar as diferenças de nível e grupo social das personagens?

TEXTO PARA AS Q UESTÕES 10 E 11

O texto que segue, extraído de *Cadernos de João*, de Aníbal Machado, e utilizado num Vestibular da Fuvest, contém um belo exemplo de alteração do sentido da palavra.

Na última laje de cimento armado, os trabalhadores cantavam a nostalgia da terra ressecada.

De um lado era a cidade grande: de outro, o mar sem jangadas.

O mensageiro subiu e gritou:

– Verdejou, pessoal!

Num átimo, os trabalhadores largaram-se das redes, desceram em debandada, acertaram as contas e partiram.

Parada a obra. Ao dia seguinte, o vigia solitário recolocou a tabuleta: “Precisa-se de operários”, enquanto o construtor, de braços cruzados, amaldiçoava a chuva que devia estar caindo no Nordeste.

Aníbal Machado, *Cadernos de João*.

Q UESTÃO 10

a) Qual é o sentido usual de *verdejou*?

b) Dentro do contexto dessa narrativa, que fala de trabalhadores da construção civil numa cidade grande, saudosos da terra natal, que tiveram de abandonar por falta de chuva (*terra ressecada*), que sentido assume a palavra *verdejou*?

c) Qual a relação de sentido entre *verdejou*, no seu sentido usual, e no sentido em que está usado no texto? Esse tipo de relação caracteriza que tipo de figura?

Q UESTÃO 11

A notícia de que *verdejou* provoca uma mudança imediata no percurso da narrativa.

a) Qual é essa mudança?

b) Essa atitude diante da notícia indica o tipo de trabalho que esses trabalhadores desenvolviam no Nordeste. Que trabalho é esse?

Q UESTÃO 12

Tanto a metáfora quanto a metonímia são recursos largamente usados na linguagem do cotidiano, como, por exemplo, na publicidade e no jornalismo. É o que pode ser ilustrado nos textos publicitários que seguem (questões 12, 13 e 14).

O texto ao lado comemora o dia da Imprensa (10 de setembro).

Ao designar a imprensa como o “*air-bag*” 17 da sociedade, o texto transfere para a imprensa o traço de sentido dominante desse termo da linguagem automobilística.

a) Como se chama esse tipo de mudança de significado?

b) O texto verbal esclarece a semelhança entre um *air-bag* e a imprensa. Qual é essa semelhança?



PARA O SAFRA, TRADIÇÃO SECULAR DE SEGURANÇA É TAMBÉM INVESTIR NA NATUREZA HUMANA.

O paisagista Roberto Burle Marx viveu em função do homem e da natureza. Multiplicou e preservou a vida em mais de 2000 projetos realizados no Brasil e no exterior. Pensando como Burle Marx, o Banco Safra



sempre investiu em seu talento através de jardins, painéis e pinturas para suas agências, e de sua concepção arquitetônica,



Foto de Roberto Burle Marx em 1957

Valorizando a natureza humana, o Banco Safra investe na qualidade de vida de seus Clientes e funcionários, construindo uma tradição de investimentos seguros. "Nós não vivemos isoladamente e sim em função da vida dos outros" – esta frase de Burle Marx reflete claramente nossa filosofia operacional: prestação de serviços eficiente

e informatizada, baseada na capacidade construtiva do Homem em criação das melhores condições para sua vida e seus negócios.



Banco Safra
Tradição Secular de Segurança

A foto acima mostra um espaço ajardinado, construído pela mão do homem. Na legenda, em letras grandes, faz-se referência à preocupação de uma instituição financeira em investir na natureza humana. O texto publicitário joga com mais de um mecanismo de alteração do sentido das palavras.

QUESTÃO 13

Em primeiro lugar, identifica-se, no alto da foto, o paisagista Burle Marx como autor do projeto que vem fotografado embaixo. A seguir, na legenda abaixo da foto fala-se em investir na *natureza humana*.

- Que tipo de associação nos permite designar um indivíduo (Burle Marx) por uma coletividade toda (natureza humana)?
- Como se chama a figura que se constrói com base nesse tipo de associação?

Q UESTÃO 14

Em segundo lugar, na verdade o texto mostra o investimento do banco na construção de uma paisagem, e fala em investimento na natureza humana, isto é, no homem que a constrói.

- a) Que tipo de associação permite dizer que o investimento na construção de uma paisagem é um investimento na natureza humana?
- b) Como se chama a figura que se constrói na base de uma relação desse tipo?
- c) Como se sabe, faz parte da natureza do texto publicitário uma intenção de supervalorizar o objeto da propaganda. No caso desse texto, considerado no seu todo, pode-se dizer que esse jogo de associações de sentido entre palavras tem um exagero. Investir num *paisagista famoso*, a rigor, permite afirmar que se investe na *natureza humana*?

EXERCÍCIO- 12

Como vimos, o narrador deixa, espalhados pelo texto narrado, indícios de sua presença (implícitos ou explícitos). O texto que segue é uma crônica curiosa de Carlos Drummond de Andrade. Nela há dois narradores: um (João Alves) que redigiu um anúncio para o jornal do seu povoado à procura de uma besta (uma mula) desaparecida alguns dias antes da publicação do anúncio; outro (Drummond) que se põe a comentar, admirado, as notáveis qualidades do texto do narrador João Alves.

ANÚNCIO DE JOÃO ALVES

Figura o anúncio em um jornal que o amigo me mandou, e está assim redigido:

À procura de uma besta. — A partir de 6 de outubro do ano cadente, sumiu-me uma besta vermelho-escura com os seguintes característicos: calçada e ferrada de todos os membros locomotores, um pequeno quisto na base da orelha direita e crina dividida em duas seções em consequência de um golpe, cuja extensão pode alcançar de 4 a 6 centímetros, produzido por jumento. Essa besta, muito domiciliada nas cercanias deste comércio, é muito mansa e boa de sela, e tudo me induz ao cálculo de que foi roubada, assim que não são falhas todas as indagações. Quem, pois, apreendê-la em qualquer parte e a fizer entregue aqui ou pelo menos notícia exata ministrar, será razoavelmente remunerado.

Itambé do Mato Dentro, 19 de novembro de 1899. (a) *João Alves Júnior*.

55 anos depois, prezado João Alves Júnior, tua besta vermelho-escura, mesmo que tenha aparecido, já é pó no pó. E tu mesmo, se não estou enganado, repousas suavemente no pequeno cemitério de Itambé. Mas teu anúncio continua um modelo no gênero, se não

para ser imitado, ao menos como objeto de admiração literária.

Reparo antes de tudo na limpeza de tua linguagem. Não escreveste apressada e toscamente, como seria de esperar de tua condição rural. Pressa, não a tiveste, pois o animal desapareceu a 6 de outubro, e só a 19 de novembro recorreste à *Cidade de Itabira*. Antes, procedeste a indagações. Falharam. Formulaste depois um raciocínio: houve roubo. Só então pegaste da pena, e traçaste um belo e nítido retrato da besta.

Não disseste que todos os seus cascos estavam ferrados; preferiste dizê-lo “de todos os seus membros locomotores”. Nem esqueceste esse pequeno quisto na orelha e essa divisão da crina em duas seções, que teu zelo naturalista e histórico atribui com segurança a um jumento. Por ser “muito domiciliada nas cercanias deste comércio”, isto é, do povoado e sua feirinha semanal, inferiste que não teria fugido, mas antes foi roubada. Contudo, não o afirmas em tom peremptório: “tudo me induz a esse cálculo”. Revelas aí a prudência mineira, que não avança (ou não avançava) aquilo que não seja a evidência mesma. É cálculo, raciocínio, operação mental e desapaixonada como qualquer outra, e não denúncia formal.

Finalmente — deixando de lado outras excelências de tua prosa útil — a declaração final: quem a apreender ou pelo menos “notícia exata ministrar”, será “razoavelmente remunerado”.

Não prometes recompensa tentadora; não fazes praças de generosidade ou largueza; acenas com o razoável, com a justa medida das coisas, que deve prevalecer mesmo no caso de bestas perdidas e entregues.

Já é muito tarde para sairmos à procura de tua besta, meu caro João Alves do Itambé; entretanto essa criação volta a existir, porque soubeste descrevê-la com decoro e propriedade, num dia remoto, e o jornal a guardou e alguém hoje a descobre, e muitos outros são informados da ocorrência. Se lesse os anúncios de objetos e animais perdidos, na imprensa de hoje, ficarias triste. Já não há essa precisão de termos e essa graça no dizer, nem essa moderação nem essa atitude crítica. Não há, sobretudo, esse amor à tarefa bem feita, que se pode manifestar até mesmo num anúncio de besta sumida.

Para Gostar de Ler: Crônicas. São Paulo, Ática, 1980, v. 5, p. 21.

Q U E S T Ã O 1

O texto de João Alves, transcrito no início da crônica, é apropriado para ilustrar a diferença entre autor (João Alves em pessoa) e narrador (aquele que se mostra a partir do fato que narra). Levando isso em conta, procure responder:

- Qual era a intenção do cidadão João Alves, o obscuro morador de Itambé do Mato Dentro, ao redigir o anúncio para o jornal do povoado?
- Não se sabe se o cidadão João Alves recuperou ou não sua mula perdida, mas o narrador João Alves saiu da obscuridade e sua fama transpôs os limites do seu povoado porque ele, enquanto narrador, produziu, com seu texto, um resultado provavelmente não planejado, mas de fato executado. Que resultado foi esse?

Q UESTÃO 2

- a) O cronista não conhece o cidadão João Alves e talvez nunca irá conhecê-lo. Qual é a passagem do texto que permite fazer essa afirmação?
- b) Apesar de não conhecê-lo como pessoa, o cronista dialoga com João Alves durante toda a crônica, chamando-o de *tu* (pronomes que indicam a pessoa com quem se fala). Sob que ponto de vista João Alves está vivo a ponto de ser o interlocutor do cronista?

Q UESTÃO 3

Após a transcrição do texto encontrado no jornal de Itambé, o cronista se põe a comentar, uma por uma, as diferentes manipulações de linguagem que marcam a presença do narrador na construção do texto narrado.

Logo no início do comentário, o cronista faz três observações: uma sobre a besta; outra sobre o proprietário da besta; outra sobre o próprio anúncio.

Em que consiste cada observação?

Q UESTÃO 4

O narrador, ao comentar o anúncio de João Alves, deixa transparecer um ar de simpatia e de carinho por ele. Transcreva duas passagens em que estão implícitos tais sentimentos.

Q UESTÃO 5

O narrador, ao comentar a linguagem usada no anúncio, mostra-se surpreso.

- a) Qual a razão da surpresa?
- b) Transcreva a passagem que fala dessa surpresa.

Q UESTÃO 6

“Reparo antes de tudo na limpeza de tua linguagem.”

Que sentido se pode atribuir a *limpeza* neste contexto?

Q UESTÃO 7

Uma das qualidades apontadas no texto de João Alves é a ausência de pressa.

Qual é o dado que funciona como indício dessa ausência?

Q UESTÃO 8

Ao dizer *“... traçaste um belo e nítido retrato da besta”*, o narrador-comentarista faz elogios a João Alves pela sua competência de descrever o animal.

Logo a seguir põe em relevo qualidades dessa descrição. Cite ao menos uma delas.

Q UESTÃO 9

“Nem esqueceste esse pequeno quisto na orelha e essa divisão da crina em duas seções, que teu zelo naturalista e histórico atribui com segurança a um jumento.”

O que quer dizer o comentarista com

- a) zelo naturalista?
- b) zelo histórico?

Q UESTÃO 10

Uma das qualidades do raciocínio de João Alves é a *“prudência mineira”*, que *“não avança (ou não avançava) aquilo que não seja a evidência mesma”*.

- a) O que o comentarista quer dizer com *“não avança”*?
- b) Por que a hesitação entre *avança* (no presente) e *avançava* (no passado)?

Q UESTÃO 11

O narrador-comentarista elogia João Alves pelo fato de não fazer afirmações em tom peremptório, isto é, em caráter definitivo e irrevogável. Além disso, destaca certas propriedades da sua conduta mental: *“É cálculo, raciocínio, operação mental e desapaixonada como qualquer outra, e não denúncia formal”*.

Levando esses dados em conta, tente responder:

- a) Qual é o procedimento mental valorizado como positivo?
- b) Qual é o procedimento considerado como negativo?

Q UESTÃO 12

Entre as hipóteses de fuga ou roubo, o narrador concorda com João Alves que a possibilidade de roubo é mais aceitável.

Por quê?

Q UESTÃO 13

Para compreender o significado de certas palavras ou expressões não basta consultar o dicionário. É preciso, além disso, levar em conta o contexto em que ocorrem. Considerando esse dado, qual é o significado que se pode atribuir à expressão *“fazer praça de generosidade ou largueza”* na seguinte passagem: *“Não prometes recompensa tentadora; não fazes praças de generosidade ou largueza...”* ?

Q UESTÃO 14

No final, entre as várias qualidades do texto de João Alves, o narrador põe em destaque uma.

- a) Qual é essa qualidade?
- b) Qual é a palavra que dá a essa qualidade maior importância que às demais?

Q UESTÃO 15

Levando em conta o significado global do texto, pode-se afirmar que:

- a) segundo o comentário do narrador, o texto de João Alves vale mais pela escolha das palavras do que pela veracidade das suas afirmações.
- b) o texto de João Alves destaca-se mais pelo modo de dizer do que pelo que diz.
- c) o que mais impressiona no texto de João Alves é o cuidado com seu animal de

estimação.

d) embora originário da zona rural, a cultura de João Alves era superior à das pessoas da cidade.

e) a prosa de João Alves não deve ser imitada mas sim admirada.

EXERCÍCIO- 13

O trecho que segue foi extraído de *Amar, verbo intransitivo*, romance de Mário de Andrade cujo enredo gira em torno dos seguintes episódios. Um pai de família, o sr. Sousa Costa, contrata uma governanta, Fräulein, para ensinar ao filho Carlos a arte do amor. Para Fräulein, sua missão era encarada com seriedade e envolvia relações mais complexas do que a simples relação sexual; não se tratava de um pacto clandestino mas de um contrato feito às claras, que Sousa Costa prometera não ocultar de Laura, sua esposa, promessa não cumprida. O trecho que segue relata o episódio em que d. Laura, temendo o envolvimento de Carlos com Fräulein, vai ter com ela para despedi-la do emprego.

Pancadas na porta de Fräulein. Virou assustada, resguardando o peito. Abotoava a blusa:

— Quem é?

— Sou eu, Fräulein. Queria lhe falar.

Abriu a porta e dona Laura entrou.

— Queria lhe falar. Um pouco...

— Estou às suas ordens, minha senhora.

Esperou. Dona Laura mal respirava muito nervosa, não sabendo principiar.

— É por causa do Carlos...

— Ah... Sente-se.

— Não vê que eu vinha lhe pedir, Fräulein, pra deixar a nossa casa. Acredite: isto me custa

muito porque já estava muito acostumada com você e não faço má ideia de si, não pense! mas...

Creio que já percebeu o jeito de Carlos... ele é tão criança!... Pelo seu lado, Fräulein, fico inteiramente descansada... Porém esses rapazes... Carlos...

— Já vejo que o senhor seu marido não lhe disse o que vim fazer aqui.

Dona Laura teve uma tontona, escancarou os olhos parados:

— Não!

— É lamentável, minha senhora, o procedimento do senhor seu marido, evitaria esta explicação desagradável. Pra mim. Creio que pra senhora também. Mas é melhor chamar o seu marido. Ou quer que desçamos pro hol?

Foram encontrar Sousa Costa na biblioteca. Ele tirou os olhos da carta, ergueu a caneta,

vendo elas entrarem.

— O senhor me prometeu contar a sua esposa a razão da minha presença aqui. Lamento profundamente que o não tenha feito, senhor Sousa Costa.

Sousa Costa encafifou, desacochado por se ver colhido em falta. Riscou uma desculpa sem inteligência:

— Queira desculpar, Fräulein. Vivo tão atribulado com os meus negócios! Demais: isso é uma coisa de tão pouca importância!... Laura, Fräulein tem o meu consentimento. Você sabe: hoje esses mocinhos... é tão perigoso! Podem cair nas mãos de alguma exploradora! A cidade... é uma invasão de aventureiras agora! Como nunca teve! COMO NUNCA TEVE, Laura... Depois isso de principiar... é tão perigoso! Você compreende: uma pessoa especial evita muitas coisas. E viciadas! não é só bebida não! Hoje não tem mulher da vida que não seja eterômana, usam morfina... E os moços imitam! Depois as doenças!...Você vive na sua casa, não sabe... é um horror! Em pouco tempo Carlos estava sífilítico e outras coisas horríveis, um perdido! É o que eu te digo, Laura, um perdido! Você compreende... meu dever é salvar o nosso filho... Por isso!

Fräulein prepara o rapaz. E evitamos quem sabe? até um desastre!... UM DESASTRE!

Repetia o “o desastre” satisfeito por ter chegado ao fim da explicação. Passeava de canto a canto. Assim se fingem as cóleras, e os machos se impõem, enganando a própria vergonha. Dona Laura sentara numa poltrona, maravilhada. Compreendia! Porém não juro que compreendesse tudo não. Aliás isso nem convinha pra que pudesse ceder logo. Fräulein é que estava indignada. Que diabo! atos da vida não é arte expressionista, que pode ser nebulosa ou sintética. Não percebera bem a claridade latina daquela explicação. O método germanicamente dela e didática habilidade no agir não admitiam tal fumarada de palavras desconexas. Aquelas frases sem dicionário nem gramática irritaram-na inda mais. Queria, exigia sujeito verbo e complemento. Só uma coisa julgara perceber naquele ingranzéu, e, engraçado! justamente o que Sousa Costa pensava, mas não tivera a intenção de falar: pagavam só pra que ela se sujeitasse às primeiras fomes amorosas do rapaz.

Mário de Andrade. *Amar, verbo intransitivo*. 19. ed. Belo Horizonte/ Rio de Janeiro, Villa Rica Editores Reunidos, 1993. p. 75-7.

Q UESTÃO 1

Quando se constrói uma personagem, faz parte dessa construção a escolha do nome dado a ela. Fräulein, que em alemão significa “senhorita”, é a forma como a empregada Elza é tratada.

Trata-se de uma escolha adequada para designar esta personagem e seu papel no romance?

Explique sua resposta.

Q UESTÃO 2

Sousa Costa não é nome, mas sobrenome: Felisberto Sousa Costa.

- a) Em nossa cultura é cabível chamar o chefe de família pelo sobrenome da família?
- b) D. Laura, esposa de Sousa Costa, tem o mesmo sobrenome do marido. Seria tão natural chamá-la pelo sobrenome como o é para o marido?

Q UESTÃO 3

Como se sabe, o vocativo serve, entre outros papéis, para indicar o tipo de relação que o falante quer estabelecer com o interlocutor. No caso desse texto, a personagem Fräulein usa o vocativo “minha senhora” para tratar com a patroa (d. Laura).

Levando em conta outros dados contidos no texto, o uso desse vocativo pode ser interpretado como uma forma de ironia ou como manifestação de formalidade e respeito?

Q UESTÃO 4

Esse trecho do livro reproduz uma conversa a três: d. Laura, Fräulein e Sousa Costa. O assunto da conversa é delicado. Levando em conta o contexto global do livro:

- a) Qual é o motivo real que leva d. Laura a despedir Fräulein?
- b) No desenrolar da conversa, percebe-se que os dois padrões se sentem mais constrangidos do que a empregada com o tema posto em discussão. Como explicar essa diferença de comportamento?
- c) Qual é o recurso, próprio da linguagem escrita, utilizado pelo narrador para indicar a interrupção das frases provocada pelo constrangimento e pela hesitação de d. Laura e seu marido?

Q UESTÃO 5

A segurança e a desinibição de Fräulein em confronto com a insegurança e a inibição dos padrões não constituem um exemplo de incoerência narrativa?

Q UESTÃO 6

Pelo papel que assume no romance, a personagem interpretada por Fräulein é complexa, original e sujeita a contradições.

- a) Seu papel de amante paga para dar lições de amor é, dentro de nossa cultura, compatível com o espaço doméstico (do lar)?
- b) Sousa Costa precisou de um forte argumento para trazer Fräulein para dentro do espaço doméstico. Qual foi esse argumento?

Q UESTÃO 7

Fräulein se movimenta com grande liberdade e desenvoltura dentro do espaço em que reside com outras personagens: abriu seu quarto sem problemas para conversar com d. Laura; encarou com igual naturalidade chamar Sousa Costa para dentro do seu quarto ou descer até o “hol”; acabou indo conversar com Sousa Costa na biblioteca. Essa liberdade de locomover-se e de circular por vários espaços pode ser interpretada como índice de um traço da personalidade da personagem. De que traço se trata?

Q UESTÃO 8

O narrador intervém mais de uma vez para comentar e avaliar atitudes das personagens.

- a) Que avaliação faz das explicações que Sousa Costa dá para d. Laura para justificar a presença de Fräulein em sua casa?
- b) Que comentário faz sobre d. Laura diante das explicações dadas pelo marido?

Q UESTÃO 9 (UNICAMP)

E m *Amar, verbo intransitivo*, depois do encontro explicativo entre Fräulein, Sousa Costa e d. Laura, o narrador observa:

É certo que Fräulein tinha esclarecido muito o que veio fazer na casa deles, porém dona Laura, que tinha percebido tudo com a explicação de Felisberto, agora não compreendia mais nada. Afinal: o que era mesmo que Fräulein estava fazendo na casa dela!

- a) Segundo Sousa Costa, com que finalidade tinha sido contratada Fräulein?
- b) Segundo Fräulein, qual era seu papel junto a Carlos?
- c) Relacione o mal-entendido mencionado acima com as características de cada uma das três personagens.

Q UESTÃO 10

Levando em conta a compreensão global do texto, podemos afirmar que, segundo o narrador:

- a) as explicações de Sousa Costa foram perfeitamente claras e compreensíveis.
- b) Fräulein não compreendeu nada das explicações dadas por Sousa Costa.
- c) de tudo o que Sousa Costa disse, Fräulein compreendeu com mais clareza aquilo que ele não queria revelar.
- d) apesar da “clareza latina” da fala de Sousa Costa, Fräulein só compreendeu uma coisa: que toda aquela explicação servia apenas para provocar a indignação de d. Laura.
- e) Sousa Costa não possuía a didática e a clareza de Fräulein e por isso foi mal-sucedido na tentativa de convencer d. Laura a não despedir Fräulein.

EXERCÍCIO- 14

O texto que vem a seguir é a letra de uma música de Chico Buarque de Holanda:

JOÃO E MARIA

Agora eu era o herói

E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cowboy
Era você, além das outras três
Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock para as matinês
Agora eu era o rei
Era o bedel e era também juiz
E pela minha lei
A gente era obrigado a ser feliz
E você era a princesa que eu fiz coroar
E era tão linda de se admirar
E andava nua pelo meu país
Não, não fuja não
Finja que agora eu era o seu brinquedo
Eu era o seu pião
O seu bicho preferido
Vem, me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade
Acho que a gente nem tinha nascido
Agora era fatal
Que o faz de conta terminasse assim
Pra lá deste quintal era uma noite que
[não tem mais fim
Pois você sumiu no mundo sem
[me avisar
E agora eu era um louco a perguntar
O que é que a vida vai fazer de mim.

Sivuca & Chico Buarque. *Chico Buarque de Holanda*. São Paulo, Abril Educação, 1980.
(Literatura Comentada).

Q UESTÃO 1

O tempo desta narrativa é marcado por um *agora*, que indica uma ocorrência concomitante com o momento da fala. Mas o tempo verbal, em vez do esperado presente (*agora eu sou*), é o imperfeito (*agora eu era*).

- a) O uso de *era* em vez de *sou* cria um efeito de verdade ou uma impressão de fantasia?
- b) As histórias do universo do faz de conta iniciam-se em geral pela fórmula *era uma vez...* O que há de comum entre essa fórmula e a fórmula usada nesta narrativa “*agora eu era o herói*”?

Q UESTÃO 2

Como já vimos, o narrador pode fazer parte do relato ou não.

- a) Nesta narrativa, qual é o tipo de participação do narrador no relato?
- b) Desde as primeiras estrofes, há indicadores de que o narrador participa dos acontecimentos. Cite, nas duas primeiras estrofes, duas passagens que confirmem essa interferência.

Q UESTÃO 3

Na segunda estrofe, ao lado de várias formas verbais no imperfeito (*era*, *andava*), ocorre uma forma no perfeito do indicativo (*fiz*).

- a) Conjugue a forma *fiz* no imperfeito do indicativo e reescreva o verso em que ela ocorre.
- b) Substituindo *fiz* pela forma do imperfeito, qual é a diferença de sentido produzida?
- c) Explique por que a forma *fiz* é mais adequada a este contexto.

Q UESTÃO 4

Na terceira estrofe, a postura de segurança e de controle sobre a situação é alterada, o narrador assume a condição de alguém que solicita a participação da amada no jogo construído por ele.

- a) Quais são as formas verbais que traduzem esse pedido?
- b) Que tipo de participação é solicitado da amada?
- c) A conjugação dessas formas verbais não está de acordo com a prescrição gramatical, que exige a correlação correta das pessoas. Qual o efeito de sentido produzido por essa transgressão?

Q UESTÃO 5

Ainda na terceira estrofe, ocorre uma forma verbal no presente (*acho*) e uma no mais-queperfeito (*tinha nascido*).

- a) A forma *acho* indica uma ocorrência concomitante com que referencial de tempo?
- b) A forma *tinha nascido*, que está no mais-que-perfeito composto do indicativo, deve estar indicando uma ocorrência passada anterior a outra passada. Em relação a que ocorrência *tinha nascido* indica um evento passado?

Q UESTÃO 6

Na quarta estrofe, o clima de euforia das duas primeiras é radicalmente alterado. Segundo o narrador, era inevitável que a brincadeira (*faz de conta*) terminasse como acabou (*assim*).

- a) *Assim*, que no caso é um advérbio de modo, está indicando o modo como a história terminou. Trata-se de um final feliz ou trágico?
- b) No terceiro verso da quarta estrofe se lê: "*Pra lá deste quintal era uma noite que não tem mais fim*".

Como se nota, a forma *era* (imperfeito) indica um evento concomitante com a forma *tem* (presente). Sob o ponto de vista do plano da realidade e do plano da ficção, como se

pode interpretar essa aparente contradição?

c) Há, nessa estrofe, um verbo cujo significado indica uma ocorrência que fugiu do controle do narrador. De que ocorrência se trata?

d) Tendo perdido o controle da situação e dos acontecimentos, o narrador entra em estado de loucura. Uma forma verbal que indica tempo futuro contém uma interrogação. Trata-se de uma suspeita otimista ou pessimista? Por quê?

Q UESTÃO 7

A compreensão global do texto autoriza-nos a afirmar que:

a) o mundo da ficção é mais favorável do que o da realidade, já que um não interfere no outro.

b) entre a realidade e a ficção é preferível a realidade, já que sobre ela nós temos controle.

c) entre a realidade e a ficção não existem fronteiras tão definidas, já que dados de um plano podem reproduzir-se no outro.

d) o medo da realidade nos impede de desfrutá-la.

e) nada existe fora do domínio da fantasia.

EXERCÍCIO- 15

O trecho que vem abaixo é de autoria de Chico Buarque de Holanda:

VALSINHA

Um dia ele chegou tão diferente
Do seu jeito de sempre chegar.
Olhou-a de um jeito muito mais quente
Do que sempre costumava olhar
E não maldisse a vida tanto
Quanto era seu jeito de sempre falar.
E nem deixou-a só num canto
Pra seu grande espanto
Convidou-a pra rodar.
Então ela se fez bonita
Como há muito tempo não queria ousar
Com seu vestido decotado
Cheirando a guardado
De tanto esperar.
Depois os dois deram-se os braços
Como há muito tempo

Não se usava dar
E cheios de ternura e graça
Foram para a praça
E começaram a se abraçar.
E ali dançaram tanta dança
Que a vizinhança toda despertou
E foi tanta felicidade
Que toda a cidade se iluminou
E foram tantos beijos loucos
Tantos gritos roucos
Como não se ouviam mais
Que o mundo compreendeu
E o dia amanheceu em paz.

Vinícius de Moraes & Chico Buarque de Holanda. *Chico Buarque de Holanda*. São Paulo, Abril Educação, 1980. p. 30-1. (Literatura Comentada).

Grande valsa, pintura da artista popular Octacília Josefa de Melo, de 1986(fragmento).

Q UESTÃO 1

Como se sabe, todo texto narrativo relata transformações que vão ocorrendo através do tempo. Leia os dois versos iniciais:

*“Um dia ele chegou tão diferente
Do seu jeito de sempre chegar”.*

Os dois versos relatam uma transformação: ele chegava habitualmente de um jeito e passou a chegar de outro. Levando em conta os dados fornecidos pelo texto, como ele costumava chegar habitualmente?

Q UESTÃO 2

Naquele dia diferente, uma das atitudes dele, de modo especial, causou surpresa a ela. Qual foi essa atitude?

Q UESTÃO 3

Essa transformação que se deu com a personagem masculina (*e/le*) desencadeou outra transformação na personagem feminina (*e/la*). Em que níveis de comportamento se alterou a conduta dela?

Q UESTÃO 4

A disponibilidade de ambos deu origem à dança, que também pode ser interpretada como movimento do jogo amoroso. Fazem parte desse jogo tanto o afeto, a emoção delicada, quanto a sensualidade calorosa, a paixão febril.

Encontre passagens no texto que falem:

a) da emoção delicada;

b) da sensualidade calorosa.

Q UESTÃO 5

O gesto amoroso da dança saiu do interior da casa para a praça, da praça para a cidade, da cidade para o mundo.

a) Como se pode interpretar essa ampliação do espaço?

b) Qual é o efeito final desse gesto no comportamento dos homens?

Q UESTÃO 6

Pode-se dizer que o texto estabelece uma relação de semelhança entre a valsa, o jogo amoroso e as relações humanas em termos mais amplos? Em caso afirmativo, explique onde reside essa semelhança.

Q UESTÃO 7

Todo texto narrativo é figurativo. Isso quer dizer que por trás das figuras existe um tema implícito. Numa carta endereçada a Vinícius de Moraes, Chico Buarque discute com o seu parceiro a inconveniência de colocar o título de “Valsa hippie” (em vez de “Valsinha”), como queria o velho poeta. Eis o trecho da carta:

“Valsa hippie” é um título forte. É bonito, mas pode parecer forçação de barra, com tudo o que há de hippie à venda por aí. “Valsa hippie”, ligado à filosofia hippie como você o ligou, é um título perfeito. Mas hippie, para o grande público, já deixou de ser a filosofia da moda pra frente, de se usar roupa e cabelo. Aí já não tem nada a ver.

Chico Buarque de Holanda. Cartas a Vinícius. *O Estado de S.Paulo*, 19 mar. 1995. p. D-16.

Qual é o tema que torna a letra de “Valsinha” compatível com a autêntica filosofia hippie?

Q UESTÃO 8

Levando em conta o sentido global do texto, pode-se afirmar que:

a) a dança, que inclui o envolvimento amoroso e o prazer, expande seus efeitos para além das pessoas que se amam.

b) o jogo amoroso, diferentemente da dança e da valsa, só é possível com o consentimento explícito dos pares que se amam.

c) para que a dança e o amor sejam bem-sucedidos, é preciso que, de início, exista apenas ternura de ambas as partes e só depois esse sentimento evolua para o prazer.

d) a concepção de amor que está implícita por trás desse texto narrativo não inclui o prazer físico.

e) só a ternura e o amor desinteressado são capazes de irradiar sua influência para além do espaço domésticos.

LIÇÃO 16 – EXERCÍCIOS

O texto que vem a seguir é letra de uma música de Caetano Veloso:

LUA DE SÃO JORGE

lua de são jorge
lua deslumbrante
azul verdejante
cauda de pavão
lua de são jorge
cheia branca inteira
oh minha bandeira
solta na amplidão
lua de são jorge
lua brasileira
lua do meu coração
lua de são jorge
lua maravilha
mãe irmã e filha
de todo esplendor
lua de são jorge
brilha nos altares
brilha nos lugares
onde estou e vou
lua de são jorge
brilha sobre os mares
brilha sobre o meu amor
lua de são jorge
lua soberana
nobre porcelana
sobre a seda azul
lua de são jorge
lua da alegria
não se vê um dia
claro como tu
lua de são jorge
serás minha guia
no brasil de norte a sul

Caetano Veloso. *Caetano Veloso*. Sel. de textos, notas, est. biogr., hist. e crít. e exerc. por Paulo Franchetti e Alcir Pécora. São Paulo, Abril Educação, 1981. p. 84. (Literatura

Comentada).

QUESTÃO 1

Toda descrição retrata um objeto particularizado, neste caso, a lua de São Jorge, que vem repetida no início de todas as estrofes do texto. No espaço cultural brasileiro, que crenças dão margem ao uso da expressão *lua de São Jorge*?

QUESTÃO 2

O texto descreve muitas facetas da lua de São Jorge.

- a) Os adjetivos *deslumbrante*, *azul verdejante* bem como a metáfora *cauda de pavão* fazem referência basicamente a que aspectos da lua?
- b) Há passagens no texto que associam lua e religiosidade. Cite dois versos em que isso se dá.

QUESTÃO 3

Ao mesmo tempo que a lua é tratada como um objeto situado na imensidão do cosmo, ela é tratada também como um objeto próximo, caseiro.

- a) Cite algumas passagens em que o poeta trata a lua como objeto próximo.
- b) Cite passagens em que a lua é tratada como objeto longínquo.

QUESTÃO 4

Ao tratá-la como objeto distante e remoto ao mesmo tempo que como um objeto próximo e familiar, o poeta sugere duas formas diferentes de o homem relacionar-se com

o mesmo objeto. Quais são as duas formas?

QUESTÃO 5

A descrição constrói certa imagem do objeto descrito. No caso do presente texto a imagem criada é positiva ou negativa?

QUESTÃO 6

A lua é descrita como um objeto de múltiplas faces. Pode-se dizer que, neste poema, ela é tratada inclusive como pessoa? Explique sua resposta.

QUESTÃO 7

A leitura do texto permite afirmar que:

- a) a lua possui múltiplas faces, umas belas e graciosas, outras disformes e grotescas.
- b) a lua de São Jorge só é bela na aparência.
- c) a lua é ambígua: na exterioridade é uma, na interioridade é outra.
- d) por mais bela que seja, a lua de São Jorge é motivo de espanto e temor para quem a contempla a distância.
- e) as múltiplas faces da lua de São Jorge são todas dignas de apreço e admiração.

LIÇÃO 17 - EXERCÍCIOS

QUESTÃO 1

A esta altura das lições, tendo já tratado dos textos narrativo, descritivo e dissertativo, vamos confrontá-los e observar suas marcas típicas. Os três textos que seguem são exemplos de cada um dos três tipos de textos referidos nesta lição e nas duas anteriores. Leia-os com atenção, classifique-os segundo esses três tipos e explique a classificação dada. O primeiro texto foi montado com passagens e dados extraídos da *Folha de S. Paulo* (20 nov. 1991).

TEXTO 1

Aos 100 anos, a Avenida Paulista permanece uma janela aberta para a modernidade. Seus 2,6km de extensão (ou 3 818 passos) são percorridos diariamente por 1 milhão de pessoas, em sua maioria mulheres, como revela pesquisa da companhia que mantém o metrô correndo sob seu asfalto. A Paulista fala 12 línguas, em 18 consulados ali instalados. Ao lado de poucos casarões do passado, ela abriga edifícios “inteligentes” e torres de rádio e TV iluminadas como um marco futurista.

Veja agora o texto que segue, também montado com passagens e dados da *Folha de S. Paulo* (20 nov. 1991).

TEXTO 2

No início do século, a Paulista era a avenida mais espaçosa da cidade, com três pistas separadas para bondes, carruagens e cavaleiros. Era a mais bela, com quatro fileiras de magnólias e plátanos. Era um fim de mundo, no final da Ladeira da Consolação. Lá residiam os imigrantes recém-enriquecidos: Martinelli, Crespi, Matarazzo, Riskallah, Von Bulow. Após isso, aí pelos anos 50 e 60, o acelerado processo de urbanização da cidade varreu dali os 24 casarões, como o que ocupava o nº 46 da avenida. No seu lugar, surgiram prédios, alguns deles enquadrados entre os mais modernos do mundo, como o Citibank e o Banco Sudameris. Já completamente ladeada de prédios de porte, foi a recente inauguração do metrô que lhe conferiu novo charme. Com todos esses antecedentes, ela é hoje, apesar das contradições, a avenida mais moderna, mais dinâmica, mais nervosa da cidade, eleita pelos próprios moradores como o mais fiel

retrato de São Paulo.

Por fim, leia agora o texto 3, que contém interpretações e análises inspiradas no livro *A casa e a rua*, do antropólogo Roberto da Mata.

TEXTO 3

No âmbito da cultura brasileira, a Rua e a Casa ocupam lugares nitidamente distintos, que, por sua vez, condicionam comportamentos francamente diferenciados: o que se faz na Rua não se faz em Casa e vice-versa. Se a Casa é o espaço do aconchego e da proteção, a Rua é o do desamparo e do abandono. “Sentir-se em casa” é uma expressão da nossa língua que significa “estar à vontade”, “sentir-se abrigado, protegido”; ao contrário, “ir para o olho da rua” denota “desamparo social, exposição ao risco, solidão”. A Rua é o espaço da transgressão, onde vivem os malandros e marginais; é o território do salve-se quem puder, onde prevalece a lei do cada um por si. Domínio do anonimato e da despersonalização, é na Rua que um cidadão de bem pode ser molestado por autoridades de segurança pública e tratado como um criminoso.

QUESTÃO 2 (FUVEST)

FILOSOFIA DOS EPITÁFIOS

Saí, afastando-me dos grupos, e fingindo ler os epitáfios. E, aliás, gosto dos epitáfios; eles são, entre a gente civilizada, uma expressão daquele pio e secreto egoísmo que induz o homem a arrancar à morte um farrapo ao menos da sombra que passou. Daí vem, talvez, a tristeza inconsolável dos que sabem os seus mortos na vala comum; parece-lhes que a podridão anônima os alcança a eles mesmos.

Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Do ponto de vista da composição, é correto afirmar que o capítulo “Filosofia dos epitáfios”

- a) é predominantemente dissertativo, servindo os dados do enredo e dos ambientes como fundo para a digressão.
- b) é predominantemente descritivo, com a suspensão do curso da história dando lugar à construção do cenário.

- c) equilibra em harmonia narração e descrição, à medida que faz avançar a história e cria o cenário de sua ambientação.
- d) é predominantemente narrativo, visto que o narrador evoca os acontecimentos que marcaram a sua saída.
- e) equilibra narração e dissertação, com o uso do discurso indireto para registrar as impressões que o ambiente provoca no narrador.

TEXTO PARA AS QUESTÕES DE 3 A 10

O texto que segue é o trecho de um artigo de Ricardo B. de Araújo:

A torcida possui a propriedade de reunir, “na mesma massa”, pessoas situadas em posições sociais diversas, homogeneizando, em torno de clubes, as suas diferenças. Nesse processo, um mecanismo extremamente importante é o uniforme de cada clube: ao mesmo tempo que separa e distingue cada uma das torcidas, ele “despe” cada torcedor da sua identidade civil, e o integra em um novo contexto, profundamente indiferenciado. Nesse contexto de massa que é a torcida, inexistem desigualdades, pelo menos em princípio. Todos estão ali reunidos pela paixão, para torcer por um dos clubes e, portanto, cada torcedor tem, nesse momento, os mesmos direitos que qualquer outro. Este último ponto é de grande importância, pois nos leva, de certa forma, da igualdade à liberdade. Com efeito, se todos os torcedores são considerados moralmente iguais, abre-se, então, a possibilidade para que cada um deles possa, com toda a legitimidade, ter uma visão inteiramente pessoal do andamento da partida, da escalação dos times, enfim, de qualquer aspecto relacionado ao mundo do futebol. Qualquer torcedor pode, inclusive, discordar das “autoridades” em futebol, os técnicos, dirigentes ou comentaristas, sem que sua interpretação seja considerada insolente ou descabida.

Este é um contexto em que, de alguma forma, todo mundo tem opinião, e todos têm o direito de exprimi-la, ou seja, são livres para explicitá-la sem sofrer qualquer constrangimento. É exatamente por isso que as discussões sobre o futebol são consideradas “intermináveis”. Na verdade, esta impressão é causada pela própria dificuldade de se chegar a algum consenso num ambiente tão pluralista e democrático.

Existe, portanto, no futebol, uma área de decisão privada, na qual cada torcedor tem liberdade para julgar e escolher segundo suas próprias inclinações, sem ter que sofrer qualquer interferência. Lembremo-nos de que a própria opção por se torcer por determinado clube, de trocá-lo por outro, ou mesmo de se desinteressar do futebol, são

resoluções de “foro íntimo”, que não interessam a ninguém, e que devem, assim, ser tomadas com toda a independência.

Ricardo B. de Araújo. Força estranha. *Ciência Hoje*, ano I, 1, jul./ago. 1982.

QUESTÃO 3

O texto acima transcrito, de caráter jornalístico, está abordando um tema associado à sociologia do futebol.

- a) O articulista está tratando do comportamento específico da torcida de um clube num jogo em particular ou do comportamento genérico de qualquer torcida em qualquer jogo?
- b) Esse dado pode ser considerado como uma característica de textos dissertativos?

QUESTÃO 4

O redator, ao expor seus pontos de vista, usa conceitos abstratos, apresentando suas opiniões e comentários de maneira explícita, o que é próprio dos textos de caráter temático. Cite algumas passagens que contenham conceitos desse tipo.

QUESTÃO 5

Os verbos do texto estão no presente.

- a) Qual é o significado do tempo presente no percurso de todo o texto?
- b) Esse uso do presente é típico do texto dissertativo? Explique por quê.

QUESTÃO 6

No nível de sua estrutura fundamental, esse texto contém as seguintes instâncias:

- afirmação da diversidade;

- negação da diversidade;
- afirmação da igualdade.

Cite ao menos uma passagem que sirva para ilustrar que nas torcidas

- a) existe a diversidade.
- b) nega-se a diversidade.
- c) afirma-se a igualdade.

QUESTÃO 7

No texto dissertativo, a relação de anterioridade e posterioridade entre os enunciados é determinada por relações de natureza lógica e não de natureza cronológica. Observe, por exemplo, a seguinte passagem: *“pois nos leva, de certa forma, da igualdade à liberdade”*. Qual é o evento logicamente anterior que serve de fundamento para dizer que da igualdade passamos a adquirir liberdade? Explique sua resposta.

QUESTÃO 8

Num texto dissertativo, podem ocorrer passagens figurativas, isto é, formadas por palavras de sentido concreto. Em geral, essas passagens são inseridas para funcionar como argumentos destinados a comprovar opiniões gerais expressas sob a forma de conceitos abstratos (temas). No quarto parágrafo, há uma passagem figurativa para ilustrar a afirmação de que nas torcidas o torcedor tem direito a agir livremente e de maneira pessoal. Cite essa passagem.

QUESTÃO 9

O conector *portanto* serve para introduzir uma conclusão relativa ao que se disse anteriormente. Como se sabe, uma conclusão só é legítima quando coloca explicitamente dados ou eventos já contidos implicitamente em passagens anteriores.

Que dados anteriores servem de suporte para se afirmar: *“Existe, portanto, no futebol, uma área de decisão privada, na qual cada torcedor tem liberdade para julgar e escolher segundo suas próprias inclinações, sem ter que sofrer qualquer interferência”*?

QUESTÃO 10

A leitura global do texto permite-nos concluir que:

- a) a torcida de futebol é um exemplo de organização social, pois entre os torcedores não existe diferença de classes.
- b) se toda a sociedade seguisse o exemplo de uma torcida de futebol, não se chegaria nunca a decisão nenhuma, pois toda discussão seria interminável.
- c) do ponto de vista desse texto, a torcida é um mecanismo social de participação e não de alienação.
- d) numa organização democrática, como é uma torcida de futebol, tudo se iguala, o que induz a comportamentos padronizados, sem nenhum traço de originalidade.
- e) as decisões pessoais dentro de uma organização semelhante à de uma torcida de futebol são sempre desencontradas, pois não respeitam nenhuma hierarquia.

LIÇÃO 18 – EXERCÍCIOS

O trecho que segue foi extraído da obra *Novelas Paulistas*, de Antônio de Alcântara Machado:

LISSETTA

Quando Lisetta subiu no bonde (o condutor ajudou) viu o urso. Felpudo, felpudo. E amarelo. Tão engraçadinho.

Dona Mariana sentou-se, colocou a filha em pé diante dela.

Lisetta começou a namorar o bicho. Pôs o pirulito de abacaxi na boca. Pôs mas não chupou.

Olhava o urso. O urso não ligava.

Seus olhinhos de vidro não diziam absolutamente nada. No colo da menina de pulseira de ouro e meias de seda parecia um urso importante e feliz.

— Olhe o ursinho que lindo, mamãe!

— Stai zitta!¹

A menina rica viu o enlevo e a inveja da Lisetta. E deu de brincar com o urso. Mexeu-lhe com o toquinho do rabo: e a cabeça do bicho virou para a esquerda, depois para a direita, olhou para cima, depois para baixo. Lisetta acompanhava cada manobra. Sorrindo fascinada. E com um ardor nos olhos! O pirulito perdeu definitivamente toda a importância.

Agora são as pernas que sobem e descem, cumprimentam, se cruzam, batem umas nas outras.

— As patas também mexem, mamãe. Olha lá!

— Stai ferma!²

Lisetta sentia um desejo louco de tocar no ursinho. Jeitosamente procurou alcançá-lo. A menina rica percebeu, encarou a coitada com raiva, fez uma careta horrível e apertou contra o peito o bichinho que custara cinquenta mil-réis na Casa São Nicolau.

— Deixa pegar um pouquinho, um pouquinho só nele, deixa?

— Ah!

— Scusi³, senhora. Desculpe por favor. A senhora sabe, essas crianças são muito levadas. Scusi. Desculpe.

A mãe da menina rica não respondeu. Ajeitou o chapeuzinho da filha, sorriu para o bicho, fez uma carícia na cabeça dele, abriu a bolsa e olhou o espelho.

Dona Mariana, escarlate de vergonha, murmurou no ouvido da filha:

— In casa me lo pagherai!⁴

E pespegou por conta um beliscão no bracinho magro. Um beliscão daqueles.

Lisetta então perdeu toda a compostura de uma vez. Chorou. Soluçou. Chorou. Soluçou. Falando sempre.

— Hã! Hã! Hã! Hã Eu que...ro o ur...so! O ur...so! Ai, mamãe! Ai, mamãe! Eu que...ro o...o...o...Hã! Hã!

— Stai ferma o ti amazzo, parola d'onore! 5

— Um pou...qui...nho só! Hã! E...hã! E...hã! Um pou...qui...

— Senti, Lisetta. Non ti porterò più in città! Mai più!6

Um escândalo. E logo no banco da frente. O bonde inteiro testemunhou o feio que Lisetta fez. O urso recomeçou a mexer com a cabeça. Da esquerda para a direita, para cima e para baixo.

— Non piangere più adesso!7

Impossível.

O urso lá se fora nos braços da dona. E a dona só de má, antes de entrar no palacete estilo empreiteiro português, voltou-se e agitou no ar o bichinho. Para Lisetta ver. E Lisetta viu!

Dem-dem! O bonde deu um solavanco, sacudiu os passageiros, deslizou, rolou, seguiu. Demdem!

— Olha à direita!

Lisetta como compensação quis sentar-se no banco. Dona Mariana (havia pago uma passagem só) opôs-se com energia e outro beliscão.

A entrada de Lisetta em casa marcou época na história dramática da família Garbone.

Logo na porta um safanão. Depois um tabefe. Outro no corredor. Intervalo de dois minutos. Foi então a vez das chineladas. Para remate. Que não acabava mais.

O resto da gurizada (narizes escorrendo, pernas arranhadas, suspensórios de barbante) reunido na sala de jantar sapeava de longe.

Mas o Ugo chegou da oficina.

— Você assim machuca a menina, mamãe! Coitadinha dela!

Também Lisetta não aguentava mais.

— Toma pra você. Mas não escache.

Lisetta deu um pulo de contente. Pequerrucho. Pequerrucho e de lata. Do tamanho de um passarinho. Mas urso.

Os irmãos chegaram-se para admirar. O Pasqualino quis logo pegar no bichinho. Quis mesmo tomá-lo à força. Lisetta berrou como uma desesperada:

— Ele é meu! O Ugo que me deu!

— Correu para o quarto. Fechou-se por dentro.

Antônio de Alcântara Machado. Novelas paulistanas: Brás, Bexiga e Barra Funda. 1. ed. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1988. p.100-2.

QUESTÃO 1

Lisetta, logo que viu o urso, enamorou-se dele, ficou fascinada e passou a querer tocá-lo, querer desfrutar do brinquito da menina rica.

a) Pode-se dizer que Lisetta estava movida pelo estado de alma característico do anseio?

b) Ela contava com a colaboração da menina rica, acreditava que a proprietária do urso ia permitir que ela o tocasse. Essa crença gera que tipo de estado de alma em Lisetta?

QUESTÃO 2

Levando em consideração as reações da menina rica em face do desejo de Lisetta:

- a) elas corresponderam à expectativa de Lisetta?
- b) Lisetta conformou-se ou insistiu em pegar o urso?

QUESTÃO 3

Diz o narrador que dona Mariana pediu desculpas à mãe da menina do ursinho e, cheia de vergonha, ameaça castigar a filha em casa.

- a) O que é que provocou em dona Mariana o sentimento de vergonha?
- b) Em que consiste o sentimento de vergonha?

QUESTÃO 4

Inconformada com a insistência de Lisetta, a mãe pregou-lhe um beliscão.

- a) Qual o sentimento que levou dona Mariana a tomar essa atitude?
- b) Em que consiste esse sentimento ou estado de alma?

QUESTÃO 5

Quando levou o beliscão de dona Mariana em represália à sua tentativa de brincar com o animalzinho, Lisetta perdeu a compostura de uma vez e, segundo o narrador, chorou e soluçou copiosamente.

- a) Após essa choradeira, a dona do urso comoveu-se com a atitude de Lisetta?
- b) A partir daí, pode-se dizer que Lisetta resignou-se diante da impossibilidade de brincar com o ursinho?
- c) Em que consiste o sentimento de resignação?

QUESTÃO 6

Movida mais uma vez pelo sentimento de raiva, a mãe espancou dramaticamente a filha.

- a) O irmão Ugo, ao entrar, concorda com a severidade da mãe?
- b) Que sentimento a surra de Lisetta despertou em Ugo?
- c) Em que consiste esse estado de alma?

QUESTÃO 7

- a) Ao receber o presente de Ugo, qual o sentimento que acometeu Lisetta?
- b) Como se pode descrever esse estado de alma?
- c) Diante da investida do irmão Pasqualino, Lisetta berrou como uma desesperada e trancou-se no quarto. Que estado de alma provocou essa reação?

QUESTÃO 8

A leitura do conto permite-nos afirmar que:

- a) o conto relata um drama que envolve a ostentação de quem pode realizar o seu desejo versus a frustração de quem não pode fazê-lo.

- b) o texto relata a vergonha daqueles que não são capazes de controlar-se e o orgulho dos que o são.
- c) o grande desejo de Lisetta consistia em privar sua antagonista do prazer de brincar com o ursinho.
- d) Lisetta, ao contrário de sua mãe, foi capaz de compreender rapidamente as verdadeiras intenções da sua antagonista.
- e) o conflito inicial, que envolvia estados de alma opostos entre si, resolveu-se pacificamente no final do conto.

LIÇÃO 19 - EXERCÍCIOS

O texto que segue é um fragmento de um artigo do endocrinologista Geraldo Medeiros, publicado na revista *Veja*:

UM ARRISCADO ESPORTE NACIONAL

Os leigos sempre se medicaram por conta própria, já que de médico e louco todos temos um pouco, mas esse problema jamais adquiriu contornos tão preocupantes no Brasil como atualmente. Qualquer farmácia conta hoje com um arsenal de armas de guerra para combater doenças de fazer inveja à própria indústria de material bélico nacional. Cerca de 40% das vendas realizadas pelas farmácias nas metrópoles brasileiras destinam-se a pessoas que se automedicam. A indústria farmacêutica de menor porte e importância retira 80% de seu faturamento da venda “livre” de seus produtos, isto é, das vendas realizadas sem receita médica.

Diante desse quadro, o médico tem o dever de alertar a população para os perigos ocultos em cada remédio, sem que, necessariamente, faça junto com essas advertências uma sugestão para que os entusiastas da automedicação passem a gastar mais em consultas médicas. Acredito que a maioria das pessoas se automedica por sugestão de amigos, leitura, fascinação pelo mundo maravilhoso das drogas “novas” ou simplesmente para tentar manter a juventude. Qualquer que seja a causa, os resultados podem ser danosos.

É comum, por exemplo, que um simples resfriado ou uma gripe banal leve um brasileiro a ingerir doses insuficientes ou inadequadas de antibióticos fortíssimos, reservados para infecções graves e com indicação precisa. Quem age assim está ensinando bactérias a se tornarem resistentes a antibióticos. Um dia, quando realmente precisar de remédio, este não funcionará. E quem não conhece aquele tipo de gripado que chega a uma farmácia e pede ao rapaz do balcão que lhe aplique uma “bomba” na veia, para cortar a gripe pela raiz? Com isso, poderá receber na corrente sanguínea soluções de glicose, cálcio, vitamina C, produtos aromáticos — tudo isso sem saber dos riscos que corre pela entrada súbita destes produtos na sua circulação.

Dr. Geraldo Medeiros. *Veja*, 18 dez. 1985.

QUESTÃO 1

Um título apropriado é sempre um bom começo. Ele deve ser a expressão sintética do tema a ser discutido e deve, se possível, ser sugestivo, atraente. O título escolhido pelo autor tem essas propriedades? Explique sua resposta.

QUESTÃO 2

A dissertação, como qualquer texto, contém um ponto de vista do autor frente à questão posta em debate.

- a) Qual é a questão que o autor discute no texto?
- b) Qual é o ponto de vista que ele assume frente a essa questão?

QUESTÃO 3

Uma afirmação ganha mais peso quando vem acompanhada de bom argumento.

- a) Que argumento o autor usa para confirmar que a automedicação *“jamais adquiriu contornos tão preocupantes no Brasil como atualmente”*?
- b) Trata-se de dados expressivos para provar o que se pretende? Explique sua resposta.
- c) Que efeito produz esse tipo de argumento no leitor?

QUESTÃO 4

Ao enunciar as causas pelas quais as pessoas se automedicam (linhas 22 a 26) o

autor introduzo enunciado com o verbo *acredito*.

a) Em termos de força argumentativa, essa passagem é mais convincente que os dados estatísticos apresentados nas linhas de 9 a 15? Tente explicar sua resposta.

b) O uso desse tipo de argumento desqualifica o resto da dissertação?

QUESTÃO 5

As ressalvas e concessões introduzidas no interior do texto dissertativo têm uma função argumentativa importante: servem como uma forma de defesa do autor contra possíveis contra-argumentos do seu interlocutor.

No segundo parágrafo, após dizer que *“o médico tem o dever de alertar a população para os perigos ocultos em cada remédio”*, o autor faz a seguinte ressalva: *“sem que, necessariamente, faça junto com essas advertências uma sugestão para que os entusiastas da automedicação passem a gastar mais em consultas médicas”*.

Ao fazer essa ressalva, contra que objeção o autor está tentando prevenir-se? (Observe, ao responder a questão, que o autor é conhecido médico de São Paulo e se assina com o título de doutor.)

QUESTÃO 6

Muitas vezes, a forma de linguagem escolhida interfere positiva ou negativamente no peso argumentativo, isto é, o modo de dizer confere maior ou menor confiabilidade àquilo que se diz. A respeito disso, observe as duas passagens que seguem:

a) *“Com isso poderá receber na corrente sanguínea soluções de glicose, cálcio, vitamina C, produtos aromáticos — tudo isso sem saber dos riscos que corre pela entrada súbita destes produtos na circulação”*.

b) Com isso poderá passar para o sangue um monte de drogas, sem noção do prejuízo que isso dá.

Qual das duas passagens confere mais autoridade à pessoa que a produziu? Explique sua resposta.

QUESTÃO 7

(Unicamp - adaptada: excluiu-se a parte c)

Defender a língua é, de modo geral, uma tarefa ambígua e até certo ponto inútil. Mas também é quase inútil e ambíguo dar conselhos aos jovens de uma perspectiva adulta e no entanto todo adulto cumpre o que julga seu dever (...) Ora, no que se refere à língua, o choque ou oposição situam-se normalmente na linha divisória do novo e do antigo. Mas fixar no antigo a norma para o atual obrigaria este antigo a recorrer a um mais antigo, até o limite das origens da língua. A própria língua, como ser vivo que é, decidirá o que lhe importa assimilar ou recusar. A língua mastiga e joga fora inúmeros arranjos de frase e vocábulos. Outros, ela absorve e integra a seu modo de ser.

Vergílio Ferreira. Em defesa da língua. *Estão a assassinar o português!* - Trecho adaptado.

- a) Transcreva a **tese** de Vergílio Ferreira, isto é, a **afirmação básica** que o autor aceita como verdadeira e defende nesse trecho.

- b) Transcreva o **argumento** no qual o autor se baseia para defender sua tese.

QUESTÃO 8 (UNICAMP)

Leia com atenção o trecho abaixo extraído de artigo publicado no jornal *O Estado de S.Paulo*:

Direitos humanos, liberdade, dignidade da pessoa humana, defesa do meio

ambiente e tantas outras aspirações nacionais não passarão de letra morta nos discursos e na própria Constituição federal, se não forem alcançados os limites inferiores da sobrevivência condigna, infelizmente tão distantes ainda de significativa parcela da população brasileira. Basta lembrar que a cidade de São Paulo tem 56% de sua população vivendo em favelas, cortiços, habitações precárias e até mesmo sob viadutos e nos cemitérios, para que nos convençamos de que a oitava economia do mundo é um grande desastre social.

Adriano Murgel Branco. Desenvolver o país é preciso, 16 dez. 1989.

Responda:

- a) Qual é, segundo o texto, a condição para que se cumpram as aspirações nacionais citadas?
- b) Qual é o argumento utilizado para reforçar a afirmação de que o Brasil ainda é um grande desastre social?

QUESTÃO 9

(Unicamp - adaptada: excluíram-se os itens 2 e 3)

Identifique no texto abaixo o argumento utilizado pelo ministro do Trabalho a favor da manutenção da legislação salarial que prevê reajustes indexados e automáticos:

Não há (...) como se cogitar do abandono do sistema de reajustes indexados e automáticos. (...) Em suas linhas gerais a legislação salarial deve ser mantida, por ser tecnicamente melhor do que as suas antecessoras. Impõe-se, entretanto, um tratamento adequado ao piso salarial nacional e sua completa e definitiva desvinculação de outros salários. Exige-se, ainda, o estreitamento do amplo arco de salários. Não é justo que, enquanto muitos são pagos à razão de meio, um, dois ou três salários mínimos, outros consigam ganhar cinquenta, cem, duzentas ou trezentas vezes mais. É fundamental, finalmente, que as negociações sindicais ou com as empresas sejam livres e

responsáveis, tomando como parâmetro os dados objetivos da realidade.

Almir Pazzianoto. *Folha de S. Paulo*, 30 nov. 1987.

QUESTÃO 10

Certos erros de português, sobretudo aqueles que indiciam desconhecimento da língua escrita, embora não cheguem a prejudicar a compreensão da mensagem, são arrasadores para a imagem do enunciador do texto, prejudicando totalmente o seu peso argumentativo. Leia o trecho que vem a seguir, extraído da revista *Veja* de 22/1/86:

Quando era ministro da Educação, Passarinho recebeu correspondência de um reitor de uma universidade, solicitando verbas ao “iminente ministro”, que não pestanejou. Colocou-a de volta no correio, dizendo ao solicitante que já havia sido nomeado...

Com base no que você acaba de ler, procure responder:

- a) Qual o motivo pelo qual Passarinho (Jarbas Passarinho), ministro da Educação em 1986, devolveu a carta ao reitor?
- b) Além da devolução da carta, que outro prejuízo afetou a figura do reitor?
- c) Por que o erro linguístico, sobretudo certo tipo como esse, funciona como contra-argumento?

QUESTÃO 11

Por lei, em todo maço de cigarro e em toda publicidade desse produto deve vir afixada uma advertência como a que segue:

1. O Ministério da Saúde adverte:

Fumar é prejudicial à saúde.

Há outras variantes dessa advertência como as duas que seguem:

2. O Ministério da Saúde adverte:

Fumar provoca diversos males à saúde.

3. O Ministério da Saúde adverte:

Fumar durante a gravidez pode prejudicar o bebê.

Numa matéria sobre tabagismo, a revista *Veja* (10/3/93, p. 66) apresenta os seguintes dados:

4. O fumo está associado a...

120 000 mortes no Brasil

30% das doenças cardíacas

80% das mortes por câncer no pulmão

84% dos casos de câncer na laringe

75% das bronquites crônicas

Confrontando entre si esses quatro itens, procure responder:

a) Entre eles há uma progressão do mais abstrato para o mais concreto ou do concreto para o abstrato?

b) Bom argumento é aquele que tem maior probabilidade de ser aceito como verdade pelo interlocutor e, por força disso, de levá-lo a proceder de acordo com o conteúdo aceito como verdade. Levando em conta esse dado, pode-se dizer que cada um desses itens é mais argumentativo que o seu antecedente? Tente explicar sua resposta.

c) O item 4 poderia ser usado como um argumento para dar mais aparência de verdade aos itens 1 e 2. Que tipo de argumento seria esse?

QUESTÃO 12

No livro intitulado *A abolição do homem*, o escritor americano C. S. Lewis aborda o problema da responsabilidade do adulto na educação dos jovens. Segundo seu ponto de vista, cabe à educação, portanto à atuação do adulto, a tarefa de criar nos educandos a competência de discernir aquilo que é bom daquilo que é mau; o que merece nosso

apreço do que merece nossa rejeição.

Para confirmar seu ponto de vista, cita Santo Agostinho, para quem a virtude consiste na capacidade de apreciar cada objeto com o grau de afeição que lhe é apropriado; lembra que Aristóteles considera como meta da educação o desafio de fazer com que o educando saiba distinguir aquilo de que deve gostar daquilo que deve desprezar; menciona Platão, segundo o qual o jovem bem educado deve ser capaz de “ver mais claramente o que esteja defeituoso nos trabalhos malfeitos do homem ou nos frutos malformados da natureza, e com justo desgosto iria culpar e odiar o feio já nos seus primeiros anos de vida, e com justo deleite reverenciar a beleza, recebendo-a em sua alma e nutrindo-se dela, para tornar-se um homem de coração nobre”.

William J. Bennett. *O livro das virtudes*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995. p. 176.

As três citações feitas por Lewis, quanto à informação, não contêm novidades importantes em relação ao seu ponto de vista afirmado inicialmente.

a) Sob o ponto de vista argumentativo são, entretanto, importantes. Por quê?

b) Que tipo de argumento o autor usou para confirmar o seu ponto de vista? Qual o poder desse tipo de argumento?

LIÇÃO 20 - EXERCÍCIOS

QUESTÃO 1 (FUVEST)

Reduit é leite puro e saboroso.

Reduit é saudável, pois nele quase toda a gordura é retirada, permanecendo todas as outras qualidades nutricionais. *Reduit* é bom para os jovens, adultos e dietas de baixas calorias.

Texto em uma embalagem de leite em pó.

- a) No texto acima, a gordura pode ser entendida também como uma qualidade nutricional? Justifique sua resposta, transcrevendo do texto a expressão mais pertinente.
- b) As qualidades nutricionais de um produto, segundo o texto, sempre fazem bem à saúde? Justifique sua resposta.

TEXTO PARA AS QUESTÕES DE 2 A 4

O Ministério da Fazenda descobriu uma nova esperteza no Instituto de Resseguros do Brasil. O Instituto alardeou um lucro no primeiro semestre de 3,1 bilhões de cruzeiros, que esconde na verdade um prejuízo de dois bi. Brasil, Cuba e Costa Rica são os três únicos países cujas empresas de resseguros são estatais.

Veja, :31, 1 set. 1993.

QUESTÃO 2

O adjetivo *nova* instaura no texto um pressuposto.

- a) De que pressuposto se trata?

b) A instauração de tal pressuposto concorre para prestigiar ou para desmoralizar o Instituto de Resseguros do Brasil?

QUESTÃO 3

Ao dizer que o Instituto *alardeou* um lucro de 3,1 bilhões de cruzeiros, a escolha do verbo (*alardeou*) cria mais um pressuposto.

a) Qual é esse pressuposto?

b) Esse segundo pressuposto também é desmoralizante para o Instituto?

QUESTÃO 4

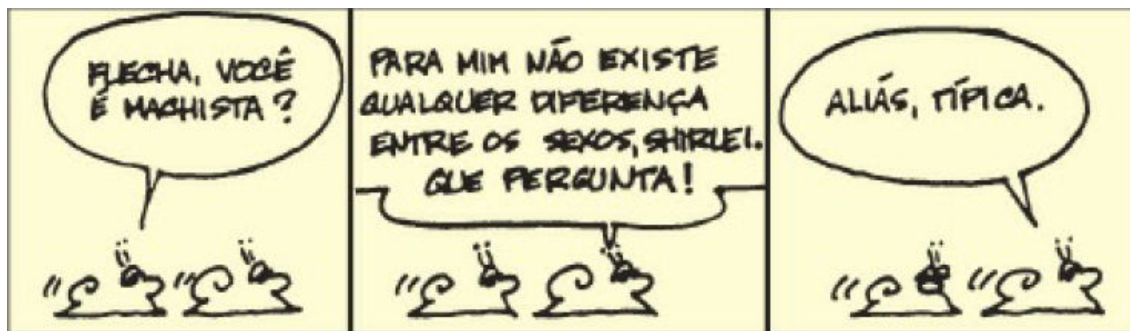
Ao colocar o Brasil ao lado de Cuba e da Costa Rica, o texto deixa no ar um subentendido.

a) Qual é ele?

b) Pelo que se conhece da imagem de Cuba e Costa Rica, a comparação feita enaltece ou deprecia o Brasil?

QUESTÃO 5 (UNICAMP)

Na tira abaixo, a lesma Flecha manifesta duas opiniões contraditórias, uma explícita e uma implícita (isto é, subentendida).



Luís Fernando Veríssimo. As cobras. *O Estado de S. Paulo*.

- Explicite a opinião que Flecha deixa implícita.
- Segundo este texto, em qual das duas opiniões Flecha realmente acredita?
- Qual é a passagem da tira que permitiu que você chegasse a essa conclusão? Justifique.

QUESTÃO 6 (UNICAMP)

L. F. Veríssimo certamente ficaria satisfeito se você, mesmo nesta situação um pouco tensa, achasse graça na tira abaixo:



Luís Fernando Veríssimo. As cobras. *O Estado de S. Paulo*.

Para achar graça, você precisa perceber que a tira traz implícitas duas opiniões relativas a uma prática institucional de nossa sociedade.

- a) Quais as duas opiniões contidas na tira?
- b) Qual dessas opiniões pode ser considerada um argumento favorável à manutenção dessa prática institucional?

QUESTÃO 7

Leia com atenção os dois segmentos que vêm a seguir:

- a) Os latifúndios que são improdutivos estarão sujeitos à desapropriação.
- b) Os latifúndios, que são improdutivos, estarão sujeitos à desapropriação.

Os dois trechos acima não possuem o mesmo significado, pois contêm pressupostos diferentes. Supondo que existam apenas essas duas opções para incluir num projeto de reforma agrária,

- a) qual delas contaria com o apoio dos latifundiários?
- b) qual seria apoiada pelos sem-terra? Explique sua resposta.

QUESTÃO 8

Leia com atenção os dois segmentos que vêm a seguir:

- a) A versão apresentada à imprensa não é evidentemente falsa.
- b) Evidentemente, a versão apresentada à imprensa não é falsa.

Em ambos os enunciados o advérbio *evidentemente* estabelece o mesmo pressuposto? Explique sua resposta.

QUESTÃO 9 (FUVEST)

[...] Por que quatro ou cinco? Rigorosamente eram quatro os que falavam; mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação. Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico. Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão é a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna. Como desse esta mesma resposta naquela noite, contestou-lha um dos presentes, e desafiou-o a demonstrar o que dizia, se era capaz. Jacobina (assim se chamava ele) refletiu um instante, e respondeu:

— Pensando bem, talvez o senhor tenha razão. [...]

Machado de Assis. O espelho.

No trecho: “... e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna”, o termo *aliás* introduz:

- a) um esclarecimento, retificando a ideia defendida.
- b) uma oposição entre as ideias defendidas.
- c) uma contradição, negando a ideia defendida.
- d) uma progressão semântica, alterando a ideia apresentada.
- e) um argumento decisivo, reforçando a ideia apresentada.

QUESTÃO 10

Leia a passagem a seguir e descreva alguns pressupostos nela contidos.

É preciso que os sindicatos encaminhem as negociações com responsabilidade, com senso de patriotismo, sem induzir os trabalhadores a radicalismos inaceitáveis.

QUESTÃO 11

Observe o noticiário que segue:

Foi posto em liberdade, hoje, o maníaco do estilete, que tem espalhado pânico nas ruas de Pinheiros.

Por causa da greve do poder judiciário, prescreveu, hoje, o prazo de reclusão de criminosos detidos há mais de trinta dias.

As duas notícias, postas lado a lado, induzem a um subentendido. De que subentendido se trata?

QUESTÃO 12

a) A igreja do bairro foi destruída para dar lugar a uma avenida.

b) Uma igreja do bairro foi destruída para dar lugar a uma avenida.

A escolha do artigo definido (*a* igreja) ou do indefinido (*uma* igreja) estabelecem pressupostos diferentes para cada enunciado.

Quais são esses pressupostos?

QUESTÃO 13

Quando entrarmos em contacto com seres inteligentes de outros planetas, os presumíveis mistérios acerca de sua existência serão esclarecidos.

Descreva os pressupostos estabelecidos pela conjunção *quando* e pelo adjetivo *presumíveis*.

QUESTÃO 14

Os acidentados foram socorridos num pronto-socorro do INSS, mas saíram de lá sãos e salvos. O efeito de humor e o tom satírico desse enunciado é produzido pelo uso inusitado da conjunção *mas*. Explique esse uso.

Exercício- 21

O texto abaixo é um fragmento do conto “Cantiga de esponsais”, de Machado de Assis:

CANTIGA DE ESPONSAIS

Imagine a leitora que está em 1813, na igreja do Carmo, ouvindo uma daquelas boas festas antigas, que eram todo o recreio público e toda a arte musical. Sabem o que é uma missa cantada; podem imaginar o que seria uma missa cantada daqueles anos remotos. Não lhes chamo a atenção para os padres e os sacristães, nem para o sermão, nem para os olhos das moças cariocas, que já eram bonitos nesse tempo, nem para as mantilhas das senhoras graves, os calções, as cabeleiras, as sanefas, as luzes, os incensos, nada. Não falo sequer da orquestra, que é excelente; limito-me a mostrar-lhes uma cabeça branca, a cabeça desse velho que rege a orquestra, com alma e devoção.

Chama-se Romão Pires; terá sessenta anos, não menos, nasceu no Valongo, ou por esses lados. É bom músico e bom homem; todos os músicos gostam dele. Mestre Romão é nome familiar; e dizer familiar e público era a mesma coisa em tal matéria e naquele tempo. “Quem rege a missa é mestre Romão”, — equivalia a esta outra forma de anúncio, anos depois: “Entra em cena o ator João Caetano”; — ou então: “O ator Martinho cantará uma de suas melhores árias”. Era o tempo certo, o chamariz delicado e popular. Mestre Romão rege a festa! Quem não conhecia mestre Romão, com o seu ar circunspecto, olhos no chão, riso triste, e passo demorado? Tudo isso desaparecia à frente da orquestra; então a vida derramava-se por

todo o corpo e todos os gestos do mestre; o olhar acendia-se, o riso iluminava-se: era outro. Não que a missa fosse dele; esta, por exemplo, que ele rege agora no Carmo é de José Maurício; mas ele rege-a com o mesmo amor que empregaria, se a missa fosse sua.

Acabou a festa; é como se acabasse um clarão intenso, e deixasse o rosto apenas alumiado da luz ordinária. Ei-lo que desce o coro, apoiado na bengala; vai à sacristia beijar a mão aos padres e aceita um lugar à mesa do jantar. Tudo isso indiferente e calado. Jantou, saiu, caminhou para a Rua da Mãe dos Homens, onde reside, com um preto velho, pai José, que é a sua verdadeira mãe, e que neste momento conversa com uma vizinha.

— Mestre Romão lá vem, pai José, disse a vizinha.

— Eh! eh! adeus, sinhá, até logo.

Machado de Assis. *Contos*. 3. ed. São Paulo, Ática, 1974. p. 39-40. (Série Bom Livro).

Esse fragmento coincide com o início do conto “Cantiga de esponsais”, que relata a experiência dolorosa da dificuldade de expressão: mestre Romão, embora maestro e músico de renome, não consegue criar nenhuma obra musical, não sendo capaz nem mesmo de concluir uma cantiga de esponsais que havia iniciado antes da morte da esposa.

QUESTÃO 1

O narrador inicia o conto prometendo não chamar a atenção para certos aspectos de uma festa religiosa ocorrida na igreja do Carmo.

- a) De que aspectos se trata?
- b) Como se denomina esse expediente, que consiste em ir dizendo aquilo que se está prometendo não dizer?

QUESTÃO 2

Dentro do cenário da grandiosa cerimônia, para quem o narrador dirige o olhar do leitor?

QUESTÃO 3

O narrador diz que chama a atenção apenas para o velho da orquestra, mas vai nomeando detalhadamente as pessoas e as circunstâncias que as envolvem. Ao proceder assim:

- a) a intenção do narrador é deixar na sombra ou ofuscar aquilo para o qual está prometendo não chamar a atenção?
- b) pode-se dizer que o narrador está estabelecendo uma hierarquia entre os dois planos postos em contraste? No caso, qual dos dois planos ganha mais destaque nesse confronto?

QUESTÃO 4

Nas linhas 14 a 16, o narrador insiste em dizer: “... *limito-me a mostrar-lhes uma cabeça*

branca, a cabeça desse velho que rege a orquestra...”

- a) De fato, é apenas a cabeça desse velho que está em foco?
- b) Ao concentrar o foco na *cabeça branca* para qual característica do regente o narrador está dando destaque?

QUESTÃO 5

Observe a passagem que segue: *“Mestre Romão é nome familiar; e dizer familiar e público era a mesma coisa em tal matéria e naquele tempo”*.

- a) O que quer dizer o narrador com *“em tal matéria”*?
- b) No contexto em que está inserido, que significado se pode atribuir à afirmação de que *“dizer familiar e público era a mesma coisa...”*?

QUESTÃO 6

O fato de Mestre Romão não ter nome público diferente do familiar, segundo o texto, diminui a importância? Explique sua resposta.

QUESTÃO 7

O narrador faz referência a um contraste importante nas atitudes de Mestre Romão. Qual é esse contraste?

QUESTÃO 8

Coerentemente com o que o narrador anuncia logo no início do conto, Mestre Romão continua sendo o foco das atenções em todo o percurso do texto?

QUESTÃO 9

A leitura do texto permite afirmar que:

- a) naquela época havia muitas formas de diversão pública na cidade do Rio de Janeiro.
- b) o Rio daquela época era palco de muitos espetáculos de companhias variadas.
- c) José Maurício era parceiro de João Romão em certas composições musicais.
- d) a missa sob a regência de João Romão era espetáculo garantido.
- e) quando se apagavam as luzes da igreja, o rosto de João Romão ficava ensombrecido.

QUESTÃO 10

Logo no início do romance *Quincas Borba*, o narrador começa a relatar a condição ambígua de Rubião, ex-professor que, pela herança recebida, passa a ser capitalista.

Na passagem que segue, o narrador reproduz em discurso direto a satisfação de Rubião pela sorte de ter herdado a fortuna de Quincas Borba.

— Vejam como Deus escreve direito por linhas tortas, pensa ele. Se mana Piedade tem casado com Quincas Borba, apenas me daria uma esperança colateral. Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça...

Logo a seguir, o narrador comenta:

Que abismo que há entre o espírito e o coração! O espírito do ex-professor, vexado daquele pensamento, arrepiou caminho, buscou outro assunto, uma canoa que ia passando; o coração, porém, deixou-se estar a bater de alegria.

Machado de Assis. *Quincas Borba*. 12 ed. São Paulo, Ática, 1993. p. 13.

As reticências, no final no discurso direto, indicam ruptura da continuidade do pensamento de

Rubião.

a) Levando em conta dados do contexto, essa ruptura foi provocada por um ato de censura.

Quem é o censor, quem é o censurado?

b) Qual seria a continuidade do discurso, caso não houvesse o corte da censura?

c) Se em vez do uso das reticências, o narrador completasse o discurso de Rubião, produziria o mesmo efeito de sentido?

QUESTÃO 11

O texto que vem a seguir foi publicado no “Painel” da *Folha de S. Paulo*:

SEM COMENTÁRIOS

Do delegado regional do Ministério da Educação no Rio, Antônio Carlos Reboredo, ao ler ontem um discurso de agradecimento ao seu chefe, o ministro Eraldo Tinoco: “Os convênios assinados traduz (sic)¹ os esforços...”

Painel, *Folha de S. Paulo*, 12 set. 1992.

O título da nota acima, “Sem comentários”, é, na verdade, um comentário que expressa o ponto de vista do jornal, motivado por um problema gramatical no discurso lido por A. C. Reboredo.

a) Que problema gramatical provocou o comentário do jornal?

b) Explícite o comentário que está sugerido, neste caso específico, pela expressão “sem comentários”.

QUESTÃO 12 (UNICAMP)

A coluna “Painel” do jornal *Folha de S. Paulo* publicou a seguinte nota:

LITERALMENTE

Desde a divulgação da pesquisa Data-Folha mostrando que 79% não sabem que Fernando

Henrique é o novo ministro da Fazenda, seus adversários no Congresso criaram um novo apelido para ele: “Ilustre desconhecido”.

Folha de S. Paulo, 31 maio 1993.

- a) Quais os sentidos da expressão “ilustre desconhecido” quando usada habitualmente em relação a alguém, e como apelido de Fernando Henrique Cardoso?
- b) Uma dessas duas interpretações de “ilustre desconhecido” resulta num paradoxo². Diga qual é essa interpretação e justifique.
- c) O título “Literalmente” é adequado à nota? Por quê?

QUESTÃO 13

Leia o trecho que segue, extraído da seção “Frases” da *Folha de S. Paulo*, onde se registram as frases que, por algum motivo, mereceram destaque no dia anterior:

EUFEMISMO

Pode haver uma redução da oferta de postos de trabalho, em função das medidas que tiveram que ser tomadas para que o Real prosseguisse seu rumo.

Marco Maciel, vice-presidente da República.

- a) Qual é a expressão usada pelo vice-presidente com a intenção de atenuar uma palavra socialmente destoante?
- b) Qual é a palavra que o vice-presidente quis evitar?
- c) Qual a possível intenção do jornal ao selecionar esse trecho como uma frase de destaque?

QUESTÃO 14

O texto que segue é um fragmento extraído de um inflamado discurso antiescravagista de um negro norte-americano, Frederick Douglass, pronunciado em 1852 por ocasião da comemoração do Dia da Independência. Aproveitou-se da ocasião para, com o “ferro em brasa” das suas palavras, repreender e despertar a consciência nacional comprometida com a prática da escravidão.

Ora, deveria eu argumentar que é errado seviciar os homens, privá-los da liberdade, forçá-los a trabalhar sem pagamento, mantê-los ignorantes de suas relações com seus iguais, golpeá-los com pedaços de pau, açoitá-los com o chicote, algemar-lhes braços e pernas, persegui-los com cães de caça, vendê-los em leilões públicos, despedaçar suas

famílias, arrancar-lhes os dentes à força bruta, queimar-lhes a pele, submetê-los à inanição da obediência e subserviência ao feitor?

Deveria eu argumentar que um sistema assim manchado a sangue, e maculado pelo aviltamento, está errado? Não! Não farei isso. Tenho melhor emprego para meu tempo e minhas forças do que fariam supor argumentos desse tipo.

(...) Numa época como esta, é necessário o ferro em brasa, não o argumento convincente. Ah, se eu tivesse a habilidade, e pudesse chegar aos ouvidos da nação, iria hoje verter uma abrasadora torrente de escárnio mordaz e reproches ensurdecedores, de intimidante sarcasmo e vigorosa represália. Pois não é a luz que se faz necessária, mas o fogo; não é a chuva delicada, mas o trovão.

William Bennett. *O livro das virtudes*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995. p. 168.

a) Ao dizer que não vai usar argumentos contra os abusos da escravidão, ele de fato cita vários deles. Que nome se dá a esse tipo de recurso?

b) No final do primeiro parágrafo, o orador diz que tem melhor emprego para as suas forças do que usar os argumentos acima citados. O que, segundo ele, é mais produtivo que os argumentos convincentes?

c) Após enumerar todas as atrocidades que se fazem com os escravos, o orador diz que esses argumentos não são necessários, apesar de os citar. Que efeito de sentido produz esse recurso?

d) Ao falar daquilo que é necessário usar para convencer o povo a envergonhar-se da escravidão, o orador usa uma sequência de expressões exageradas: “ferro em brasa”, “abrasadora torrente de escárnio”, “reproches ensurdecedores”, “fogo”, “trovão”.

Que nome se dá à figura que faz uso desses exageros? Que efeito de sentido produz no texto?

Exercício- 22

O poema que vem a seguir foi composto por Manuel Bandeira:

TREM DE FERRO

Café com pão

Café com pão

Café com pão

Virge Maria que foi isto maquinista?

No riacho

Que vontade

De cantar!

Oô...

Quando me prendero

No canaviá

Agora sim
Café com pão
Agora sim
Voa, fumaça
Corre, cerca
Ai seu foguista
Bota fogo
Na fomalha
Que eu preciso
Muita força
Muita força
Muita força
Oô...
Foge, bicho
Foge, povo
Passa ponte
Passa poste
Passa pasto
Passa boi
Passa boiada
Passa galho
De ingazeira
Debruçada

Cada pé de cana
Era um oficiá
Oô...
Menina bonita
Do vestido verde
Me dá tua boca
Pra matá minha sede
Oô...
Vou mimbora vou mimbora
Não gosto daqui
Nasci no sertão
Sou de Ouricuri
Oô...
Vou depressa
Vou correndo
Vou na toda
Que só levo
Pouca gente
Pouca gente
Pouca gente...
Manuel Bandeira. *Estrela da vida inteira*. 4.
ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973.
p.145-6.

QUESTÃO 1

Uma olhada panorâmica nos dá conta de que o poema contém 53 versos distribuídos em 6 estrofes de tamanhos irregulares, formadas de versos que oscilam entre 1 e 12 sílabas. Essa distribuição não é feita ao acaso, mas guarda uma relação estreita com o significado contido nos versos e nas estrofes.

A primeira estrofe contém 3 versos de 4 sílabas e é logo seguida por uma estrofe de 12 sílabas.

- a) O mais importante nesses três versos é o significado ou o efeito sonoro?
- b) As palavras que constituem tais versos e o ritmo deles reproduzem aproximadamente o som do quê?
- c) Qual é o nome que se dá a esse recurso imitativo de sons?

QUESTÃO 2

A segunda estrofe contém um só verso de 12 sílabas, extensão consideravelmente maior que a de todos os demais versos do poema.

- a) Como interpretar essa significativa desproporção?

- b) No plano do significado, a interjeição “Virge Maria” serve para exprimir uma reação emocional. De que emoção se trata?
- c) Que ocorrência pode ter provocado essa emoção?

QUESTÃO 3

O primeiro verso da terceira estrofe assinala uma mudança em relação ao verso anterior.

- a) Que palavra denota essa mudança?
- b) Essa alteração veio interferir em benefício ou em prejuízo do movimento esperado? Explique sua resposta.

QUESTÃO 4

Na estrofe 3, mostra-se que o trem reassume o movimento normal. Os versos, inicialmente de 4 sílabas, passam, a partir de um certo ponto, a ter 3, com acento na 1ª e na 3ª.

- a) Do ponto de vista da velocidade, essa alteração indica maior ou menor rapidez. Por quê?
- b) No plano do sentido, os versos começam a descrever mudança de paisagem. Cite o verso que denota isso.
- c) Ainda no plano do sentido, há versos que indicam aumento de potência da máquina. Cite-os.

QUESTÃO 5

Na estrofe 4 ocorre um verso de 2 sílabas, um de 4 e os demais de 3.

- a) O que indica o verso de 2 sílabas?
- b) Quanto ao sentido, do que falam esses versos?
- c) Do ponto de vista da sonoridade, as vogais (ó, a) das sílabas fortes desses versos são predominantemente abertas e momentâneas; as consoantes se alternam: são momentâneas (p/b/ t/d) e não momentâneas (f/g/ch/v). Quanto ao ritmo, domina o verso de 3 sílabas, com acento na 1ª e na 3ª. Que tipo de sensação criam esses recursos sonoros?

QUESTÃO 6

Na estrofe 5, há uma mudança de tema e de enunciador: não é mais a voz simulada do trem que “fala” e o tema não são mais os ruídos das engrenagens nem os objetos da paisagem.

- a) Qual é o som que se ouve agora nessa altura do percurso?
- b) Do que falam essas vozes?
- c) Nos versos iniciais e em outros dois versos da quinta estrofe, nota-se a preocupação de escrever as palavras com uma ortografia mais aproximada da oralidade (“Quando me prendero”, “Pra matá minha sede”, “Vou mimbora vou mimbora”). Que efeito de sentido produz esse procedimento?

QUESTÃO 7

Na última estrofe, de 7 versos, voltam os versos de 3 sílabas com acentos na 1ª e na 3ª .

- a) No plano do sentido, do que falam esses versos?
- b) De que voz provém essa fala?
- c) A sonoridade, nesta estrofe, é mais expressiva que o sentido das palavras?

QUESTÃO 8

Esse poema serve para exemplificar o fato de que em linguagem poética:

- a) a sonoridade das palavras é tão ou, por vezes, mais importante do que o seu sentido.
- b) o que se diz é sempre mais relevante do que o modo como se diz.
- c) o plano do conteúdo entra em conflito com o plano de expressão, resultando daí o sentido global da obra.
- d) entre o que se diz e o que se pretende dizer não há convergência.
- e) o sentido das palavras, como em qualquer forma de linguagem, é sempre mais determinante.

QUESTÃO 9

O parlamentar é um “trabalhador” privilegiado. Costuma pegar no pesado apenas às quartas e quintas. É o único a dispor de final de semana de cinco dias. E estão pedindo aumento. Justo. Muito justo. Justíssimo.

Josias de Souza. *Folha de S. Paulo*, 14 nov. 1995. p. 1-2.

- a) O adjetivo *justíssimo*, apesar de ser uma forma de grau superlativo, tanto quanto a expressão *muito justo*, possui uma conotação mais forte do que a expressão que vem antes? Pode-se dizer que há aí uma gradação?
- b) Que efeito de sentido produz essa combinação irônica de palavras?
- c) No discurso à nação que Getúlio Vargas deixou escrito, explicando os motivos de seu suicídio, encontra-se a seguinte passagem:

Tenho lutado mês a mês, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma pressão constante.

A gradação que está presente nesse trecho é, em tudo, igual à anterior? O efeito de sentido é o mesmo?

QUESTÃO 10

A frase que segue, de autoria incerta, costuma ser citada como uma máxima com que os africanos traduzem mordazmente a exploração dos povos que os colonizaram:

Quando os colonizadores aqui chegaram, eles tinham a Bíblia e nós, a terra; quando partiram, nós ficamos com a Bíblia e eles, com a terra.

- a) Como se chama essa combinação?
- b) Que efeito de sentido produz?

LIÇÃO 23

EXERCÍCIOS

O soneto abaixo é de Jorge de Lima:

Essa pavana é para uma defunta
infanta, bem-amada, ungida e santa,
e que foi encerrada num profundo
sepulcro recoberto pelos ramos
de salgueiros silvestres para nunca
ser retirada desse leito estranho
em que repousa ouvindo essa pavana
recomeçada sempre sem descanso,
sem consolo, através dos desenganos,
dos reveses e obstáculos da vida,
das ventanias que se insurgem contra
a chama inapagada, a eterna chama
que anima esta defunta infanta ungida
e bem-amada e para sempre santa.

Jorge de Lima. *Obra poética*. Ed. compl., org. por Otto Maria Carpeaux. Rio de Janeiro, Getúlio Costa, 1950. p. 609.

Esse poema faz parte do *Livro de sonetos*, que contém 78 sonetos, dispostos em sequência ininterrupta, não separados por títulos, como se integrassem um único poema.

QUESTÃO 1

A pavana é uma dança da corte, do começo do século XVI, provavelmente de origem italiana. Acompanhada de música em compasso binário ou quaternário, tem andamento lento e majestoso. Depois de 1600, designava a composição instrumental que acompanhava essa dança.

A primeira observação a ser registrada é o fato de que, segundo o poeta, o poema não trata de uma pavana qualquer, mas de uma pavana particularizada (“essa pavana”), dedicada a uma personagem particularizada.

- a) Quem é essa personagem?
- b) Quais são os adjetivos que, logo na primeira estrofe, caracterizam essa personagem?
- c) As qualidades expressas por esses adjetivos contribuem para depreciar ou para enaltecer a personagem? Dê o significado de cada um deles.

QUESTÃO 2

No fim da 1ª estrofe e começo da 2ª, há referência ao lugar (espaço) que a personagem passou a ocupar.

a) Qual é esse espaço?

b) Trata-se de lugares caracterizados por traços de euforia ou de depressão?

QUESTÃO 3

No sétimo verso, o poema faz uma segunda referência a “essa pavana”. Sob o ponto de vista de sua duração no tempo, qual é a característica dessa música, tal qual vem definida nessa segunda ocorrência?

QUESTÃO 4

A pavana, ao mesmo tempo que uma dança e uma música, pode ser entendida como o fluxo do tempo que marca, na sua duração, a existência da personagem.

a) No texto, há marcadores de tempo que lembram o lado finito e transitório da vida. Cite, do texto, palavras ou expressões que se referem a esse aspecto do tempo.

b) Cite passagens que fazem alusão ao caráter eterno do tempo.

QUESTÃO 5

É possível afirmar que a existência da personagem também é marcada pelo caráter infinito e transitório, paradoxo que caracteriza a durabilidade do tempo? Explique sua resposta.

QUESTÃO 6

Já se falou da importância do plano de expressão no texto literário: não se trata apenas de um veículo para transportar o plano do conteúdo, mas serve para recriá-lo, isto é, representá-lo por meio das formas significantes.

a) O poema é constituído de um só período, entrecortado de pausas. Que relação pode ter isso com o significado do poema?

b) Todo o grande período que compõe o soneto é constituído de orações subordinadas que, exceto a quarta, se encaixam numa progressão tal que cada uma delas se subordina à anterior. Pode-se dizer que há similaridade entre esse processo de concatenação e a ideia de perpétuo recomeço?

QUESTÃO 7

A propósito dos sons que o constituem, o soneto contém alta frequência de vogais nasais ou nasalizadas, que são pronunciadas com maior duração da voz (pa-va-na, u-ma, de-funta, in-fanta, bem-a-ma-da); mas estão presentes também vogais orais e abertas que são produzidas com mais rapidez (é, bem-a-ma-da, en-cer-ra-da, re-co-ber-to, sil-ves-tres). Que relação se pode fazer entre esses dados e o significado global do poema?

QUESTÃO 8

No texto, há também uma alta frequência de consoantes não momentâneas (produzidas

com mais demora) — essa pavana, uma, defunta, infanta, bem-amada, ungida e santa —, ao lado de consoantes momentâneas (pavana, para, defunta, infanta, bem-amada, ungida e santa). Pode-se dizer que essa distribuição produz efeito similar ao das vogais orais e nasais?

QUESTÃO 9

Observe:

I) *Essa pavana é para uma defunta infanta, bem-amada, ungida e santa...*

II) *Essa pavana é para uma morta infanta, predileta, santa e ungida...*

Como se vê, são poucas as alterações entre I e II.

- a) Pode-se dizer que o sentido de ambas seja praticamente o mesmo?
- b) O encanto e a beleza do plano sonoro continuam os mesmos?
- c) Essa alteração serve para demonstrar um traço importante do texto literário. Qual é ele?

QUESTÃO 10

No conto “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa, um certo dia o pai da família, movido por um impulso misterioso, decidiu dar adeus para os familiares e ir viver no rio, sobre a anoa que encomendara. Na despedida, assim diz o conto:

Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou

o beijo e bramou: — Cê vai, ocê fique, você nunca volte!

Ficção completa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994. v. 2, p. 409.

A fala da mãe na despedida do pai é particularmente ilustrativa de alguns traços típicos da linguagem literária.

- A) Há nessa fala três formas de tratamento com que a mãe se refere ao marido: *cê*, *ocê*, *você*. Se quanto ao sentido são equivalentes, quanto ao efeito de sentido não o são. Qual a diferença?
- B) Sob o ponto de vista da sonoridade, há uma progressão entre as três formas. Em que consiste essa progressão?
- C) Se fôssemos contar o número de sílabas de cada uma das três orações como se fossem versos, qual seria o resultado dessa contagem?
- D) Analisando o conteúdo semântico de cada um dos três versos, qual deles sugere separação:
 - a) com menor duração?
 - b) com duração mais longa?
 - c) com duração definitiva?
- E) Levando em conta todos esses termos dispostos na progressão em que foram descritos nas letras A, B, C, D, chega-se à conclusão de que uma constante está presente em todos os casos. Qual é essa constante e como interpretá-la?

LIÇÃO 24 EXERCÍCIOS

TEXTO PARA AS QUESTÕES 1 E 2 (FUVEST)

A chuva salvou o GP Brasil. Vinte minutos de toró, mais uma brilhante corrida de Ayrton Senna, transformaram um passeio de Alain Prost num pesadelo molhado. O francês da Williams foi derrotado pela água. (...)

Para ganhar a corrida de Interlagos, Senna contou com sorte, perícia técnica bem traçada e, sobretudo, uma burrada sem tamanho de Alain Prost. O nanico, que largou na pole, fazia uma prova sem sustos, liderava com tranquilidade e só perderia se um raio caísse em sua cabeça. Aconteceu quase isso. Na 30ª. passagem, debaixo de um belo aguaceiro, não parou para colocar pneus “biscoito” e no fim da Reta dos Boxes perdeu o controle de seu carro, batendo no Minardi de Cristian Fittipaldi.

Folha de S. Paulo, 29 mar. 1993, 5-1.

QUESTÃO 1

Há no texto várias palavras e expressões ligadas a *chuva*, como *toró*, *água*, (pesadelo) *molhado*, *aguaceiro*. Ao empregá-las, o autor procurou:

- a) relatar um acontecimento previsível, verificado durante o GP Brasil.
- b) apresentar a chuva inesperada como único fator da derrota de Prost.
- c) apresentar dois pontos de vista com relação ao fenômeno da chuva: um, ligado ao vencido, outro, ao vencedor.
- d) conseguir efeitos estilísticos que tornassem o texto mais preciso e elegante.
- e) demonstrar que, às vezes, a providência divina faz sua própria justiça.

QUESTÃO 2

Em todo o texto, os nomes de Alain Prost e Ayrton Senna nunca são retomados expressamente pelo pronome *e/le*. O autor,

- a) não repetindo pronomes, caracteriza, com precisão, a personalidade de cada um dos pilotos.
- b) preferindo os recursos utilizados, deprecia Prost e evita possíveis ambiguidades.
- c) empregando a expressão “*o francês da Williams*”, subestima um possível motivo da superioridade de Prost.

- d) utilizando esse expediente, dá o máximo de informações sobre os dois pilotos rivais.
- e) optando por outras expressões, torna o texto propositadamente prolixo e confuso.

TEXTO PARA AS QUESTÕES 3 E 4 (FUVEST)

Talvez o esporte haja nascido de uma sublimação da guerra. Tanto melhor para os homens de boa vontade. A guerra só se faz com morte. E o esporte exige o máximo de vida. Guerra só traz euforia nacional ou tragédia. Esporte traz riqueza de emoções.

Se bem que ele já não seja mais tão santo, dada a violência, como também não seja mais puro, dado o poder do dinheiro. Isso explica por que, em condições normais, nenhuma seleção de basquete vença a seleção americana. Os americanos têm sob o basquete um império feito para funcionar. Mas no futebol não adiantam os impérios. Hungria, Holanda e Camarões não tinham grande tradição, e assombraram o mundo. Nada impede que um time da África venha a ser o furor da copa. A vocação futebolística é a que menos depende de estruturas e investimentos. Ela nasce casualmente. O dinheiro compra o craque, mas não faz o craque. O que faz o craque é o azar, o destino. É raro vermos uma encestada casual no basquete. No futebol, metade dos gols é acidente. Essa poética do acaso no futebol é que faz a chance dos pobres. Em qualquer subúrbio pode nascer um Dêner.

A. M. Rodrigues, *O Estado de S. Paulo*, 14 maio 1994, 0-2.

QUESTÃO 3

“Hungria, Holanda e Camarões não tinham grande tradição, e assombraram o mundo.”

Essa frase não terá seu sentido alterado se se substituir o e sublinhado por:

- a) assim como.
- b) ao passo que.
- c) caso em que.
- d) porquanto.
- e) no entanto.

QUESTÃO 4

Entre o 1º e o 2º parágrafos a locução **se bem que** estabelece uma relação de:

- a) condição.
- b) concessão.
- c) comparação.

- d) conformidade.
- e) causalidade.

QUESTÃO 5 (FUVEST)

— Haveis de entender, começou ele, que a virtude e o saber têm duas existências paralelas, uma no sujeito que as possui, outra no espírito dos que o ouvem ou contemplam. Se puserdes as mais sublimes virtudes e os mais profundos conhecimentos em um sujeito solitário, remoto de todo contato com outros homens, é como se eles não existissem. Os frutos de uma laranjeira, se ninguém os gostar, valem tanto como as urzes e plantas bravias, e, se ninguém os vir, não valem nada; ou, por outras palavras mais enérgicas, não há espetáculo sem espectador. Um dia, estando a cuidar nestas cousas, considerei que, para o fim de alumiar um pouco o entendimento, tinha consumido os meus longos anos, e, aliás, nada chegaria a valer sem a existência de outros homens que me vissem e honrassem; então cogitei se não haveria um modo de obter o mesmo efeito, poupando tais trabalhos, e esse dia posso agora dizer que foi o da regeneração dos homens, pois me deu a doutrina salvadora.

Machado de Assis, *O segredo do bonzo*.

Nos segmentos do texto “o ouvem ou contemplam”, “se eles não existissem” e “se ninguém os vir”, os pronomes **o**, **eles** e **os** referem-se, respectivamente, a:

- a) espírito, outros homens, frutos de uma laranjeira.
- b) sujeito, profundos conhecimentos, outros homens.
- c) saber, frutos de uma laranjeira, virtudes e conhecimentos.
- d) sujeito, virtudes e conhecimentos, frutos de uma laranjeira.
- e) espírito, virtudes e conhecimentos, outros homens.

QUESTÃO 6 (FUVEST)

O melhor momento do futebol para um tático é o minuto de silêncio. É quando os times ficam perfilados, cada jogador com as mãos nas costas e mais ou menos no lugar que lhes foi designado no esquema — e parados. Então o tático pode olhar o campo como se fosse um quadro-negro e pensar no futebol como uma coisa lógica e diagramável. Mas aí começa o jogo e tudo desanda. Os jogadores se movimentam e o futebol passa a ser regido pelo imponderável, esse inimigo mortal de qualquer estrategista.

L. F. Veríssimo, *O Estado de S. Paulo*, 23 out. 1993.

As expressões que retomam, no texto, o segmento “o melhor momento do futebol”

são:

- a) os times ficam perfilados — aí.
- b) é quando — então.
- c) aí — os jogadores se movimentam.
- d) o tático pode olhar o campo — aí.
- e) é quando — começa o jogo.

QUESTÃO 7 (UNICAMP)

A poesia, ao contrário da filosofia, não é um conhecimento teórico da natureza humana, mas imita, narrativa ou dramaticamente, ações e sentimentos, feitos e virtudes, situações e vícios dos seres humanos. No entanto, a poesia é diferente da história, embora esta também seja uma narrativa de feitos humanos e de situações, das virtudes e dos vícios dos humanos narrados. A diferença está no fato de que AQUELA visa, por meio de uma pessoa ou de um fato, a falar dos humanos em geral (cada pessoa [...] não é ela em sua individualidade, mas é ela como exemplo universal, positivo ou negativo, de um tipo humano) e a falar de situações em geral (por meio, por exemplo, do relato dramático de uma guerra, fala sobre a guerra), enquanto ESTA se refere à individualidade concreta de cada pessoa e de cada situação. A poesia trágica não fala de Édipo ou de Eletra, mas de um destino humano; a epopeia não fala de Helena, Ulisses ou Agamenon, mas de tipos humanos. A história, ao contrário, fala de pessoas singulares e situações particulares. Por isso, diz Aristóteles, a poesia está mais próxima da filosofia do que da história, já que esta nunca se dirige ao universal.

Marilena Chauí. *Introdução à história da filosofia*. p. 336-7.

As palavras que estão em maiúsculas foram introduzidas no trecho acima em substituição a duas palavras-chave para a exposição que faz M. Chauí das ideias de Aristóteles referentes a distintas formas de conhecimento. Um leitor atento será capaz de identificar as palavras que estavam no texto original, a partir da leitura do trecho aqui apresentado.

- a) Substitua as palavras em maiúsculas pelas palavras que estavam no texto original.
- b) De acordo com o texto, como podem ser caracterizadas as formas de conhecimento referidas por essas palavras?
- c) Com base neste texto, a que se dirige a filosofia, segundo Aristóteles?

QUESTÃO 8 (UNICAMP)

Leia com atenção o diálogo abaixo e responda:

- a) a que elemento(s) do texto fazem referência os termos sublinhados?

b) que termo você utilizaria para relacionar as duas últimas orações, de forma a manter o mesmo sentido decorrente da justaposição?

VEJA — Como o senhor avalia a situação atual do Plano Cruzado?

SARNEY — Neste momento estamos passando de um estágio emocional para um estágio racional. Em fevereiro, a inflação — mais a correção monetária — estava nos conduzindo para uma situação na qual o Brasil seria um país absolutamente ingovernável. Naquela ocasião, fizemos o que achamos que deveria ter sido feito, sem levar em consideração os custos políticos das nossas decisões, e sim o bem do povo. Convém lembrar que o ambiente político, na época, não era dos melhores. Falava-se em resistências, descontentamentos, até em greve geral. Uma vez anunciada a reforma econômica, porém, o que se viu foi uma extraordinária adesão popular. Não podíamos antever que a reação seria tão favorável. O povo tomou consciência da cidadania. Agora, oito meses depois, não estamos mais na fase dos “fiscais do Sarney” — os “fiscais do Sarney”, que na realidade eram fiscais de seus direitos, nasceram de um momento de emoção, e esse momento passou. Hoje o momento é de racionalidade e é assim que temos de vivê-lo. Fiscalizar, participar, defender seus direitos são prerrogativas do cidadão. Mas o “fiscal do Sarney” foi importante. Ele fez nascer uma consciência nova da cidadania.

Veja, 949, 12 nov. 1986.

QUESTÃO 9 (UNICAMP - ADAPTADA)

Leia com atenção o trecho a seguir:

Desinformar, ensina o dicionário, “é informar mal; fornecer informações inverídicas”. Empregada como arma de guerra, a desinformação significa trabalhar a opinião pública de modo que esta, chamada a decidir sobre ideia, pessoa ou evento, ajuíze conforme o querer do desinformado.

Não se trata de novidade. É recurso tão antigo quanto os conflitos. Porém, no Brasil, raramente foi tão hábil e eficientemente engendrada e utilizada como em 1932 em favor do Governo Provisório. Contribuiu para circunscrever o âmbito da Revolução Constitucionalista, inamistá-la em várias áreas do país e para favorecer a mobilização destinada a enfrentá-la.

Gente simples, recrutada ao Norte e ao Sul, entrou na luta acreditando combater estrangeiros que tendo se apoderado do controle econômico de São Paulo buscavam empalmar o mando político. Isso fariam ajudados por alguns paulistas antigos, egoístas,

rancorosos, vingativos, intencionando fazer do estado um país independente, hostil às áreas e às classes empobrecidas do Brasil. Os intrusos e os separatistas **disfarçariam** seus propósitos com o reclamar convocação de assembleia constituinte. Uns e outros deveriam ser combatidos sem piedade.

Hernâni Donato. *Desinformação, arma de guerra em 1932*. Leitura, 11(33), jun. 1993.

- a) Quem são, segundo o Governo Provisório, os dois inimigos a serem combatidos?
- b) O que significa, e a quem se refere, no contexto, a expressão isso fariam?

TEXTO PARA AS QUESTÕES 10 E 11 (FUVEST - ADAPTADAS)

SENSAÇÕES ALHEIAS

Não alcancei mais nada, e para o fim arrependi-me do pedido: devia ter seguido o conselho de Capitu. Então, como eu quisesse ir para dentro, prima Justina reteve-me alguns minutos, falando do calor e da próxima festa da Conceição, dos meus velhos oratórios, e finalmente de Capitu. Não disse mal dela; ao contrário, insinuou-me que podia vir a ser uma moça bonita. Eu, que já a achava lindíssima, bradaria que era a mais bela criatura do mundo, se o receio me não fizesse discreto. Entretanto, como prima Justina se metesse a elogiar-lhe os modos, a gravidade, os costumes, o trabalhar para os seus, o amor que tinha a minha mãe, tudo isto me acendeu a ponto de elogiá-la também. Quando não era com palavras, era com o gesto de aprovação que dava a cada uma das asserções da outra, e certamente com a felicidade que devia iluminar-me a cara. Não adverti que assim confirmava a denúncia de José Dias, ouvida por ela, à tarde, na sala de visitas, se é que também ela não desconfiava já.

Machado de Assis. *Dom Casmurro*. Livraria Garnier, Rio de Janeiro, 1988.

QUESTÃO 10

O verbo *ser*, que por duas vezes aparece no texto, “Quando não era com palavras, era com o gesto de aprovação que dava a cada uma das asserções da outra”, está empregado em substituição de verbo anteriormente expresso, ao qual se refere e cujo sentido passa a ter. No trecho ele está substituindo

- a) insinuava.
- b) acendia.
- c) bradava.
- d) elogiava.
- e) achava.

QUESTÃO 11

No trecho “*Não adverti que assim confirmava a denúncia de José Dias*”, aparece a palavra *assim*, que faz parte do grupo de instrumentos linguísticos que ligam as partes do discurso e promovem a coesão do texto. Ela remete a algo que já foi dito, isto é, ao contexto anterior. No presente, refere-se

- a) aos elogios feitos por prima Justina.
- b) ao pedido de ajuda feito à prima Justina para não ser mandado ao seminário.
- c) à maneira como Bentinho reagira diante dos elogios de Justina a Capitu.
- d) ao fato de Bentinho não ter seguido o conselho dado por Capitu.
- e) ao receio e à discrição afetados por Bentinho.

QUESTÃO 12 (FUVEST)

A triste verdade é que passei as férias no calçadão do Leblon, nos intervalos do novo livro que venho penosamente perpetrando. Estou ficando cobra em calçadão, embora deva confessar que o meu momento calçadônico mais alegre é quando, já no caminho de volta, vislumbro o letreiro do hotel que marca a esquina da rua onde finalmente terminarei o programa-saúde do dia. Sou, digamos, um caminhante resignado. Depois dos 50, a gente fica igual a carro usado, todo o dia tem uma coisa dando errado, é a suspensão, é a embreagem, é o contrafarto do mesocárdio epidítico, a falta de serotorpina folimolecular, é o que os mecânicos e médicos disseram. Aí, para conseguir ir segurando a barra, vou acatando os conselhos. Andar é bom para mim, digo sem muita convicção a meus entediados botões, é bom para todos.

João Ubaldo Ribeiro. *O Estado de S. Paulo*, 6 ago. 1995.

Na frase “*Aí, para conseguir ir segurando a barra, vou acatando os conselhos*”, *aí* será corretamente substituído, de acordo com seu sentido no texto, por:

- a) Nesse lugar.
- b) Nesse instante.
- c) Contudo.
- d) Em consequência.
- e) Ao contrário.

QUESTÃO 13

Leia com atenção o texto que segue:

Se o seu relacionamento com a balança anda um pouco pesado, conheça Slim Shake. Um alimento balanceado que substitui uma refeição. Slim Shake faz você emagrecer da maneira mais inteligente que existe: bem alimentado. Porque Slim Shake

tem 50% das suas calorias provenientes de proteínas, que são essenciais para um emagrecimento correto: perder gordura e nunca músculos — tecidos magros. Isso significa perder peso e não saúde. Manter a forma, mantendo o bom humor. Além das proteínas, Slim Shake contém fibras, vitaminas e sais minerais. Enquanto uma refeição normal traz em média 1200 calorias, um copo de 250 ml de Slim Shake contém 133,21 calorias (diluído em água) ou 233,46 calorias (misturado com leite desnatado). Um plano de emagrecimento de 3 semanas acompanha a embalagem do produto. Slim Shake é produzido pela Slim, fabricante do Zero-Cal. E está de acordo com o Codex Alimentarius International, da Organização Mundial de Saúde. Se você não pode comer, beba. Slim Shake. Chocolate, morango, baunilha ou cappuccino.
(Atendimento ao consumidor: 011-548-4766.)



O advérbio *bem*, que ocorre na chamada final do texto, pode estar modificando *emagreça* ou *alimentado*.

- Supondo que se refira a *emagreça*, dê o significado do advérbio e transcreva passagens do texto que estão em coesão com essa relação e esse significado.
- Supondo que se refira a *alimentado*, proceda da mesma forma que no item a.

QUESTÃO 14

Os dois trechos que seguem foram extraídos da letra da música “Último desejo”, de Noel Rosa.

I) Perto de você me calo
Tudo penso e nada falo
Tenho medo de chorar.
Nunca mais quero o seu beijo
Mas meu último desejo
Você não pode negar

.....

II) Às pessoas que eu detesto
Diga sempre que eu não presto
Que meu lar é o botequim...

Na biografia de Noel Rosa, consta que a cantora Aracy de Almeida andou alterando a letra do ilustre compositor.

O amigo de Noel, Armênio Mesquita Veiga, deu-lhe a notícia nestes termos: "... em vez de '**Mas** meu último desejo', ela canta '**Pois** meu último desejo' e em lugar de 'Que meu lar é o botequim' ela diz 'que meu lar é **um** botequim'.

Diante da informação do amigo, Noel reagiu: "Juro que nunca mais dou música minha pra ela gravar".

João Máximo & Carlos Didier. *Noel Rosa, uma biografia*. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1990. p. 446-52.

Tem razão o compositor Noel Rosa de ficar irritado com as alterações que a cantora Aracy de Almeida introduziu na letra de sua canção.

a) Por que a conjunção pois é inadequada para exprimir a relação que vem expressa pela conjunção mas?

b) Sob o ponto de vista do significado, que diferença faz trocar o artigo o por um em "meu lar é o botequim"?

QUESTÃO 15

O mau uso dos mecanismos de coesão pode produzir efeitos perturbadores para a compreensão do texto. É o que ocorre no caso que segue.

Engulo o uísque e vou caminhando. Tenho um encontro com um empresário e um americano antropólogo que está com ele. Cinema, grana, outros papos. O burguês amigo meu fala sem parar nas tragédias da lucratividade nacional. Meu amigo fala muito "deles... deles... deles". Todo o mal do Brasil é culpa deles. O mundo e o país estão sendo destruídos por eles. Até que o americano não aguenta mais de curiosidade e pergunta:

“Who are they?” (Quem são eles?) Meu amigo para, travado. Quem são eles? Aí descubro o óbvio triunfal. Eles são os outros. São as forças ocultas que desculpam nossa omissão. Grande categoria descobri: eles. Todos nós falamos da desgraça nacional como se fosse feita por outros, seres impalpáveis que são responsáveis por tudo. Eles podem ser o governo, o operariado, os americanos, os jornalistas, até os judeus talvez... Todos, menos nós.

Arnaldo Jabor. *Os canibais estão na sala de jantar*. 5. ed. São Paulo, Siciliano, 1993. p. 19.

- a) Qual é o motivo de tamanha curiosidade do americano ao perguntar: “Quem são eles?”.
- b) Sob o ponto de vista argumentativo, o uso do pronome *eles/deles* seguidas vezes produziu um efeito de sentido favorável ou desfavorável para o falante? Explique sua resposta.

QUESTÃO 16

O uso descuidado dos anafóricos pode produzir ambiguidades que nos impedem de saber qual foi a intenção do redator ao escrever seu texto. É o que se dá com a passagem que vem a seguir:

Perante o tribunal, o menino identificou como seu agressor o colega do primo que frequenta a mesma escola que ele.

- a) A quem se refere o pronome relativo *que*?
- b) A quem se refere o pronome pessoal *ele*?
- c) Imagine que o pronome relativo esteja se referindo a *colega*. Reescreva o trecho, usando um pronome demonstrativo para indicar que o *colega* frequenta a mesma escola do *primo*.
- d) Imagine que o pronome relativo esteja se referindo a *primo*. Reescreva o trecho, usando um sinônimo de *colega* para indicar que o *primo* frequenta a mesma escola do *colega*.

LIÇÃO 25 EXERCÍCIOS

QUESTÃO 1

Sabe-se que se trata de incoerência argumentativa fazer uma asserção e comprová-la com dados que a contradizem. Muitas vezes, jornalistas, por incompetência ou má-fé, cometem esse tipo de incoerência.

A questão que segue, extraída do vestibular da Unicamp, põe em foco esse tipo de

problema.

O jornal *Folha de S. Paulo* introduz com o seguinte comentário uma entrevista recente (8/12/88) com o professor Paulo Freire:

“A gente cheguemos” não será uma construção gramatical errada na gestão do Partido dos Trabalhadores em São Paulo.

Os trechos da entrevista nos quais a Folha se baseou para fazer tal comentário foram os seguintes:

— A criança terá uma escola na qual a sua linguagem seja respeitada [...]. Uma escola em que a criança aprenda a sintaxe, mas sem desprezo pela sua. — Esses oito milhões de meninos vêm da periferia do Brasil [...]. Precisamos respeitar a [sua] sintaxe mostrando que sua linguagem é bonita e gostosa, às vezes é mais bonita que a minha. E, mostrando tudo isso, dizer a ele: “Mas para tua própria vida tu precisas dizer ‘a gente chegou’ [em vez de “a gente cheguemos”]. Isso é diferente, [a abordagem] é diferente. É assim que queremos trabalhar, com abertura, mas dizendo a verdade.

Responda de forma sucinta:

- a) qual é a posição defendida pelo professor Paulo Freire com relação à correção de erros gramaticais na escola?
- b) o comentário do jornal faz justiça ao pensamento do educador? Justifique a sua resposta.

QUESTÃO 2 (UNICAMP)

A história transcrita a seguir contrasta dois mundos, dois estados de coisas: o dia a dia cansativo do carregador e a situação imaginária em que ele se torna presidente da República:

Dois carregadores estão conversando e um diz: “Se eu fosse presidente da República, eu só acordava lá pelo meio-dia, depois ia almoçar lá pelas três, quatro horas. Só então é que eu ia fazer o primeiro carroto”.

O carregador não consegue passar para o mundo imaginário, e acaba misturando-o de maneira surpreendente com o mundo real.

- a) Qual é a construção gramatical usada nessa história para dar acesso ao mundo das fantasias do carregador?
- b) Que situação do mundo real ele transfere para o mundo de suas fantasias?
- c) Por que isso é engraçado?

QUESTÃO 3 (UNICAMP)

O trecho seguinte dá a entender algo diferente do que seu autor certamente quis dizer:

Malcolm Browne, também da Associated Press, deveria ter impedido que o monge budista em Saigon não se imolasse, sentado e ereto, impedindo o mundo de ver o protesto em cuja foto encontrou seu maior impacto?

Caio Túlio Costa, *Folha de S. Paulo*, 17 mar. 1991.

- a) Se tomado ao pé da letra, o que significa exatamente o trecho: "... deveria ter impedido que o monge ... não se imolasse" ?
- b) Se não foi isso que o autor quis dizer, que sentido pretendeu dar a esse trecho?

QUESTÃO 4 (UNICAMP)

Às vezes, quando um texto é ambíguo, é o conhecimento que o leitor tem dos fatos que lhe permite fazer uma interpretação adequada do que lê. Um bom exemplo é o trecho que segue, no qual há duas ambiguidades, uma decorrente da **ordem das palavras**, e a outra, de uma **elipse de sujeito**.

O presidente americano (...) produziu um espetáculo cinematográfico em novembro passado na Arábia Saudita, onde comeu peru fantasiado de marine no mesmo bandeirão em que era servido aos soldados americanos.

Veja, 9 jan. 1991.

- a) Quais as interpretações possíveis das construções ambíguas?
- b) Reescreva o trecho de modo a impedir interpretações inadequadas.
- c) Que tipo de informação o leitor leva em conta para interpretar adequadamente esse trecho?

QUESTÃO 5 (UNICAMP)

No vestibular Unicamp/91, havia uma questão baseada no engano do jornalista Gilberto Dimenstein, da *Folha de S. Paulo*, que, ao tentar explicitar "um círculo vicioso", confundia-se. Em sua coluna do dia 19/06/91, ele voltou a cometer exatamente o mesmo equívoco:

Dúvida procedente: até que ponto Collor também é "República de Alagoas"? Ou é seu refém? Não é sem motivo que apelidaram o porta-voz Cláudio Humberto Rosa e Silva de "biscoito Tostines". Não se sabe se ele continua porta-voz porque sabe demais. Ou se porque sabe demais é porta-voz.

Compare o trecho da publicidade do biscoito (“Vende mais porque é fresquinho ou é fresquinho porque vende mais?”) com o de Gilberto Dimenstein e responda:

- a) qual o trecho que, segundo o jornalista, justifica o apelido de Cláudio Humberto?
- b) como deveria ter sido escrito esse trecho, para que o apelido de Cláudio Humberto fizesse sentido?
- c) se Gilberto Dimenstein fosse coerente com sua maneira de construir círculos viciosos, como escreveria a propaganda do biscoito Tostines?

QUESTÃO 6 (UNICAMP)

A maneira como certos textos são escritos pode produzir efeitos de incoerência, como no exemplo: “Zélia Cardoso de Mello **decidiu amanhã** oficializar sua união com Chico Anysio” (*A Tarde*, Salvador, 16 set. 1994). É o que ocorre no trecho a seguir:*

As Forças Armadas brasileiras já estão treinando 3 mil soldados para atuar no Haiti depois da retirada das tropas americanas. A Organização das Nações Unidas (ONU) solicitou o envio de tropas ao Brasil e a mais quatro países, disse ontem o presidente da Guatemala, Ramiro de León.

O Estado de S. Paulo, 24 set. 1994.

- a) Qual o efeito de incoerência presente nesse texto?
- b) Do ponto de vista sintático, o que provoca esse feito?
- c) Reescreva o trecho, introduzindo apenas as modificações necessárias para resolver o problema.

TEXTOS PARA AS QUESTÕES 7 E 8 (FUVEST)

Leia os textos de propaganda adiante, dos quais o primeiro foi publicado em uma página e o outro na seguinte:

I Como limpar o pátio de uma concessionária usando um jornal	II A Brasilwagen está prevendo vender 5 000 carros novos e 2 000 usados este ano anunciando no Estadão
--	--

QUESTÃO 7

Confrontando-os, dê dois sentidos em que o texto I pode ser entendido.

QUESTÃO 8

Ainda em relação aos mesmos textos, explique:

- com que segmento do segundo texto você pode relacionar a palavra como do primeiro texto?
- com que segmento do primeiro texto você pode relacionar a sequência “vender 5 000 carros novos e 2 000 usados”?

QUESTÃO 9

A exploração da incoerência pode fazer parte de um programa intencionalmente arquitetado pelo construtor do texto para obter efeitos de sentido diversificados. Observe, por exemplo, o texto publicitário que vem a seguir:

Aruba, 20 de fevereiro de 1995
Queridos Ana e Paulo:

Aqui é o seu velho amigo Bernardo, falando diretamente de Aruba. Estamos nos divertindo muito. Nos mergulhos, podemos conhecer melhor os hábitos do *Hippocampus guttulatus*. O santuário ecológico de Babeli também é extraordinário. E as cavernas com desenhos indígenas, então? Você iriam adorar. Descobrimos também a fonte da juventude. E é do água salgada (ah! ah! ah!).

A noite, parecemos dois adolescentes. Andamos de mãos dadas e namoramos como nos velhos tempos. Até no cassino! O azul do mar é incrível e a areia, branquinha... A praia é bonita.

Ontem, eu brinquei de castelinho. O meu baldinho é verde e o da Elisa é vermelho.

Aqui é legau

UM BEIJO

BERNARD

Revista Imprensa, 92 :32-3, maio 1995.

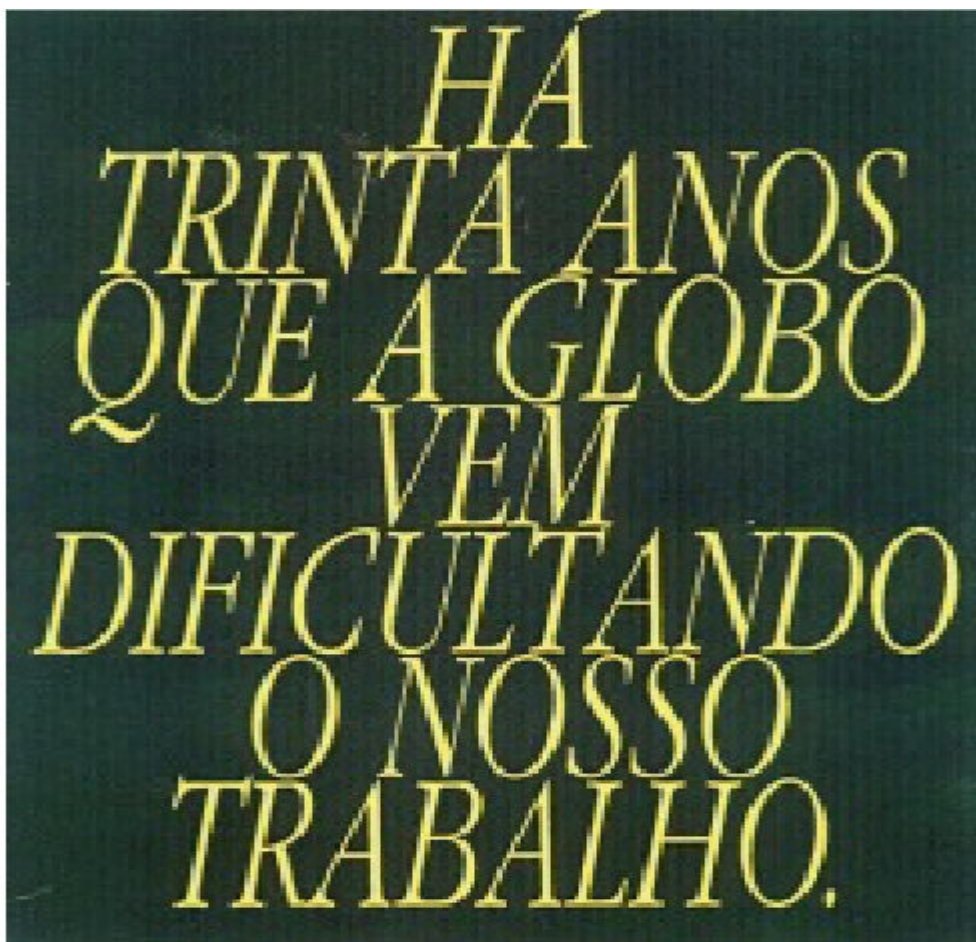
- A parte final do texto (sobretudo após a frase “Até no cassino!”), interpretada no seu sentido literal, contém uma incoerência gritante. Explique por quê.
- Interpretando a mesma passagem no seu sentido não literal, descobrimos nela um criativo efeito de sentido. Qual é esse efeito?

QUESTÃO 10

Na publicidade abaixo, aparentemente há uma gritante incoerência entre o trecho inscrito no quadro e a frase final.

A passagem intermediária, no entanto, desfaz a incoerência e torna o texto perfeitamente compreensível.

Traduza de maneira mais explícita o sentido dessa passagem intermediária, tentando explicar sua função para criar o sentido global do anúncio.



Revista Imprensa, 92 :75, maio 1995

O padrão de qualidade da TV Globo merece os melhores intervalos comerciais. Afinal, a gente não pode baixar o nível.

QUESTÃO 11

O pior tipo de defeito que um texto pode ter é significar o oposto do que o redator pretendia.

A propósito disso, leia o trecho que segue:

Crime racial - O olho da manchete de página do Diário Catarinense dizia: “Maurício José Lemos Freire, titular do primeiro órgão do mundo a tratar especificamente de casos de racismo, deu palestra em escola de Joinville”. Aí o título botou tudo a perder: DELEGACIA DEFENDE CRIME RACIAL.

Meu secretário ficou indignadíssimo:

“Considerado, que diabo de delegacia é essa que defende o crime racial? Quer dizer que se um monstro qualquer espancar um doce crioulinho como aquele Kennedy da falecida novela Pátria minha, é só correr para a delegacia que estará a salvo???”

Parece que é. Fascistas de todo o mundo, acorrei!

Revista Imprensa, 92 :31, maio 1995.

Essa incoerência foi provocada por um problema de estruturação sintática da frase. Qual é ele? Qual seria a versão adequada desse título?

QUESTÃO 12

O trecho que segue faz parte de uma longa entrevista que o diretor de telejornalismo da *Revista Globo*, Alberico de Souza Cruz, concedeu à *Revista Imprensa* do mês de maio de 1995, p. 44:

IMPRENSA — Você está se referindo a uma pesquisa recente, publicada na Folha de S. Paulo, mostrando que a Globo continua na liderança, mas perdendo audiência continuamente?

Alberico — Veja bem, aqueles números não são do meu conhecimento. Eu perdi um pouco o interesse de ler a matéria quando eles fizeram, na primeira página, uma conta que me surpreendeu. Disseram o seguinte: que o Jornal Nacional caiu de 60% para 45% e, portanto, havia perdido nesses anos 25 pontos. Ora, de 60% para 45% dá 25 pontos? Então passei a desacreditar dos números restantes. Não discuto aqueles números e a conta que a Folha fez. A Globo hoje tem o mesmo percentual de telespectadores que tinha antes; portanto, não está perdendo audiência. Talvez o número de aparelhos ligados hoje seja menor, porque você tem outras opções que não havia antes. Mas se você considera o número de aparelhos ligados, a Globo continua com 60% a 70%. Não sou um especialista nisso, houve talvez um processo de diminuição no número de aparelhos ligados, mas a participação da Globo tende até a aumentar.

Faz parte do jogo de coerência textual a compatibilidade entre os dados e opiniões expostos e os procedimentos argumentativos subsequentes.

Nesse trecho não se dá esse tipo de compatibilidade em mais de um momento.

Exponha e comente as incoerências presentes nesse trecho da entrevista.

QUESTÃO 13 (FGV-CEAG)

Reescreva o texto abaixo restabelecendo a ordem lógica dos períodos, sabendo que o primeiro e o último deles (em itálico) foram mantidos em suas posições corretas.

A década de 80 deixou saudade na Continental 2001, líder do mercado brasileiro de fogões: nunca a empresa, fundada há 67 anos, cresceu tanto.

O programa de qualidade e produtividade, até então restrito à produção, chegou às áreas administrativas.

Muitos serviços foram terceirizados, entre os quais os de ferramentaria, restaurante e dos trinta postos próprios de assistência técnica.

Seu pedaço de mercado chegou a 30%, e ela deixou para trás concorrentes como a Brastemp e a Dako.

Os lucros se sucediam no balanço.

Diante da luz vermelha, decidiu-se que era hora de reestruturar.

Só que, como não há bem que nunca se acabe, os tempos de fartura terminaram em 1991, quando a empresa colheu prejuízo de 5,6 milhões de dólares.

Só com esta medida, a empresa economizou 2 milhões de dólares.

Fonte: *Revista Exame*, 28 abr. 1993.